MARIA ALEXANDRA DE ABREU PEREIRA DE ALMEIDA FERRO

O PATRIMÓNIO, O SIMBÓLICO E A SEGURANÇA

- O CASO DOS AVIEIROS -

Orientador: Professor Doutor Manuel Serafim Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2015

MARIA ALEXANDRA DE ABREU PEREIRA DE ALMEIDA FERRO

O PATRIMÓNIO. O SIMBÓLICO E A SEGURANÇA

- O CASO DOS AVIEIROS -

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 17/07/2015, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 292/2015, de 09/07/2015, com a seguinte composição:
Presidente:
Prof. Doutor José Fialho Feliciano
Vogais:
Arguente
Prof. Doutor José Manuel Anes
Orientador:
Prof. Doutor Manuel Serafim Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2015

Maria Alexandra de Abreu Pereira de Almeida Ferro

O PATRIMÓNIO, O SIMBÓLICO E A SEGURANÇA
– O caso dos Avieiros –

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Sociologia
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Epígrafe

Se confessar que este romance me aterrorizou, depois de me deslumbrar, digo a verdade inteira.

Alves Redol

Redol, A. (s/d, p. 20). Avieiros. Mira-Sintra Mem Martins: Publicações Europa América

Dedicatória

Às Comunidades Avieiras

e a minha Mãe

Agradecimentos

Para elaborar esta Tese de Mestrado, reforcei os estudos e conhecimentos que já havia feito para obtenção do grau académico Licenciatura em Sociologia, obtida na ULHT, contactando com as comunidades que são a parte principal deste trabalho tendo sempre procurado colher todos os ensinamentos e sugestões de todos os Professores a quem muito devo.

Por tudo isso manifesto o meu apreço aos

Professores, Doutores da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

- Professor Doutor José Fialho Feliciano

- Professor Doutor Manuel Serafim Pinto, meu orientador desta dissertação, a quem remeto o meu agradecimento pelo apoio de quem, ligado ao tema, me foi dando, incondicionalmente, as directrizes para aqui chegar.

Ao Professor do Instituto Politécnico de Santarém

- Professor Dr. João Monteiro Serrano pela sua disponibilidade sempre presente.

A todos os colaboradores do Gabinete do Projecto Nacional da Cultura Avieira do Instituto Politécnico de Santarém.

Ao Professor do I.A.D.E.

- Professor Dr. Carlos Barbosa pela amizade e transmissão de conhecimentos.

Ao Sr. Engº. António Redol uma palavra de agracimento pela disponibilidade e carinho com que sempre me distinguiu, e pela paciência com que sempre me escutou.

A todas as Comunidades Avieiras por onde passei, colhendo informação e saber, muito especialmente à Comunidade Avieira da Póvoa de Santa Iria.

Ao Sr. Presidente da ACAPSI, Sr. Fernando Barrinho pela estima demonstrada ao lançar-me o convite para integrar as listas de candidatura à Direcção da Associação Cultural Avieira Póvoa de Santa Iria da qual hoje faço parte, bem como pela confiança que sempre

depositou em mim como Patrão local, confiando-me por mais de que uma vez a condução da bateira da ACAPSI no Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo. Também pelos ensinamentos conduzidos por uma estreita amizade que muito prezo.

A todos os meus entrevistados, membros das Comunidades Avieiras que se prestaram a fornecer as informações pedidas.

Aos meus colegas que incentivaram a levar este caminho até ao fim e com quem partilhei bons momentos de amizade.

À minha família, muito especialmente a meu Tio António João, que sempre se disponibilizou para me salvar de problemas informáticos.

Por último, àquela que sempre me incentivou a concluir este estudo e que nunca duvidou do valor cultural e patrimonial deste projecto – Obrigada, Mãe.

Resumo

No final do Século XIX, início do Século XX, Portugal assistiu ao maior fluxo migratório jamais visto.

A fome e as condições atmosféricas nos meses de inverno fazem com que pescadores da Praia de Vieira de Leiria, zona litoral centro de Portugal, rumem a sul, procurando nas águas calmas e generosas do Tejo e Sado, o sustento que o mar de Vieira lhes havia negado.

A luta pela sobrevivência fê-los regressar a Vieira na primavera e verão, quando o mar voltava a permitir o sustento.

No Tejo, viviam nos barcos por eles construídos com as técnicas trazidas da Praia da Vieira e que em escala menor seriam réplicas do meia-lua, elegante barco de mar, de pesca de arrasto, onde se pratica a Arte-Xávega.

Os principais pilares da Cultura Avieira, traduzem-se na casa palafítica, no barco, nos cais palafíticos, nas artes de pesca e na gastronomia, complementados pela religiosidade, a fala e o papel importantíssimo da mulher Avieira.

Foi em defesa deste património espalhado pelas Comunidades Avieiras que ainda se situam nas margens do Tejo à espera de urgente recuperação, que desenvolvi este trabalho que vai constituir a minha Tese de Mestrado.

Palavras chave:
Avieiros – Património – Simbólico – Segurança

Abstract

In the end of 19th century begining of the 20th century Portugal observed the biggest migratory system ever seen!

The hunger, the weather conditions of the winter monthes obliged the fishermen of Vieira De Leiria beach litoral center zone of Portugal to move to the south, searching through the calm and rich waters of Tejo and Sado, the food dinnied by the sea.

The fight for survival made them come back to Vieira in the Spring and Summer when the sea will be ready for Food

They lived in the river Tejo in the boats built by themselves through the tecnics brought from Vieira beach. The boats were similars to a special one called ´Meia Lua´an elegant boat for ´fishing of trawl-net, in which one they practice Xavega Art a special art of fishing.

The main supports of Avieira Culture aere the Palaphitic house, the boat, the Palaphitic piers, the arts of fishing and gastronomy complemented by the Religiosity, language, and the very important contribute of the Avieira woman.

Because of these elements are still existing at the Tejo edge waiting for an urgent recuperation, it was for me a must to do this work of search to defend my tese of Mestrado.

Key words:
Avieiros – Patrimony –Simbolic – Security

Abreviaturas

A.A Mar A Costa – Associação A Mar A Costa, da Costa de Caparica

A.A.C. – Associação dos Amigos das Caneiras

A.A.E. – Associação dos Avieiros de Escaroupim

A.C.A.P.S.I. – Associação Cultural Avieira da Póvoa de Santa Iria

A.I.D.I.A. – Associação Independente Para o Desenvolvimento Integrado de Alpiarça

A.N.S. – Associação Naval Sarilhense

A.P.A.E.T.T. – Associação dos Proprietários e Arrais das Embarcações Típicas do Tejo

A.P.C.A. – Associação para a Promoção da Cultura Avieira

A.P.V. – Associação Palhota Viva

A.R.F.B.R. – Associação do Rancho Folclórico de Benfica do Ribatejo

ALBANDEIO – Grupo Etnográfico de Danças e Cantares de Alpiarça

C.M.P. – Confraria Marítima de Portugal

I.P.S. – Instituto Politécnico de Santarém

R.T.O.A.V.F.X. – Rancho Típico Os Avieiro de Vila Franca de Xira

Índice Geral

Epígrafe 1
Dedicatória 2
Agradecimentos 3
Resumo 5
Abstract 6
Abreviaturas 7
Índice Geral 8
Índice de Figuras 11
Índice de Fotografias 12
Introdução 13
Capítulo I – Enquadramento teórico-metodológico 16
1 – Arquitectura conceptual 19
1.1 – Património como processo social 20
1.2 – O simbólico e a identidade 25
1.3 – Sobre o conceito de segurança 30
2 – Metodologia 33
2.1 – Questões metodológicas 35
2.2 – Do modelo teórico ao modelo analítico e problemática 38
Capitulo II – A preservação do património e o reconhecimento social 42
1 – A emergência de uma população 45
2 – A especificidade dos meios e dos modos de vida 51
2.1 – O barco 53
2.2 – A casa 56
2.3 – O traje 57
2.4 – A gastronomia 58
2.5 – A religiosidade 60
3 – Do património popular ao património institucional 64

Conclusão ……71
Bibliografia ……..74
Livros ……75
Artigo em Revista ……..77
Comunicações ……77
Folhas Informativas editadas pelo Instituto Politécnico de Santarém ……..78
Texto a publicar ……79
Web site ……79
Glossário ……..80
Terminologia utilizada no meio avieiro ……81
Espécies de peixes capturadas ……...83
Aldeias Avieiras ……..…84
Apêndices ……85
A – Fontes do trabalho teórico ……...86
Apêndice I – Diário de Campo ……..…87
Apêndice II – Lista de entrevistados ……....98
Apêndice III – Guião de entrevista ……100
Apêndice IV – Entrevistas ……..102
Entrevista nº. 1 ……...103
Entrevista nº. 2 ……...107
Entrevista nº. 3 ……...111
Entrevista nº. 4 ……...116
Entrevista nº. 5 ……...120
Entrevista nº. 6 ……...124
Entrevista nº. 7 ……..…..128
B – Fontes da observação directa ……..…132
1 – Palestra sobre a Cultura Avieira na Escola do Cartaxo ……133
2 – Folha Informativa Nº 30-2011
Festas de Nª. Srª. da Piedade Póvoa de Santa Iria ……...138

3 – Vivências do 1º. Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo……144

3.1 – Folha Informativa Nº 26-2013

1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo – 27.05.2013

– 3ª etapa – Caneiras – Valada ……...….145

3.2 – Folha Informativa Nº 30 -2013

1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo – 29.05.2013

– 5ª etapa – Vila Franca de Xira – Póvoa de Santa Iria ……...167

4 – Identidade e Cultura das Comunidades Avieiras do Tejo e do Sado …...208

5 – A comunidade Avieira – *Avieiros da Póvoa de Santa Iria* ……...216

Anexos ……....226

Índice de Figuras

Fig. 1 – Modelo teórico/conceptual ……..38

Fig. 2 – Modelo empírico/analítico …….39

Índice de Fotografias

Foto: 1 – A casa Avieira. …….57

Foto: 2 – Outro aspecto da casa Avieira. …….57

Foto: 3 – Traje Avieiro. ……...58

Foto: 4 – Outro aspecto do traje Avieiro. ……58

Foto: 5 – Sável frito. ……59

Foto: 6 – Arroz doce. ……...59

Foto: 7 – Torricado. …….59

Foto: 8 – Bênção dos Barcos 2014. ……62

Foto: 9 – Bênção dos Barcos 2012. ……62

Foto: 10 – Bênção dos Barcos 2013. ……...62

Foto: 11 – Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo. ……63

Foto: 12 – Coroação de Nª. Srª. dos Avieiros e do Tejo. ……...63

Introdução

Este trabalho constitui um estudo sociológico sobre os Avieiros, pescadores oriundos da Praia de Vieira de Leiria, que na impossibilidade de enfrentarem o agreste e perigoso mar da Vieira, principalmente nos meses de Inverno, se viram sem sustento pelo que resolveram vir instalar-se nas margens do rio Tejo e do Sado, dando assim origem ao mais importante movimento migratório conhecido em Portugal, entre os finais do Século XIX e início do Século XX.

A sua enorme coragem levou-os a começar uma vida nova, onde também nada lhes era garantido, mas onde o engenho e a arte falaram mais alto e do nada souberam construir uma cultura de tal maneira rica que levou estudiosos e investigadores a propor a candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional.

Com este estudo pretende-se chamar a atenção para a preservação do património construído por esta população que povoou a borda-d'água.

As técnicas utilizadas por estas pessoas, que hoje em dia já são alvo de vários estudos multidisciplinares, a exemplo temos as embarcações, que diferem na sua engenharia conforme se encontram a montante ou a jusante do rio, as técnicas utilizadas na construção das casas, que consoante a localidade onde se situam sofrem alterações na arquitectura, na maneira como colocam as tábuas ou na forma como implantam as estacas para o seu suporte, outro aspecto a ser estudado é o significado das cores dos barcos e das casas nas várias aldeias e a forma como falam, a religiosidade ou a sua gastronomia.

São estes alguns dos aspectos que se não forem tomados em conta, não será preciso muito tempo para que se percam de vez muitos…, senão todos estes saberes ancestrais, porque as gerações mais novas, agora já com estudos, tem tendência a afastar-se dos mais velhos e de tudo que diz respeito à pesca. Assim, os conhecimentos que as gerações mais velhas transmitem, já não chegam a tempo de ser aprendidos, ouvidos e entendidos por falta de tempo ou interesse dos mais novos, que quando vêm desaparecer os seus familiares, verificam ter-se encerrado assim, toda uma panóplia de transmissão de saberes de que eles eram detentores.

É este corte na transmissão de conhecimentos, e a vontade de alterar a borda-d'água com implementação de passeios ribeirinhos e locais de lazer, que leva à destruição de património, que pela sua originalidade já mais voltará a existir e se tenta salvar as poucas coisas que ainda resistem ao tempo.

Deste modo pretende-se obter resposta à grande questão que originou este trabalho que será saber qual a importância do património popular construído, para o desenvolvimento local?

A fim de se obter resposta a esta questão central e outras que surjam no decorrer desta investigação recorrer-se-á à realização de sete entrevistas, a informantes privilegiados, que devido aos conhecimentos e experiencia dos entrevistados, nos leve a perceber a relevância da preservação do património existente.

A análise de conteúdo das entrevistas em conjunto com a parte teórica e empírica deste estudo será o que vai permitir responder ao objectivo proposto.

Podemos agora dividir este trabalho numa primeira parte que será o Capitulo I, onde se irá abordar os conceitos e as operações metodológicas desta investigação. No que se refere à apresentação teórica o enfoque vai para os conceitos relevantes para este estudo utilizando para isso a pesquisa documental considerada mais adequada. No que se refere ao enquadramento metodológico, divulga-se a metodologia utilizada a partir do método e técnica de recolha de dados ajustados à problemática onde se irá definir os objectos e objectivos a investigar, e a técnica sobre a qual recairá a entrevista. De seguida far-se-á a elaboração do guião da entrevista apropriado aos informantes privilegiados que neste caso se traduzem num grupo de cinco Avieiros e outro grupo constituído pelo Sr. Coordenador do Gabinete da Cultura Avieira a Património Nacional e o Sr. Presidente da ACAPSI.

A segunda parte desta investigação, que será composta pelo Capitulo II, versará sobre a relevância de um estudo qualitativo, na perspectiva do objecto de estudo, ajustado às condições de segurança para a preservação do património.

É aqui que se fará a abordagem de como se dá a emergência das comunidades Avieiras, da especificidade do modo como vivem e do património que construíram. Para tal, foi necessário fazer-se recolha de informação através de pesquisa documental, de entrevistas aos informantes privilegiados, de conversas espontâneas com os Avieiros e de visitas às aldeias Avieiras.

Por fim, far-se-á uma conclusão na qual se dará conta da resposta à grande questão desta investigação bem como às questões secundárias inicialmente colocadas, deste modo, também iremos ter forma de poder confirmar ou infirmar as hipóteses levantadas.

Ainda convém referir que, para a elaboração desta dissertação, foram adoptadas as normas da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, segundo o despacho nº 101/2009, com o título "Actualização das normas para elaboração e apresentação de teses e dissertações na ULHT".

O novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa não foi aplicado na redacção desta dissertação, as incompatibilidades com o meu computador e a escassez do tempo para alterar o corrector automático levaram-me a esta decisão.

Capitulo I

Enquadramento teórico-metodológico

Capítulo I – Enquadramento teórico-metodológico

Com alguma curiosidade, a escolha deste tema surgiu no âmbito de uma visita, em Julho de 2008, à Exposição "*Vidas no Tejo um olhar sobre as comunidades avieiras*" organizada pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira – Divisão de Património e Museus – Museu Municipal de Vila Franca de Xira – Divisão de Turismo e Actividades Económicas – Sector de Turismo, que decorreu no Edifício do Celeiro da Patriarcal, em Vila Franca de Xira, de 4 de Julho a 31 de Agosto do mesmo ano.

Por ser para mim uma agradável descoberta, pois nunca tinha ouvido falar destas comunidades, populações de vida dura na apanha do sável, da enguia, da fataça[1], do polvo, do camarão, dos linguados, etc., surpreendeu-me logo saber que os pescadores com menos posses viviam todo o ano nas bateiras[2], onde, no meio da maracha[3], se abrigavam quer do sol quer da chuva, com um simples oleado que apenas lhes cobria uma parte da embarcação, porque nem todos podiam adquirir um segundo oleado que lhes pudesse tapar a bateira por completo.

À medida que vai surgindo trabalho na lezíria, estes homens e mulheres, acabam por trabalhar de dia no campo e de noite continuam a pescar.

Com trabalho fixo num determinado local, constroem pequenas «barracas» onde passam a viver e onde já podem deixar os filhos para que eles possam ir à escola, principalmente o filho varão que mais tarde irá à tropa e muito provavelmente virá a seguir o ofício dos pais, enquanto as meninas aprendem a tratar da «casa» e ajudam a cuidar dos irmãos.

Para além de pescarem e trabalharem, os campos são populações que não só fabricam as suas casas como constroem os seus instrumentos de trabalho: barcos e as respectivas artes de pesca[4].

[1]Espécie de peixe do rio comestível e comum em Portugal.
[2]Embarcação de rio que tem a proa e a ré a terminar em bico, como os meia-lua, embarcações de mar da praia de Vieira de Leiria que para melhor governo da embarcação devido à altura das vagas do mar tinham de ter curvatura suficiente para lhes dar estabilidade. No rio, e porque as vagas são menores, estas extremidades da bateira são menos altas e as medidas destas embarcações rondam entre os cinco e sete metros.
[3] Planta de porte variado que pode ser desde um arbusto até uma árvore de tamanho médio e tem a função de ajudar a suster as margens do rio, sendo mais conhecida por salgueiro.
[4]Vários utensílios usados para pescar como: redes, pandulhos, piteiras, covos, etc.

Deste modo, a construção social local encontra-se ligada ao património, à cultura, à mudança e ao simbólico que é pertença desta população que se vai sedentarizando ao longo das margens do rio Tejo e Sado. Significa, portanto, que estes termos significantes, na construção social local deverão ser tratados como conceitos para o trabalho de investigação.

É com a epistemologia que podemos encontrar e articular os conceitos que vão estruturar todo e qualquer trabalho que se venha a desenvolver. São eles, os conceitos, que permitem que se faça a análise empírica, comandada pela metodologia, onde o método dará a lógica da construção da análise que se pretende fazer. A epistemologia comandará toda a operacionalização conceitual e metodológica.

Em primeiro lugar, e mesmo antes de explicar a metodologia, deve-se objectivar o que se pretende estudar, para um melhor entendimento de quem lê o trabalho pela primeira vez.

Com esta preocupação passa-se a referir a determinação dos objectos de que se destaca o «objecto real», ou o tema que se pretende estudar, que é «o Património, o Simbólico e a Segurança – O caso dos Avieiros – ». Contudo, para se entender e conseguir explicar o «objecto real» é necessário determinar o «objecto de estudo» que será o «Processo de construção do património e a importância da sua preservção ou da sua segurança». A lógica assenta na importância, ou não, desse património e da sua valorização. O «objecto científico», por sua vez, encontra-se na «sociologia da segurança» e o «objecto empírico» está centrado nas pessoas que construíram esse património e os que apostaram e apostam na sua preservação aliado ao objectivo do desenvolvimento dessa população.

Para este trabalho que é um estudo de caso sobre os Avieiros – constituindo-se como uma investigação empírica teoricamente orientada – escolheu-se como método por se apresentar, em lógica e coerência, como o mais adequado, o método hipotético-dedutivo. Como técnicas deverão ser aplicadas as «entrevistas em profundidade» onde se utiliza uma metodologia «intensiva qualificativa». Com qualquer outra investigação que pretenda saber algo de novo, levanta-se sempre uma preocupação central que, no caso, se concentra «*na identidade dos Avieiros e sobre a preservação ou segurança desse património*».

No decurso deste trabalho, teve-se em atenção algumas preocupações epistémicas porque a epistemologia, fazendo parte da teoria do conhecimento, leva-nos ao estudo do conhecimento sobre a realidade, na sua essência, bem como das suas respectivas restrições. De facto, uma vez que se compreende o estudo sobre o conhecimento, pretende-se consolidar a possibilidade do ser humano obter o conhecimento com a maior aproximação à realidade. A prática da epistemologia, para além das operações teóricas, acaba por incluir o estudo do método, fundamentalmente por se focar na procura de estratégias para a ampliação do conhecimento.

Corroborando esta ideia, "[…] a existência de um corpo teórico torna-se imprescindível para, dentro da prática epistémica, passar do senso comum ao racional, à reflexividade e desta à realidade que se pretende explicar" utilizando o método científico como meio "para atingir um fim concebido na estratégia de investigação" (Pinto, 2010, p. 9).

1 – Arquitectura conceptual

É na arquitectura conceptual que podemos ter uma perspectiva dos fundamentos estruturais científicos da investigação e a ligação destes a outras influências do conhecimento, isto é, a outros ramos da ciência como a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a Etnografia... É com este enriquecimento teórico que se consegue delinear quais os conceitos a serem trabalhados para se poder responder ao problema ou os problemas que se nos deparam.

Sem dúvida, são os conceitos a chave do modelo conceptual para a construção teórica que nos encaminha para uma visão particular da investigação, uma vez que é a partir destes que se constroem os modelos conceptuais, que tentam explicar globalmente os fenómenos. Deste modo, o modelo conceptual vai possibilitar que se reúna os conceitos estruturantes para se poder caracterizar o fenómeno que se pretende estudar.

Também Quivy e Campenhoudt (2005) mencionam que:

> " a conceptualização é mais do que uma simples definição ou convenção terminológica. É uma construção abstracta que visa dar conta do real. Para isso não retém todos os aspectos da realidade em questão, mas somente o que exprime o

> essencial dessa realidade, do ponto de vista do investigador." (Quivy e Campenhoudt, 2005, p. 121)

1.1 – Património como processo social

Património considera-se tudo aquilo que o ser humano tem por valor – material e imaterial ou económico, cultural e simbólico. Se bem que tenha uma forte ligação à economia, em termos sociológicos o conceito tornou-se muito importante, quer relativamente a sociedades específicas, quer à sociedade em geral. O caso do «património mundial» que – em termos de adjectivação se constitui como arquitectónico, arqueológico e natural … –, é hoje dinamizado pela UNESCO e transformou-se num elemento de prestígio internacionalmente reconhecido sobre a sociedade a que pertence.

Mas, para que se possa entender melhor o sentido que o papel cultural teve e tem nos processos de desenvolvimento, ou quais os valores que podem construir o património ou fazer parte desse património, vamos fazer algumas considerações, que podem dar uma maior precisão ao conceito a ser utilizado.

Na perspectiva jurídica refere-se que:

> " – Do ponto de vista jurídico – 'Património' é uma noção que define todos os recursos que se herdam, bens mobiliários e imobiliários, capitais etc., podendo ter, portanto, um sentido tanto privado como público. Em qualquer caso, o objectivo é garantir a sobrevivência dos grupos sociais e também interligar umas gerações com as outras (Rodríguez, 1997). Sob esta perspectiva tem-se em conta que, de uma geração a outra, o património pode ser acumulado, perdido ou transformado " (Pérez 2003, p. 231)

É através deste património, que as gerações vindouras têm contacto com os utensílios usados por um determinado povo, com uma determinada cultura, de uma região, país ou até determinado continente. É por meio deste «precioso bem», que os jovens têm a certeza de que estas pessoas existiram, pois muitas vezes, custa-lhes acreditar que essas gentes possam ter vivido entre nós tal é a distância no tempo.

É este património que sendo uma das fontes que transmite conhecimento às novas gerações, deve ser preservado e tido em segurança a fim de se manter como testemunho

«vivo» isto é, material real de uma época, de um país, de uma região ou localidade, que em nome da globalização já não poderá ser fabricado com os mesmos materiais ou com as técnicas originais, porque as normas que foram implementadas para a construção e as de segurança assim o exigem.

A adjectivação do património torna-se importante, no sentido de o definir com maior clareza como é o caso, entre outros, do «património cultural» e do «património natural».

Ainda segundo o mesmo autor:

> "[…] o que distingue a noção de património cultural da de cultura é a forma como a primeira se manifesta na representação da cultura, através da conservação e da transformação do valor dos elementos culturais. Da cultura não podemos patrimonializar nem conservar tudo, daí que o património cultural seja só uma representação simbólica da cultura, e por isso mesmo, dos processos de selecção, negociação e delimitação dos significados." (Pérez, 2003, p. 233)

Significa, portanto, que todos os elementos materiais e imateriais que foram utilizados na construção de uma determinada sociedade fazem parte deste património. No caso dos «Avieiros», como iremos ver, tudo o que lhes diz respeito nos valores, padrões e comportamentos, pode ser considerado como património cultural.

Seguindo a conceitualização de Funari, relativa ao património cultural,

> "– numa visão construtivista – (Prats, 1998) O património cultural é entendido como fruto de um processo de construção social, isto é, segundo as épocas e os grupos sociais, valorizam-se e legitimam-se uns bens patrimoniais e não outros. Por exemplo, no caso do Brasil há uma tendência para não patrimonializar o legado africano e indígena, nem tão pouco o dos subalternos" (Funari, cit in Pérez 2003, p. 233)

Mediante este ponto de vista, entende-se o património cultural como uma representação simbólica da identidade e/ou como sinónimo de cultura.

O património cultural numa perspectiva da herança do passado,

> "– numa perspectiva patrimonialista – O património cultural é a recuperação do passado a partir de uma perspectiva presente, para explicar a mudança dos modos de vida. O património cultural está integrado por elementos culturais que adquirem um novo valor através de um processo de 'patrimonialização', porém não é o mesmo que a noção de cultura. Poderíamos dizer que é uma intervenção na cultura. Os bens patrimoniais representam formas de vida de um grupo humano no tempo." (Rodríguez, cit in Pérez 2003, p. 234)

E é por representarem estas formas de vida dos grupos humanos através do tempo, que se torna importante a sua preservação e conservação. Só desta forma se consegue dar visibilidade às grandes transformações sofridas através da evolução dos povos no mundo actual.

Ashworth também é um autor mobilizado para a construção do conceito e menciona:

> "– numa óptica produtivista – O património cultural é entendido por esta posição como um recurso para o turismo cultural e para outras actividades económicas. Esta postura considera o património cultural como uma mercadoria que deve satisfazer o consumo contemporâneo, daí a necessidade de um processo de interpretação que converta recursos em produtos ou mercadorias necessárias para o funcionamento de um sistema de produção pós-industrial. Esta atitude segue o critério do consumo e o da procura, utilizando o património cultural como representação das identidades culturais." (Ashworth, cit in Pérez 2003, p. 234)

E nesta perspectiva encontramos algumas formas de promover esses recursos económicos, através de visitas guiadas ou não, a monumentos, eventos relativos a actividades da época como passeios: pedestres, náuticos ou aéreos, peças de teatro, recordações da passagem por esses locais através de objectos alusivos como: bordados, pinturas, esculturas de barro, madeira ou pedra, etc.

Ainda a este respeito Canclini faz referência a que:

> "– numa perspectiva participacionista – A recuperação e conservação do património cultural deve pôr-se em relação com as necessidades sociais presentes e com um processo democrático de selecção do que se conserva. Também deve estar ligada à participação social com o objectivo de evitar a monumentalização e a 'coisificação' de objectos, ou seja, é muito importante pensar primeiro nas pessoas e em seguida nos bens culturais. O participacionismo defende uma política do património cultural de opções claras: primeiro, o artesão, depois, o artesanato; e,

> paralelamente, locais com turistas, em vez de locais turísticos." (Canclini, 1999 b cit in Pérez 2003, p. 234)

Com isto, queremos pôr em evidência o trabalho das pessoas, ao longo do processo histórico, e mostrar a sua forma de vida através dos valores, dos usos e dos costumes.

A patrimonialização é, por sua vez, um processo que tende a fixar alguma permanência, porque determina um valor que é preciso conservar, restaurar e preservar. Já a cultura pode estar em constante mudança. Na sociedade ocidental, temos o exemplo da Revolução Francesa e da Revolução Industrial que alteraram os «padrões sociais» aceites até essa altura.

O património cultural acaba por ser circunscrito a um agregado de bens materiais e imateriais representantes de uma dada cultura – popular, pré-industrial ou industrial – numa visão histórica com uma representação simbólica, ou não fossem as ideias ou os objectos utilizados, fontes documentais que podem representar determinadas sociedades.

Ao valorizarem-se patrimonialmente são reconhecidos, em termos simbólicos como «relicários» do passado, obrigando à existência da vertente conservacionista, uma vez que esse património passa a constituir um bem que deve ser conservado.

Foi a partir do século XX que se verificou um grande esforço, no sentido de se preservar o mais possível tudo o que pudesse constituir património. Assim, através de um esforço conservacionista, face aos novos referentes culturais, como novos valores, modos de vida, saberes e conhecimentos culturais e sociais, dá-se um salto quantitativo e qualitativo no processo da activação do património cultural. Para a viabilização desta mudança, muito contribuiu o testemunho de arqueólogos, antropólogos, arquitectos, historiadores da arte, etc., pois são eles os responsáveis pela legitimação patrimonial selectiva, onde a certificação de valores dignos de serem patrimonializados e reconhecidos como bens de tutela pública, são vitais.

Nesta linha de pensamento de Alois Riegl (1987), historiador de arte, descrevia desta forma a maneira como eram atribuídos valores ao património cultural e que se indicam em síntese:

- O valor histórico reside na recordação de uma época, na recordação que a memória tem do passado.

- O valor de estético ou artístico leva-nos para um valor objectivo ligado à rentabilidade socioeconómica e política.

- O valor de antiguidade já nos remete para uma grandeza de subjectividade, emergindo o apreço pelo prazer, pelo antigo e pela vivência. Aqui enaltece-se o velho, o mais idoso, tornando-se prescindíveis conhecimentos históricos especiais, que vai fazer com que se torne num valor mais democrático.

- O valor de actualidade ou contemporaneidade realça o interesse dos componentes que integram o todo do património cultural.

A importância das fontes de informação, por sua vez, requerem-se fidedignas para a determinação da historicidade, sem desvio à construção dessa historicidade,

> "… pelo estabelecimento de 'fontes de informação' fidedignas. Ou seja, fontes que transmitam o 'conhecimento', que sejam fontes de 'saber' e que correspondem a um 'poder', vocacionado para o estabelecimento da paz e do desenvolvimento. Na verdade, essas fontes 'são instrumentos efectivos de formação e de acúmulo de saber, são métodos de observação, técnicas de registo, procedimentos de investigação e de pesquisa, são aparelhos de verificação'; de uma verificação que conduz ao 'eixo conhecimento-Verdade' " (Pinto, 2015, p. 32)

Segundo Llorens Prats (1997), sabe-se ser a maioria destes valores, insuficientes para se compreender a forma de atribuição de valor patrimonial público. Daí, o facto de se estudar os papéis de outros agentes sociais equitativamente envolvidos, através de especialistas, seja de interesse fundamental, nos processos de patrimonialização por estes poderem estar articulados a tensões, conflitos e negociações. A este respeito Michael Herzfeld (1991) referiu na sua obra, ao mencionar os confrontos de visões entre especialistas e habitantes do património cultural. Assim sendo, temos de ter em linha de conta os descoincidentes níveis identitários e os seus papéis na categorização e valorização de conteúdos ideológicos e axiológicos, a fim de que determinados componentes culturais com significação específica, num determinado contexto cultural, se transforme em signo identitário.

Temos assim, uma visão de como o património cultural se pode entender, não como sinónimo de cultura, mas como representação simbólica da cultura, pois se nem toda a cultura se pode «patrimonializar», toda a cultura se poderá conhecer e estudar. (Becerra, 1997). O

património cultural também se apreende como um «bem cultural» material ou imaterial, que diligencia caracterizar a identidade de um grupo humano.

1.2 – O simbólico e a identidade

O simbólico remete-nos para representações que valem por aquilo que representam numa determinada sociedade, isto é, cada vez que vemos um determinado símbolo identificamo-lo com o objecto, pessoa ou instituição a que se refere, sem que haja qualquer tipo de dúvida em relação ao seu significado. A não existência da dúvida deve-se ao conhecimento que se tem sobre essa representação ou ao saber ler o sinal que está representado.

Pinto (2015) reforça esta ideia quando afirma que "Os símbolos, enquanto representações concretas de realidades abstractas, tiveram, desde o passado, uma grande importância na transmissão da significação que incorporam." (Pinto, 2015, p. 72)

O pensamento simbólico é um processo de representação mental na qual o indivíduo analisa um determinado modelo concreto e a partir dele formula estratégias para a solução de um problema. (http://www.fmemoria.com.br/teoriaecritica/img/mercado_dos_bens_simb.pdf). A carga simbólica que foi produzida nesse processo mental depende do poder do símbolo que lhe deu origem. "O poder simbólico surge como todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida." (Bourdieu, 1974, p. 7). A exemplo, o sinal da Cruz ou o do Levante, têm uma carga simbólica internacionalmente reconhecida, porque são sinais mundialmente conhecidos e transmitem um significado imaterial e material que tem consequências no poder político e económico e social. Ambos tiveram emergência e estão inseridos em determinadas culturas.

A cultura, como foi referido, está em constante mudança, mas, enquanto cultura popular, constitui uma mudança gradual. Essencialmente, porque é um conjunto dos conhecimentos adquiridos que colaboram para a formação do indivíduo enquanto um ser social de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança de uma comunidade ou grupo de comunidades.

"O que une as sociedades é o facto de os seus membros se organizarem em relações sociais estruturadas segundo uma única cultura." (Giddens, 2008, p. 22)

A cultura circunscreve as produções materiais e espirituais de um povo, ou seja, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

> "Quando os sociólogos falam do conceito de cultura, referem-se a esses aspectos das sociedades humanas que são aprendidos e não herdados. Esses elementos da cultura são partilhados pelos membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. Eles formam o contexto comum em que os indivíduos de uma sociedade vivem as suas vidas. A cultura de uma sociedade engloba tanto os aspectos intangíveis – as crenças, as ideias e os valores que constituem o teor da cultura – como os aspectos tangíveis – os objectos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo." (Giddens, 2008, p. 22)

A definição de cultura, por sua vez leva-nos à necessidade de perceber o que se entende por identidade. Temos de ter em atenção as características da coisa de que se está a querer falar. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2006), identidade é o conjunto de características «físicas e psicológicas» essenciais e distintivas de alguém, de um grupo social ou de alguma coisa.

Para a sociologia, identidade é partilhar de várias ideias e de um determinado grupo. Deste modo podemos afirmar que se está em presença de um conceito multifacetado permitindo vários tipos de abordagens.

"A identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas." (Giddens, 2008, p. 29)

É através da eficácia na satisfação de necessidades do dia-a-dia de uma população ou comunidade, nos objectivos conseguidos, por meio de acções junto de entidades como Associações, Juntas de Freguesia ou Câmaras Municipais, que se dá respostas às expectativas das pessoas e que, quando bem sucedidas, levam a que esse trabalho seja reconhecido e prestigiado publicamente. É com o reconhecimento desse trabalho desenvolvido em prol da população ou de comunidades, que se ganha confiança e prestígio, e deste modo, passam a afirmar-se pela visibilidade das suas características próprias que lhes confere uma identidade própria.

Podemos proferir que um indivíduo forma a sua personalidade através da socialização, mas também a recebe do meio onde realiza a sua interacção social.

Porém, na construção da cultura não se pode omitir a tradição que, em termos sociológicos, corresponde à «tradição» entendida como a: "transmissão através de gerações do património cultural característico de um determinado grupo." (Birou, 1978, p. 410)

Tradição é o que se transmite de geração em geração quer sejam factos lendários, dogmas, memórias ou formas de pensar, usos e hábitos de uma sociedade.

"A tradição é o que une as ordens Sociais pré-modernas."

"A tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente." (Giddens, 1997; p. 80)

Portanto, sendo a tradição uma transmissão que influencia o presente, é ao mesmo tempo uma experiência social do passado que conduz à representação social que entra no campo do património.

Temos por exemplo a tradição da festa anual em honra de Nossa Senhora da Piedade, inserida nas festas da Cidade da Póvoa de Santa Iria, na qual é tradição realizar-se a bênção dos barcos dos Avieiros do mesmo local, como descreveu Ferro (2011)

> "…a cultura Avieira a *bênção dos barcos* – Avieiros e todos os outros – , realizada na noite do terceiro dia da Festa, junto ao cais seiscentista[5] da Póvoa de Stª. Iria, onde dezenas de embarcações, enfeitadas com festões e luzes, contrastavam com o negro da noite do cais. …" (Ferro, 2011, p. 3)
>
> "Nossa Senhora da Piedade, com Seu Filho morto em seu regaço, símbolo da religiosidade deste povo ribeirinho, encimava a proa de uma das embarcações, onde o Sr. Padre tomou o seu lugar a bordo, dando assim início à esta Festa tradicional do Tejo.
>
> De cânticos e preces à Virgem se encheu aquela noite, onde o rio tão calmo saboreou os momentos de devoção. O som das sirenes acompanhou a procissão das embarcações engalanadas.
>
> "Já todas em redor do barco que transportava a imagem de Nossa Senhora, no meio do rio, foram benzidas uma a uma, recebendo das mãos do Sr. Padre uma medalha, simbolizando e coroando o árduo trabalho desenvolvido e reconhecido ao longo de um ano.
>
> Ao recebê-las, todos os anos, beijam-nas e apertam-nas contra o peito em sinal de agradecimento à sua Virgem Protectora, Mãe a quem recorrem quando a angústia e

[5] Por lapso, a Folha Informativa (Ferro, 2011, pp. 4) refere «Cais seiscentista », quando na realidade se trata de un Cais setecentista.

> o desalento lhes aperta o coração, em nome de uma fé e religiosidade popular de arreigadas tradições." (Ferro, 2011, pp. 4)

Estas transmissões da tradição, são a prova de que há memória, e é este facto, que não deixa esquecer o que foi ensinado e transmitido pelas gerações mais velhas às novas gerações tornando-os elementos representativos de uma cultura.

É através da cultura que temos uma melhor percepção da maneira como vivem os povos, das diferentes realidades de cada país e das diversas formas de vivências dentro de uma dada população.

Tal como é referido por Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2006), o conceito de cultura é muito vasto, no entanto, numa definição elementar podemos definir cultura como se tratando do conjunto de produções materiais e espirituais de um povo. Assim, cultura é tudo aquilo que é produzido pela humanidade, sejam coisas concretas como artefactos ou imateriais, ideias e crenças.

"Cultura é todo um complexo de conhecimentos e toda a habilidade humana empregue socialmente." Além disso, "é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica." (Tylor, século XIX)

Em suma, é através do estudo feito aos comportamentos sociais, às coisas que o homem cria «conjunto de práticas e técnicas, símbolos e valores transmitidos em convivência social dentro de uma consciência colectiva», e que diferem consoante a localidade, o país, a religião, factores estes que não são indiferentes à vivência e sobrevivência do homem, que faz com que hábitos e costumes sejam diferentes, e levou a que se desse conta da grande diversidade cultural existente, e se criasse o conceito de Cultura, pelas tão diferentes formas de vida, em sociedade, a que os povos estão sujeitos, pois todas as culturas se diversificam, são dinâmicas e possuem uma organização própria.

É por esta razão, a existência de uma grande diversidade cultural, que acabamos por nos encontrar embrenhados num entrosamento tal de diversidades de culturas e de costumes, que acaba por ver surgir mudanças no quotidiano das sociedades através das influências culturais exercidas entre os vários actores sociais.

Uma mudança ou alteração, é sempre alguma coisa que vem transformar a vivência de cada um, subentende uma modificação que pode ser de carácter de circunstância, pessoal,

camarário, etc., ou situações futuras, por motivos imprevistos e incontroláveis, desejadas ou premeditadas.

Para que haja mudança, é inevitável estar-se sensibilizado para ela. Ter competência de percepção e aceitação de hábitos que efectivem essa vontade. Há que entender a dinâmica dessas mudanças, por questões de continuidade, para se poder ter um futuro mais tranquilo sem receios do que vai acontecer, pois até pessoas elucidadas temem alterações sociais, políticas, económicas, tecnológicas, culturais, ecológicas, etc., por ser um novo trajecto a percorrer.

A respeito das influências culturais Giddens (2008) escreve que "Entre os factores culturais que afectam os processos de mudança social nos tempos modernos, o desenvolvimento da ciência e a secularização do pensamento contribuíram para o carácter crítico e inovador da perspectiva moderna." (Giddens, 2008, p. 45)

Por estes motivos, é que se torna muito importante que haja referências através de objectos ou sinais, «os símbolos», com os quais nos identifiquemos com o que nos rodeia, sejam eles pessoas, locais ou ideias, numa sociedade, para que nos possamos enraizar e nos conduzam a uma identidade cultural.

Os símbolos, através da força da sua interpretação, são objectos que emanam segurança a quem se refugia no seu significado. Por exemplo, uma bandeira representa um determinado país ou países, Câmaras Municipais, Juntas de freguesia, Associações, Sindicatos ou Empresas, etc. Temos o caso da bandeira europeia – símbolo «re»conhecido mundialmente – e que representa a União Europeia e a unidade e identidade da Europa. Para quem se encontra fora do seu país sente que este símbolo de alguma forma o/a liga ao seu país se for um cidadão da Europa, se olharmos um traje podemos dizer com toda a segurança se ele é representativo deste ou daquele país, do norte do país ou das ilhas. Se olharmos um símbolo religioso, para a/s pessoa/s que se revêem nele/s através da fé, sentem segurança na sua maneira de encarar determinadas dificuldades na vida.

1.3 – Sobre o conceito de segurança

O vocábulo segurança abarca várias interpretações, assim, este conceito que provém do latim securĭtas, remete-nos para uma tranquilidade psicológica que segundo Birou "[…] resulta da certeza de que não há qualquer perigo a temer ou de que se está protegido contra as ameaças." (Birou, 1978, p. 367) Ele salienta a qualidade daquilo que é seguro, ou seja, aquilo que está resguardado de quaisquer perigos, danos ou riscos.

Na visão de Pinto (2015)

> "Ao falar-se sobre segurança interessa, desde logo, que se identifiquem duas situações: em primeiro lugar, é fundamental definir o 'conceito de segurança'; e, em segundo lugar, face à banalidade actual sobre o uso da palavra 'conceito' que o coloca numa linguagem comum, como é exemplo o 'conceito de refeição servido no espaço de um dentista', torna-se necessário demarcar que o 'conceito' que, ligado à matéria científica ou epistémica, se entende como a 'unidade de significação do discurso científico'. Um 'conceito' não é uma ideia, nem um modo de apresentar um produto, ou da melhor maneira de o consumir, e muito menos um modo de vida que se pretende por excelente, pelo prestígio, fartura e desperdício; um 'conceito' é uma construção que se requer precisa e concisa na coerência da sua emergência que se torna fundamental, no nosso caso, para o prosseguimento da investigação científica.
> Na verdade, uma coisa é a linguagem comum, traduzida pelo senso comum usado nas banalidades da conversação, ou como refere Parain, para citar um clássico, 'a linguagem é pela sua natureza uma abstracção, no sentido em que não manifesta a realidade, mas o que significa na verdade'; outra coisa, é a linguagem científica. E, se já da primeira linguagem, a comum, ressalta, de imediato, a necessidade de saber o que é a 'verdade', o mesmo, com maior pertinência, se verifica na 'linguagem científica.' (Pinto, 2015, p. 34)

Deste modo podemos pressupor que estamos perante alguma coisa que nos transmite certeza e confiança, alguma coisa que foi inspeccionada e certificada, de modo a que se cumpram todos os requisitos conforme as normas impostas pelas leis em vigor, e confirmadas/inspeccionadas pelas várias autoridades que estão encarregues de o fazer.

Alves (2008) também refere que:

"A segurança pode ser definida como um estado ou condição que se estabelece num determinado ambiente, através da adopção de medidas apropriadas à sua preservação e à conduta de actividades." (Alves, 2008 cit in Rocha[6], p. 13)

A segurança é um aspecto fundamental em qualquer lugar, seja ele amplo ou pequeno, público ou restrito, mundial ou nacional, assim, seja em relação aos locais que nos rodeiam como: o habitacional, de lazer ou de trabalho. Devemos ter em conta tudo que possa proteger pessoas, animais e bens. Deste modo, com a evolução tecnológica que nos vem envolvendo, dá-se o desenvolvimento de materiais e surgimento de uma panóplia de utensílios que trazem maior protecção e segurança às populações e aos móveis e imóveis que nos circundam. A exemplo, extintores, coletes de protecção/coletes salva-vidas, capacetes, luvas, placares de sinalização, alarmes, sinais sonoros e luminosos, meios de comunicação, telemóvel, via rádio/VHF, estradas, estruturas anti-sísmicas, rampas fixas ou elevatórias, etc.

> "Uma das grandes preocupações da actualidade centra-se na *segurança*, é uma noção implícita a todas as sociedades e emerge como a ideia de menor 'vulnerabilidade' às 'ameaças' que a evolução social produz e reproduz. Esta evolução transmite, de forma comum, a ideia de novos 'perigos' e de novos 'riscos' que interessam ultrapassar através do conhecimento do que se tem em presença. Neste aspecto o 'saber' torna-se fundamental para se encontrar a 'verdade' sobre a 'ameaça' e alcançar a *segurança*. Contudo, a *segurança* é um termo amplo que inclui um certo número de 'incertezas'. Quando se fala de *segurança*, no senso comum, é estar-se seguro; não existe uma definição conceptual consensual da qual se parta para a investigação científica com o objectivo de se estudar as razões e as causas da falta de *segurança* e a possibilidade da manutenção de uma *segurança*. Torna-se claro, numa primeira abordagem, que o conceito pode depender dos contextos e dos 'interesses' presentes nos contextos. Porém, a *segurança* e as acções que motivam a sua existência não podem ser assim tão díspares. Neste capítulo pretende-se encontrar um conceito sociológico que, pelo menos, possibilite uma problematização de partida para se poder entrar numa discussão de clarificação e de uniformização sociológica sobre o que é a *segurança* e as futuras acções que são necessárias para a sua existência, na sociedade contemporânea globalizada." (Pinto, 2015, p. 29)

A segurança é, em primeiro lugar, conquistada pela solidariedade.

[6]Manuel Fernandes Borlido da Rocha. Major Infantaria da GNR
Mestre em Direito e Segurança pela Universidade Nova de Lisboa. Director dos Cursos da GNR na Academia Militar e Professor Regente da Unidade Curricular Táctica da GNR II.
1 Este artigo é uma adaptação da dissertação apresentada à Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa.

Por solidariedade podemos dizer que é o comportamento adoptado por alguém ou por uma sociedade a uma causa. A solidariedade costuma ser movida por convicções de justiça e igualdade. Ou seja, a responsabilidade ou obrigações comunitárias que se possam ter perante uma colectividade a que se pertence e da qual também se beneficia, leva a que haja actos de acção generosa, bem-intencionada, de solidariedade. Isto é, de ajuda em situações de precariedade, risco ou calamidades. Como exemplos temos a Instituição Família, o Centro de Apoio ao Sem-Abrigo, o Centro de Acolhimento e Lar para Crianças em Risco, etc.

Conforme os estudos realizados por Émile Durkheim (1858-1917), na obra *Da Divisão do Trabalho Social*, podemos perceber que este autor trata a «solidariedade» como a força que mantinha a sociedade coesa. Esta coesão só seria possível através de duas formas, uma a que dá o nome de «solidariedade mecânica» e outra a «solidariedade orgânica», ambas decorrem da construção da sociedade.

A sociedade assenta na diferenciação social. Todo o ser humano acaba por exercer vários papéis sociais na sua vida, e isso, acarreta certo tipo de comportamento mediante o papel que desempenha perante as várias situações em que se encontra. Assim, não só a idade, sexo, escolaridade, religião, estado civil ou sector profissional, bem como ideias, valores ou interesses e aspirações diferentes, sejam os pontos que diferenciam os actores sociais membros dessa sociedade. Isto faz com que a vida em sociedade nem sempre seja tranquila e pela sua complexidade, origine conflitos. O conflito gera-se quando os papéis desempenhados entram em oposição com os comportamentos exigidos de um lado e do outro. Conflitos de valores, opinião ou de interesses que por sua vez fazem com que haja progresso e sobrevivência numa sociedade. Certo é, que todo e qualquer conflito deve ser regrado, isto é, mantido dentro de limites admissíveis numa convivência comunitária ou em sociedade. Por isso, através de teorias que explicam o conflito social, se tenta demonstrar a precisão de ordem social e integração, pelo aperfeiçoamento de políticas de consenso ou de coacção. Logo, podemos ver como o conflito é um factor de mudança e que acaba por gerar uma dinâmica social, passando a ser observado como um aspecto funcional da sociedade.

Segundo Ralf Dahrendorf (1929-2009) o conflito é um facto social e universal que acaba por ser necessário e que se resolve através da mudança social.

Karl Marx defende que o conflito era originário da dialéctica do materialismo e da luta de classes.

No que respeita à rivalidade, devemos ter em consideração a que traz benefícios para todos que estejam implicados na resolução de problemas, sejam eles de ordem social, empresarial ou particular. Isto é, uma competição pelo bem comum na estruturação de algum projecto, onde todos contribuam para a construção de um ideal, com a finalidade de progresso e dinamização para obtenção máxima de desenvolvimento.

Contrária à rivalidade surge o conceito de cooperação. Esta terminologia aponta para uma política de cooperação que foi aceite pela União Europeia, onde são congregadas e examinadas acções em áreas económicas, sociais e territoriais. Aqui o enfoque está nos mecanismos de inclusão e exclusão social e as respostas da sociedade. Por norma é através da coesão social que se consegue chegar a acordos de contratos sociais que reúnam mais igualdade de oportunidades através de políticas de reconhecimento.

Uma das formas de cooperação encontra-se na parceria. Por parceria podemos dizer que é uma associação de esforços entre dois ou mais actores, entre entidades, com objectivos determinados a fim de adquirirem os alvos a que se propuseram, isto é, pessoas que se relacionam em pressupostos que levam à dinâmica subjacente a determinados projectos.

2 – Metodologia

Todo o trabalho científico tem uma metodologia, que orienta a construção conceptual e o método: por um lado, o discurso científico assenta na articulação dos conceitos; por outro, a análise é comandada pelo método onde se incluem as técnicas de pesquisa e o tratamento dos dados. A metodologia torna-se essencial para o comando das operações da investigação na busca da verdade que se pretende encontrar, afastando a análise científica do senso comum.

Assim, para além do encontro das unidades conceptuais que constituem o modelo teórico, torna-se necessário definir o método e construir o modelo empírico que conduz com lógica e coerência a análise empírica.

Pinto (2015) reforça a relevância deste processo mencionando que

> "O processo científico, com a respectiva investigação que lhe dá vida e conteúdo formal, tem necessidade absoluta da prática epistemológica que comanda o processo científico e o seu desenvolvimento. É esta prática que determina a coerência e a lógica criando uma consistência na operacionalidade que permite ultrapassar 'rupturas' ou 'obstáculos epistemológicos' que decorrem de possíveis erros persistentes e 'resistência do pensamento ao Pensamento' " (Pinto, 2015, p. 83)

As metodologias qualitativas acarretam relevância quando considera os actores indispensáveis para compreender os comportamentos sociais de ordem ética e política, de forma a examinar as situações e dificuldades de uma dada sociedade, como no que respeita à ordem metodológica é um instrumento privilegiado da análise das experiências e de sentido da acção. (Poupart, cit in Guerra 2006, p. 10)

A opção de utilizar a metodologia qualitativa surge pelo facto de se enquadrar melhor no estudo para este trabalho: por um lado, porque se pretende a recolha da informação oral, objectivada e intensiva; por outro, porque é difícil poder fazer quantificações, em alguns aspectos, tais como os que se referem à religiosidade ou crenças, dados resultantes de entrevistas ou de documentos. Com esta metodologia o objectivo é ter uma compreensão alargada dos fenómenos.

Segundo Fortin (2009),

> "a metodologia qualitativa depende do paradigma naturalista, segundo o qual a realidade é múltipla e descobre-se progressivamente no decurso de um processo dinâmico, que consiste em interagir com os indivíduos no meio e de que resulta um conhecimento relativo ou contextual." A expressão «paradigma interpretativo» "designa o conjunto dos métodos qualitativos, que engloba particularmente a fenomenologia a etnografia, a teoria fundamentada, o interacionismo simbólico e o construtivismo." (Fortin, 2009, p. 26)

Assim, a perspectiva de Fortin (2009) vem corroborar o que foi anteriormente referido,

> "o método de investigação qualitativa consiste na descrição de modos ou tendências e visa fornecer uma descrição e uma compreensão alargada de um fenómeno (Parse,1996). Segundo o paradigma qualitativo, os fenómenos são únicos e não previsíveis e os esforços são orientados para a compreensão total do fenómeno estudado." (Fortin, 2009, p. 27)

A metodologia qualitativa "preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis." (Marconi e Lakatos, 2004, p. 271).

De resto, a «observação directa», a outra técnica utilizada para a recolha da informação «apêndice B» enquadra-se, totalmente, na metodologia qualitativa.

Seguindo a metodologia qualitativa, foram realizadas sete entrevistas com guião aberto, em profundidade, a informantes privilegiados que se dividiram em avieiros e não avieiros, sendo estes o Presidente da A.C.A.P.S.I.e o coordenador do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. Destas entrevistas, utilizando a análise de conteúdo, foram retiradas as informações que constam na análise empírica.

2.1 – Questões metodológicas

Fazendo parte integrante da metodologia, o método indica o caminho da investigação teórica e empírica e as ferramentas e meios para o percorrer. Deste modo, tornou-se necessário encontrar os conceitos que darão consistência à análise empírica promovendo a coerência e a lógica da investigação. Os avieiros, as pessoas que construíram esse património para o desenvolvimento local, enquanto «objecto empírico» centralizante da investigação, razão do encontro do «objecto de estudo» – «processo de construção do património e da sua segurança» – têm de ser definidos no processo histórico, pela sua importância na representação de uma sociedade diferente.

O método seguido, como foi anteriormente referido, é o método hipotético-dedutivo porque, através deste método, os investigadores seguem o paradigma naturalista que lhes vai permitir ter em conta a experiência de vida dos seres humanos e a forma como se relacionam

com o meio em que vivem, fazer a escolha de um dado fenómeno e através de um estudo aprofundado, analisar os resultados das informações recolhidas a fim de obter uma nova visão da realidade, isto é, dos problemas a serem solucionados, e fundamentalmente compreender a sua essência nos seus diferentes aspectos e do ponto de vista dos seus actores e do meio em que se movimentam, conforme nos explica Fortin (2009).

Ainda, segundo Gil (1999)

> "Quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenómeno, surge o problema. Para tentar explicar a dificuldade expressa no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tentar tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo procura-se a todo o custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la." (Gil, 1999, p. 30).

Nas «entrevistas em profundidade» onde se aplica a metodologia «intensiva qualificativa», ou seja, segue-se o guião da entrevista que se deve considerar «aberto», no sentido de permitir outras questões que decorram das respostas do entrevistado, explorando o máximo do saber que pode ser transmitido apêndice A nº 3. De resto, como diz Ruquoy (2005):

> "A entrevista é geralmente concebida quer sob um aspecto puramente técnico, como meio de obter informações, quer sob um aspecto banal ou jornalístico, como habilidade para fazer falar uma personalidade. Ora a entrevista, mesmo a mais superficial, é infinitamente complexa. Existe, indubitavelmente, uma técnica de entrevista, mas, mais do que uma técnica, é uma arte" (Ruquoy, 2005, p. 96).

Este autor reforça a ideia de se aplicar as entrevistas a informantes privilegiados, os que estão mais directamente ligados ao conhecimento sobre o «objecto de estudo» e à existência de um guião aberto que permita a exploração do conhecimento ou dos saberes. Deste modo, para além das informações constantes no planeamento das entrevistas haverá a possibilidade de alongar as questões face às novas respostas que, muitas vezes surgem inesperadamente. A técnica utilizada centrar-se-á, portanto, nas entrevistas realizadas, não só aos avieiros como aos informantes privilegiados que não sendo Avieiros fazem parte do Poder

Local ou que estão tecnicamente ligados ao processo de patrimonialização deste local, e na recolha das fontes documentais que carecem da análise de conteúdo.

Para este trabalho foram escolhidos no total de sete entrevistados apêndice A nº 2, sendo cinco Avieiros e dois com conhecimentos específicos, constituindo a amostra possível «obstáculo epistemológico» mas que se torna representativa na complementaridade com as fontes documentais inseridas no ponto Anexos.

A dificuldade em situar a problemática, que consiste em saber o «porquê da patrimonialização» e de «não haver uma maior divulgação nacional e internacional», levou-me a socorrer de uma «metodologia etnográfica» para o levantamento da especificidade dos modos de vida e de exploração locais. A hipótese levantada, a partir da questão anterior, é «se não seria melhor uma maior divulgação utilizando as novas tecnologias de informação – a internet – e a publicidade em jornais internacionais».

Obviamente, que no decurso do trabalho encontrei algumas dificuldades, fundamentalmente nas deslocações propositadas que tive de fazer a Vila Franca de Xira, a Santarém, Caneiras, Gloria do Ribatejo, Escaroupim, etc., para a busca de dados e informações. Contudo, com um pouco de persistência e dedicação, como é exigível para fazer este tipo de trabalho, tudo se foi fazendo, embora o tempo para a investigação seja escasso. Mas, o incentivo que tive da parte das Instituições e das pessoas locais, obrigou-me a continuar esta tarefa. No entanto, realizei um «diário de campo» com as visitas que fiz e que me foi útil, apêndice A nº 1.

Para a recolha de material empírico, utilizei a documentação recolhida na Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, a consulta de documentos e livros que me foi facilitada no Museu Municipal desta cidade, folhetos e itinerários divulgados pelo Posto de Turismo / Oficina de Turismo de Vila Franca de Xira, toda a informação transmitida através do Gabinete da Cultura Aviera e com a aquisição de vários livros publicados, folhas informativas e participação em eventos da iniciativa deste, bem como o testemunho dos próprios avieiros registado nas entrevistas realizadas durante visitas às comunidades avieiras apêndice A nº 4. Vou também utilizar como registo a minha participação nos congressos da Cultura Avieira, reuniões de trabalho, as várias cerimónias religiosas que integrei e vivências durante a participação no primeiro e segundo Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo apêndices A nº 5 e 6, B e Anexos.

Embora tivesse agendado mais duas entrevistas que considerava importantes na recolha de informação para este trabalho, fui surpreendida com a falta das pessoas em questão.

2.2 – Do modelo teórico ao modelo analítico e problemática

Podemos, a partir deste momento, face à teorização anterior e seguindo Popper, Popper construiu, inicialmente, um modelo de três fases para explicar a "aprendizagem por tentativa e erro" (Popper, 2001, pp. 18-30) que desenvolveu até atingir as quatro fases considerando os modelos como esboços lógicos. Assim, podemos criar um «modelo teórico» que, esquematicamente, pode ser apresentado do seguinte modo:

Modelo teórico ou conceptual

A patrimonialização decorre da articulação entre os conceitos anteriormente definidos, realizada com a coerência e a lógica que reproduz o respectivo modelo teórico.

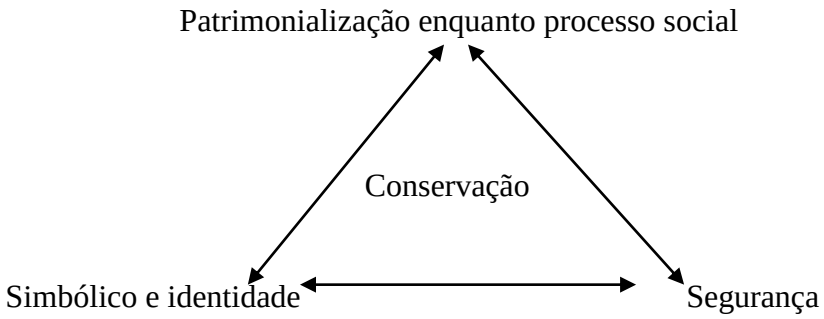


Fig. 1 – Modelo teórico/conceptual
Fonte: Elaboração própria

Torna-se claro que, nesta construção teórica, os conceitos estruturantes levam à necessidade do entendimento de conceitos secundários que dão consistência aos primeiros. Encontram-se, neste «estudo de caso», os conceitos da «identidade» e do «simbólico» que já fizeram parte da nossa explicação anterior.

Podemos então notar como a patrimonialização enquanto processo social influência o simbólico e identidade e como esta, por sua vez, interfere na patrimonialização enquanto processo social. O simbólico e identidade influência a segurança, como esta afecta o simbólico e identidade. Salienta-se ainda como a segurança não só é influenciada pela patrimonialização enquanto processo social como esta interfere na segurança. Assim, com o esquema do modelo teórico ou conceptual, torna-se mais perceptível a importância da conservação do património e da Identidade.

A preparação da investigação, em termos da análise empírica, levou à criação de um modelo que dará consistência – em termos de coerência e lógica – à investigação.

Assim, delimitaram-se três dimensões. Nestas dimensões, pelas razões que foram colocadas na construção do método e do campo teórico, estarão incluídos os conceitos estruturantes e os secundários que dão consistência às próprias dimensões e validam o trabalho empírico:

- a emergência de uma população;
- a especificidade dos meios e modos de vida;
- o património popular e o património institucional.

que esquematicamente apresentam a seguinte articulação:

Modelo empírico

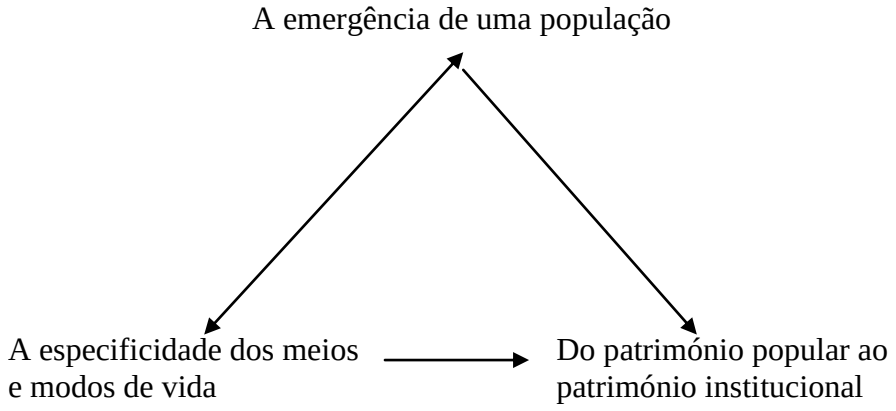


Fig. 2 – Modelo empírico/analítico
Fonte: Elaboração própria

Depois de encontradas a coerência e a lógica, a construção das dimensões apresenta alguma simplicidade: foi com a «emergência de uma população» que se construiu o local; dessa população, face à adaptação ao local e à dificuldade do trabalho resultou «a especificidade dos meios e modos de vida»; e, estas singularidades, materializadas em objectos materiais e imateriais, deram origem ao reconhecimento patrimonial, um processo como foi referido no quadro teórico, que é transmitido «do património popular ao património institucional».

Estas dimensões constituirão, portanto, os capítulos de onde emergem os subcapítulos que farão parte do trabalho de investigação.

Deste modo, a partir da «pergunta de partida» ou «grande questão» – GQ – formula-se uma problemática constituída pelas questões subsidiárias cujas respostas serão necessárias para o encontro da realidade sobre o «objecto de estudo» que emerge do «objecto real».

De facto, a pergunta inicial ou GQ (grande questão) será: – «Qual é a importância do património popular construído, para o desenvolvimento local?».

Porém, a questão é abrangente e requer duas questões secundárias ou subsidiárias, em termos de lógica e coerência, em matéria de desenvolvimento:

- Q1 (primeira questão secundária) – O património, centrado em termos económicos, como poderá ser exposto e explorado?

- Q2 (segunda questão secundária) – O património divulgado em termos culturais contribuirá para o desenvolvimento?

Parece, portanto, que o resultado – ou «somatório» – das respostas a estas duas questões, levar-nos-á a responder à GQ (grande questão), importa referir que a esta grande questão tem por hipótese central:

HGQ (hipótese à grande questão) – a preservação cultural, com a conservação e restauro de materiais patrimoniais e com divulgação «vários meios de comunicação social» e aposta no turismo leva ao desenvolvimento? A hipótese tem, ou parece ter validade, porque o património, sendo local, terá obrigatoriamente que ser visitado do exterior; mas senso comum é uma coisa, certeza científica é outra.

Relativamente à Q1 «questão secundária 1» as hipóteses serão:

Hipótese «HQ1.1» – Sensibilização das populações, dinamização do comércio e entidades circundantes às aldeias avieiras para conhecimento e divulgação da cultura avieira?

Hipótese «HQ1.2» – Hotéis rurais nas rotas avieiras a fim de uma maior possibilidade de permanência dos visitantes e maior integração e divulgação de uma localidade, bem como a descoberta de uma identidade?

Quanto à Q2 «questão secundária 2» levantam-se outras hipóteses que se articulam, em termos de lógica, com as hipóteses levantadas a partir da primeira questão secundária:

Hipótese «HQ2.1» – A preservação das aldeias avieiras para dinamização de eventos sócio-culturais?

Hipótese «HQ2.2» – As festas religiosas das comunidades avieiras, integradas nas festas locais, religiosas ou não, das várias regiões, como forma de alargar a divulgação cultural local?

As respostas a estas questões deverão ser encontradas no decurso da investigação empírica, que constitui a segunda parte deste trabalho.

Capitulo II

A preservação do património e o reconhecimento social

Capitulo II – A preservação do património e o reconhecimento social

Os Avieiros são, sem dúvida, uma população que embora pouco conhecida acaba por ter um vasto património construído que por ser único, tem todo o interesse em ser preservado e a sua relevância assenta nos aspectos particulares e capacidade de adaptação desta população ao meio ambiente.

Hoje não é possível recuperar tudo que foi destruído, mesmo que à réplica se imprima todo o saber. A originalidade do património destruído era única.

Sem se aperceberem da importância que poderiam vir a ter, não só as construções das pequenas barracas ou palheiros inicialmente construídas em caniços, com o intuito de guardarem as artes, como as casas em madeira que foram mais tarde aparecendo, maiores e de forma rectangular, semelhantes aos palheiros de Mira e da Praia de Vieira de Leiria que os Avieiros souberam como proteger das inundações do rio por força do aumento do seu caudal. Assentes em estacas de madeira ou pedra, arquitectura ditada pelo chão que as ia suportar para que se mantivessem acima do nível das águas durante o inverno e altura das chuvas, tornando-se assim numa construção palafítica, que hoje ainda poderá ser vista em algumas das Aldeias Avieiras ainda existentes.

Aqui podemos verificar como estas pessoas já tinham a preocupação de se sentirem protegidas de alguma forma. Na verdade,

> "A segurança surge-nos, desde o passado, em primeiro lugar, como uma 'condição' e, em segundo, como uma 'qualidade' necessária para o bem-estar individual e colectivo, tendo incorporado vários significados, mais ou menos abrangentes, em função dos contextos históricos e das realidades social, económica e política que se encontra em cada momento, apresentando este último significado, tanto quanto aparenta, uma importância para o encontro do 'conceito'." (Pinto, 2015, p. 38)

A vontade de criar, de ter uma vida mais digna, de deixar o barco sem quaisquer condições para a vivência de uma família, levou-os a desenvolver os seus conhecimentos, transmitindo à matéria-prima os sentimentos que os alimentava, com amor e simplicidade, mas com a certeza de que, o que construíam, tinha o seu cunho de originalidade e a esperança

de construírem um lar à semelhança de tantos que a sociedade adoptava como seu, sem que nela pudessem entrar.

Também na construção dos barcos e artes de pesca, com as novas tecnologias, já são outros os materiais que se utilizam.

Nas artes de pesca, a grande alteração verifica-se no facto de antigamente as redes serem feitas à mão, hoje com o cunho da globalização já são fabricadas industrialmente e apenas remendadas à mão sempre que necessário. O próprio isco, hoje é peixe de silicone, se bem que ainda utilizem os pedaços de peixe verdadeiro sobretudo quando estão a arranjar os aparelhos[7]e até na forma de recolher as redes que eram puxadas à mão, hoje são utilizados aladores[8].

Marginalizados, fechados no seu mundo, adoptaram as margens do rio para viver, de onde se alimentavam de alguns vegetais e ervas para a própria comida por eles confeccionada, de sabores únicos, onde nunca faltava o peixe, razão pela qual ali se encontravam e lutavam. Outras, eram ervas diferentes que serviam para a cura de males que vinham. Sem assistência médica, curados pela franja mais velha da comunidade, sabedora e experiente que com «rezas» e «trabalhos» afastavam as maleitas mais resistentes.

> "… a avieira idosa, principalmente (e quase só) a nascida na Vieira, conhecia muitas formas de terapêuticas populares.
> Para isso lançava mão de todo um conjunto de práticas curativas que iam desde a utilização das capacidades medicinais de ingredientes vegetais (menos frequentemente de animais) sob a forma de *chazes*, *emplastros*, pomadas ou *lambedouros* (de que falaremos adiante) até complexos e arcaicos cerimoniais de natureza mágica, apelativa e/ou esconjuratória, compostos de gestos, orações e cerimoniais operativos." (Lopes e Serrano, 2009, p. 113)

Os Avieiros preservaram a sua cultura desde a fala à gastronomia, das danças e cantares à religião, às crendices, às mesinhas e à espiritualidade.

A gastronomia, tendo como base o peixe do rio muito apreciado, faz com que sejam requisitados a confeccioná-la não só nas festas organizadas pelas comunidades, como nos restaurantes Avieiros e ainda em eventos onde o seu conhecimento, sabor e saber são postos à prova. A confecção dos mais gostosos pratos servidos pela comunidade, em nada fica atrás da mesma comida apresentada por cozinheiros reconhecidos, uma vez que o tempero e a

[7] Instrumento artesanal utilizado na pesca.
[8] Instrumento metálico em forma de bobine que puxa as redes para as embarcações.

preparação dos ingredientes em nada podem ser comparados. A mão enrugada e tisnada pelo árduo trabalho da pesca com frio, chuva, muito sol e também pelos anos de vida dedicados a esta arte de coragem, imprimem ao pescador, até pelo meio e condições em que as suas refeições eram feitas, a experiência, a alma e, sobretudo a «mão» que é posta em todas as refeições hoje por eles confeccionadas.

Praticadas em quase todas as Aldeias Avieiras e seguindo a tradição oriunda da Vieira, os pescadores desenvolvem o seu rancho ou grupo cultural de danças e cantares que se exibem não só na sua Aldeia, como nas festas populares para onde são convidados. Uma excepção à formação dos grupos é, por exemplo, o grupo formado apenas por mulheres na comunidade da Póvoa de Santa Iria e que se intitula o *Grupo de Marchas das Mulheres Avieiras*.

O elevado grau de analfabetismo entre a população mais idosa, fruto das dificuldades vividas, origina uma dialéctica muito própria que para quem ouve, muitas vezes só o escutar com muita atenção não chega para conseguir o objectivo da palavra pronunciada sendo, no entanto, de registar a diversidade da linguagem, bem como a riqueza e a desenvoltura do pensamento.

1 – A emergência de uma população

É no século XIX início do século XX que a Praia da Vieira de Leiria assiste a uma das mais importantes migrações internas que Portugal conheceu. Como comprovam os estudos de Amorim Girão[9] referido no artigo *Identidade e Cultura das Comunidades Avieiras do Tejo e do Sado*, apêndice nº 9, p.2.

As migrações dos Avieiros, pescadores da costa litoral central que por falta de condições para irem ao mar, rumaram ao Tejo e Sado.

O mar da Vieira não trazia condições de vida estável para eles nem para as suas famílias.

Mar de medo, revolto, de forte rebentação e ondas altíssimas, sem permitir a saída da companha para a faina, apenas lhes trazia a fome e os naufrágios, principais motivos para a

[9] In: *Geografia de Portugal*. No mapa de migrações internas portuguesas, aí se assinala o percurso dos Avieiros desde a Praia de Vieira até à região do rio Tejo.

movimentação desta massa humana à procura de trabalho e protecção para a família. Nada mais prendia aqueles homens à costa litoral central, desprovidos de sistemas de segurança uma vez que o regime político instalado nada lhes garantia.

> "Actualmente, a segurança das pessoas tende a ser um 'direito' e é uma das preocupações de âmbito internacional, juntando-se o 'interesse individual' ao 'interesse colectivo' e não existindo um sem o outro. Neste sentido, os termos 'direito `vida' ou 'dever' de ingerência, confundem-se dentro do sentido humanitário. Nos finais dos anos 80 emergiu a designação de 'direito de assistência humanitária' ou 'dever de ingerência humanitária'.Foi aplicado, pela primeira vez, pelo Professor de Direito Internacional Público Mário Bettati, da Universidade de Paris II, e por Bernard Kouchner, ex-ministro da saúde em França e que teve seguimento na ONU. Este 'dever' e 'direito' encontram-se na 'obrigação' de prestar ajuda às populações em risco, decorrente dos princípios da Declaração dos Direitos Humanos (do Homem) e propõe uma 'nova ordem mundial' (Pinto, 2015, p. 39).

O rio Tejo e Sado eram a promessa de peixe, tal como um jardim de onde podiam colher o sustento sem arriscar a sua própria vida, nem a vida da família que deles dependia. A esperança de um futuro melhor, embora adivinhando as dificuldades por que iriam passar, levou-os em princípio a dividir as suas vidas, passando o verão na Vieira para a pesca da sardinha e o inverno no Tejo para a captura do sável, peixe migrador que vem desovar no início do inverno e que é comercializado a um alto valor.

À medida que se fixavam, procuravam fazê-lo junto às vilas ribeirinhas onde outras comunidades piscatórias também procuravam o sável. Todos com origem na Praia de Vieira de Leiria vieram encontrar gentes da Gândara, da Murtosa, de Ílhavo, de Lavos, Figueira da Foz, Tocha, litoral central de Portugal. Inseridos no tráfego comercial fluvial e terrestre, com o passar do tempo acabaram por não voltar à Praia da Vieira sem nunca renegarem as suas origens. Daí a importância da pesquisa realizada no ano de 2011 em Santarém, por altura da comemoração do 2º Dia Nacional do Avieiro, pelo Departamento de Microbiologia da Universidade de Aveiro, parceira no projecto de candidatura da cultura Avieira a património nacional, que através da recolha de amostras de saliva a membros da comunidade Avieira, se pretendeu identificar através do ADN, marcadores genéticos que permitissem estabelecer

relações e identificar linhagens nas gentes Avieiras relacionadas com outras existentes nas praias do litoral central Português[10].

Constata-se porém sempre que os Avieiros se encontram, o bom relacionamento entre eles, tendo imenso orgulho em mostrar as suas origens e o grau de afinidade que os une.

Mesmo quando afastados das povoações mais próximas, procuraram trabalho nos campos da lezíria, na altura em que o trabalho sazonal pede mão-de-obra.

São pessoas muito simples, mas de fibra, que acarretam no sangue uma forte vontade de lutar pela sua sobrevivência, que não esquecem os hábitos e costumes que lhes foram transmitidos e que fazem questão de os ensinar aos seus descendentes, acabando por fazer emergir uma cultura única no Mundo.

É esta cultura elemento de identidade local e regional, que estes homens e mulheres transportam e transmitem às populações que com eles convivem. É o barco Meia-Lua, barco de mar característico dos pescadores de Vieira, que se acha ter sido fonte de inspiração para a construção das embarcações avieiras do Tejo e Sado trazidas por eles no século XIX e que lhes serviu de casa, mesmo que a família fosse crescendo.

Não são tão-somente os homens e mulheres de borda-d'água! São herdeiros de uma cultura ancestral espalhada pelas margens do Tejo onde desde 1850, escrevem a história deste povo e destas aldeias que se perdem no tempo e onde os registos são parcos, sabendo-se simplesmente o que a boca transmite entre uns e outros.

Nesta altura, só havia os 'registos' das Paróquias, quando se efectuavam casamentos, baptizados ou funerais. Também os hospitais faziam registos dos seus doentes: quem eram, de onde vinham, que roupas traziam, etc. E assim se podia ter um pouco da visão da população que existia e das pessoas que eram atendidas. Muitos destes registos acabaram por desaparecer em situações de intempéries, fogos ou simplesmente por não haver como ler o que estava escrito. Outros mantiveram-se em bom estado e reunindo condições de serem consultados. Temos o caso dos Livros de Admissão de Doentes do Hospital de Jesus Cristo de Santarém enquanto tutelado pela Santa Casa da Misericórdia e os Documentos Avulsos que se encontraram no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, alvos de investigação por parte da Dr.ª Maria de Lurdes Véstia e Dr. Emídio Rafael.

[10] Conforme o exarado na Folha Informativa Nº 21-2011, publicada pelo Instituto Politécnico de Santarém.

> "Estes documentos são bem demonstrativos do carácter ilustrativo das condições de vida e de saúde da época, pois os livros estão organizados cronologicamente e as informações sobre os mesmos encontram-se descritas em colunas com as seguintes categorias: Data da entrada, Nome, Naturalidade, Cônjuge, Filiação, Idade, Ocupação, Fixação, Diagnostico, Objectos com que entrou. Data da Saída, Data do Falecimento, Observações. A rubrica «Objectos com que entrou», dá-nos uma noção, quase fiel, da condição socioeconómica dos doentes pela descrição aprimorada das roupas que traziam no corpo, a quantidade, qualidade e estado de conservação das peças, pela referência à existência de objectos de adorno pessoal em ouro e pelo pagamento de um sinal quando a situação económica o exigisse." (Véstia e Rafael, 2012, p. 23-24)

Como se pode também comprovar na dobra da contra capa do livro *Avieiros – Dores e Maleitas.*

Já instalados no rio, famílias inteiras saíam em companha[11] onde em pequenos barcos pescavam o sável, a enguia, a fataça, a lampreia, o robalo, o polvo, o linguado e até o camarão mouro. Era nas bateiras, assim se chamam as pequenas embarcações[12], que para além de instrumento de trabalho serviam para alojamento das famílias onde os filhos nasciam e eram criados, onde se enamoravam de bateira para bateira, debaixo do olhar atento dos pais, onde casavam e acabavam os seus dias.

Mundo cigano, onde presos às suas raízes vivem um mundo próprio de regras e costumes, fruto da rejeição a que se viram inicialmente remetidos pela população das regiões onde se instalavam e onde cada Avieiro tinha e ainda conserva a alcunha, nome pelo qual mais prontamente responde.

Hoje em dia, já se vai vendo como os Avieiros ficam contentes por haver maior divulgação sobre o que é a Cultura Avieira e por verificarem que são bem acolhidos pela população local, que à medida que tomam contacto com eles, deixa de existir a rejeição a que eram votados.

Apresenta-se o que se pretende descrever como povo que foi de peixeiras e pescadores que contra tudo e todos sobreviveram na dureza da arte da pesca, num mar incerto e traiçoeiro, que por vezes…, muitas…, levava consigo vidas demasiadamente verdes. Não serão tempos de que se possam envergonhar, de décadas de enormes sacrifícios físicos, fome e desesperança que se manteve até há bem pouco. Devem envergonhar-se sim, todos aqueles

[11] Conjunto dos tripulates de um navio ou barco de pesca que vão à faina.
[12] Também designadas por saveiros conforme a região do Tejo.

que contribuíram para esse pesadelo, na pouca ajuda e falta de meios postos à disposição para a resolução de tão grave problema vivido por esta gente do mar.

Ao povo da beira-mar, povo sofrido, trabalhador, só pode a honra ter sido honesto antepassado.

Quem eram, como viviam, quantos eram, como se relacionavam, como sobreviviam, estes homens e mulheres do final do Século XIX, e o que realmente aconteceu naquele trágico dia em que apesar de tudo e do mar, se fizeram à faina sem temor pela vida na busca do sustento das suas famílias.

Deveremos assim pensar nos vários naufrágios e especialmente no do *Salsinha*, célebre Meia-Lua – *o mais belo barco do mundo* – que no dia 15 de Novembro de 1907 se fez ao mar de rigoroso Inverno, na luta contra a fome pois há já algum tempo não iam ao mar. Numa acalmia da fúria que os vinha impedindo de ganhar o pão, saíram para lançar as redes. Já quando perto da praia e de regresso, o mar se agitou de novo ceifando as vidas daqueles bravos pescadores. Uns para a morte outros feridos, sem que, os que na praia clamavam pelo seu regresso lhes pudessem prestar auxilio. Espalhou-se a desgraça pelas famílias que reduzidas à miséria sem pão nem homens, enterraram os seus treze pescadores. A tragédia nacional que desabou na praia de Vieira de Leiria levou mais de três mil pessoas a assistir aos funerais, deixando que filhos continuassem sem pão e viúvas sem meio de sobrevivência. No intuito de minorar este infortúnio, vários foram os movimentos de solidariedade que se organizaram em favor das vítimas. Estes movimentos criteriosamente registados e liderados por uma Comissão de Auxílio, teve como figura principal o Sr. Prior dos Milagres, Padre José Ferreira de Lacerda, Pároco de Vieira de Leiria.

A mãe natureza se encarregou de semelhante desastre, maior ainda pela falta de condições de segurança. Naquela época, talvez só o uso de bóias pudesse ter salvo alguns destes homens que sem legislação adequada e obrigatória, não tiveram meios que minorasse tamanha desgraça. O peso das botas e dos oleados com que se tapavam, podem ter sido factores determinantes para um mais rápido afogamento, uma vez que os materiais usados na sua confecção, não obedeciam a regras de segurança.

No rio, os Avieiros pescam em família. E como todas as comunidades afirmam, o casal sai junto para o rio onde a mulher comanda a embarcação enquanto o marido se ocupa da faina e das redes, só corrigindo a «vara» quando isso é necessário.

Como ainda hoje diz Manuel do Vau, avieiro do Esteiro do Nogueira em Vila Franca de Xira, por mim entrevistado,

- Vida muito dura…, muito dura…! …Sabe?

E como afirmou Gerónimo da Silva, (2010)

> "Em locais onde os raios solares incidem, a temperatura é amena. Já o mesmo não se poderá dizer à sombra dos salgueiros, onde uma brisa sopra. E é aí, a bordeja-los, que António Silva, de barco vai colocar as redes, os botirões, um género de nassa ou narsa, mas de maiores dimensões
>
> Sozinho a tarefa nem sempre parece fácil, tanto mais que o último *alevantar* das redes o Tejo ia com muito mais água e, por via disso, aquelas ficaram penduradas lá no alto das ramagens dos salgueiros.
>
> Agora, é preciso algum malabarismo para, empoleirado no bordo do barco, as alcançar e colocar novamente na água.
> Mas a experiencia de mais de meio século nestas labutas torna fácil o que a nós nos pareceria difícil.
>
> Habilidade também é necessária para espetar (com a força dos braços e a ajuda de pedras colocadas estrategicamente em vários pontos da draga) no fundo do rio as varas (rabeiras) onde serão enfiados e fixos os botirões. (…)
>
> Com o tempo a não haver meio de aquecer, vêm à memória outros tempos onde mesmo em dia de geada, se andava descalço dentro do barco e pelos campos.
>
> Os pés já andavam calejados, já nem sentiam o frio. As primeiras botas que pus nos pés, tinha eu 17 anos, andava em frente da Boavista [quinta situada do lado lá do Tejo, já no concelho de Santarém, quase defronte ao Patacão de baixo], a meter maracha por conta da Hidráulica. Ia todos os dias, antes de nascer o Sol, daqui, para o Patacão, a pé, a pisar gelo. Andávamos a ganhar 25 escudos. Era só miséria, mas nessa altura um fulano vivia mais tranquilo, mais alegre que vive agora." (Jerónimo, 2010, p.1-2)

2 – A especificidade dos meios e dos modos de vida

Aos meses curtos de companha sucedia-se o regresso à Vieira, muitas das vezes a pé, dando inicio à nova companha de Verão. O sustento do mar durava pouco e no fim do Verão lá voltavam eles ao Tejo, actividade que começou a tornar-se mais frequente do que o que se poderia esperar.

Sempre apoiada na família, a Comunidade Avieira não era um núcleo restrito, mas sim, um leque alargado da família que funcionava e ainda funciona como canal de afectos e entreajuda auto-suficiente, mas a abertura da sociedade avieira e a sua integração na sociedade local fez com que estes homens do mar também começassem a ser agricultores, fruto da necessidade que as populações locais tinham na mão-de-obra de trabalho agrícola, fazendo assim que pouco a pouco estes se integrassem melhor nas regiões, tendo, sobretudo as tarefas sazonais nas salinas, nos arrozais, na apanha do tomate e melão na sua agenda.

Foi com o início destas novas tarefas e a ida das crianças para a escola, que levou à obrigatoriedade de fixação, daí que começou a emergir nas margens do rio, pequenos amontoados de pescadores que construíram as suas barracas de madeira e caniços para guardarem as artes, e onde passaram a viver. Estas arrecadações acabam por se transformar em aglomerados de casas que acabam por originar comunidades de pescadores constituídas em Aldeias Avieiras que se tornaram numa realidade. Temos por exemplo o Patacão, Caneiras, Escaroupim, Valada, Palhota, Porto da Palha, Esteiro do Nogueira, etc., estas localidades encontram-se todas nas zonas ribeirinhas de Alpiarça, Santarém, Salvaterra de Magos, Cartaxo, Azambuja, Vila Franca de Xira, sendo estas algumas das mais conhecidas e representativas da fixação dos avieiros que lentamente foram deixando os barcos, como habitação, que em situações mais prolongadas se mostravam desconfortáveis, para se instalarem em barracas suportadas por estacas, as famosas casas de construção palafitica, que também serviam para as companhas sazonais de pesca, mais adequadas especialmente para suportar as cheias com que o rio os prendava.

São estes homens que também fabricam os barcos onde trabalham, arranjam a madeira e trabalham-na de forma a cunharem-na com a forma e as cores tipicamente avieiras, tecem e inventam as artes que necessitam para capturarem os peixes.

"As suas tradições e os conhecimentos relativos à pesca tinham de ser preservados e protegidos pelo que no intuito de o conseguirem, era hábito casarem entre si para que estes valores se mantivessem entre as famílias." (Ferro, 2015, p. 2)

Nas tarefas do dia-a-dia a mulher Avieira inclui a escolha das ervas aromáticas para a preparação das refeições nos campos da lezíria, tratar das crianças, tratar da casa, vender o pescado de porta em porta, ajudar o marido no barco, não só como camarada como a remendar redes e preparar iscos.

> "A mulher Avieira sustenta um papel muito importante, não só na sua condição de esposa e mãe, como também a 'camarada'. Ela comanda o barco, enquanto o marido lança as redes e o ajuda na recolha do pescado. Finda a faina, descalça e com o cesto do peixe à cabeça, ela ia de porta em porta vendendo o pescado para garantir o sustento da família. Remando de noite e trabalhando de dia no campo durante o verão, a ela competia governar o dinheiro ganho." (Ferro, 2015, p. 2)

De facto uma grande especificidade dos Avieiros é o facto de ser a mulher que rema tanto para montante como para jusante, no verão ou no inverno, estando ou não a amamentar, é ela que sempre governa a bateira.

Hoje em dia esta situação já se alterou, o barco já está adaptado com motor no caso da bateira, embarcação tradicional tagana, e o barco de faina já é fabricado em fibra de vidro com condições de trabalho e segurança que dantes não havia.

O que significou que as medidas de segurança evoluíram,

> "A segurança é, portanto, algo mais do que a securitas ou, como foi referido, do conjunto de sistemas de um regime destinado a garantir protecção contra diversos riscos sociais e das potencialidades de actuação através da detenção de diversos saberes que são determinantes para a salvaguarda da segurança das pessoas e dos bens." (Pinto, 2015, pp. 42-43)

Já o homem recolhe as redes, constrói armadilhas, pandulhos e lava e remenda as redes. Nas horas de lazer, também se dedicam à caça, com a qual alimentam a família.

2.1 – O barco

Do pinhal de Leiria, tal como na época dos descobrimentos, retiravam madeira para a carpintaria, resina e o pez «alcatrão vegetal que se extrai dos pinheiros» que depois de tratado é usado para a calafetagem das fendas resultantes da união das tábuas na construção das embarcações.

> "Neste pinhal, os construtores de embarcações - nomeadamente de naus portuguesas que serviram a epopeia das Descobertas Marítimas e dos barcos para as actividades piscatórias -, procuraram madeiras, resina e pez necessários para a construção naval.
>
> Nesta região arenosa e infértil para a exploração agrícola de toda a região central do litoral oeste, o mar bate essas praias abertas e sem abrigos naturais. A enorme força das ondas e da rebentação tornam essa costa muito perigosa para a pesca, o que tem sido um desafio historicamente constante, em particular para as populações murtoseiras (da região da Murtosa), varinas (da região de Aveiro e Ovar) e vieirenses (da região de Vieira de Leiria). Foram obrigados por isso a construir uma embarcação muito segura.
>
> O barco de mar que criaram é perfeitamente adaptado a essas condições." (Barbosa, Serrano, & Ferro, 2015, p. 1)

Sem o saberem, eram estes homens detentores de conhecimentos técnicos que lhes permitia construir muitos dos utensílios necessários ao seu dia-a-dia, ao seu trabalho. Das suas mãos saiam as artes de pesca, como redes, agulhas, piteiras, covos, nassas, as varas rabeiras, os pandulhos as bóias de cortiça, os palheiros, as barracas, as casas e os seus próprios barcos. Tomando como guia na sua arquitectura as linhas do Meia-Lua, barco do mar de Ílhavo, surge assim a pequena embarcação sem quilha, a bateira, construída em madeira de pinho, sendo os remos ou braços talhados em freixo, madeira à época fácil de encontrar nas margens do Tejo. De poucos metros de comprimento, a bateira em geral, não ultrapassava os sete metros. Foi no entanto necessário ir adaptando a embarcação às condições do grande estuário do Tejo, pelo que em Vila Franca de Xira e na Póvoa de Santa Iria ela toma o nome de saveiro, um barco cuja dimensão atinge os nove metros, preparado já para um caudal mais denso.

O saveiro é mais pequeno quando se navega para montante, onde as condições do rio são diferentes, mais estreito, tendo sempre em atenção a preservação dos ecossistemas do rio.

Com a preocupação da identificação e da preservação patrimonial, Serrano descreve um estudo efectuado sobre estas embarcações.

> "De acordo com o estudo de caracterização das embarcações Avieiras, que actualmente decorre, o autor e arquitecto naval Fernando Simões Dias – apoiado pela equipa do projecto -, identificou 11 (onze) tipos diferentes de embarcações. Segundo o investigador, é rara a zona do Tejo e do Sado em que os Avieiros não tenham introduzido adaptações às suas embarcações, de tal forma que são modelos de arquitectura naval únicos no País e casos notáveis de adaptação dos instrumentos de trabalho às condições do meio ambiente." (Serrano, 2014, p. 79)

A bateira é a casa do Avieiro. Não há Avieiro sem bateira, são eles que o afirmam convictos. Gerações e gerações seguiram as pisadas dos antepassados e mantiveram as suas origens e tradições respeitando o que lhes foi transmitido, as cores com que os barcos eram pintados e ainda o são, foi um dos legados deixado. O significado das cores prende-se com a identificação dos proprietários, imprimindo uma identidade própria às embarcações e às casas que por vezes eram e são pintadas com as mesmas cores do barco.

Varadas junto às margens do rio Tejo, protegiam-nas apenas o tolde, saído da proa, feito de pano impermeabilizado com pez, sustentado por varas e um arco e que tapava quase a embarcação abrigando a família. Também a este respeito nos fala Coelho. (2011, p. 20)

A estrutura da embarcação comporta ainda o banco do remador. O traste, banco com um orifício central onde se coloca um mastro quando navegando à vela, os remos e a vara que impulsiona o barco nos baixios.

Já há alguns anos, com a globalização e as novas tecnologias, introduz-se o motor na bateira, bem como outros materiais de segurança. Este é montado na popa da embarcação, que para o efeito deixa de ter fundo, tendo sido produzida mais esta alteração à sua estrutura. O motor é utilizado para arribar, ou navegar contra a corrente, quando há mau tempo, a sua ajuda também é preciosa quando é necessário cumprir horários.

Para mais conforto, o barco é dividido em três zonas distintas, sendo a proa o quarto do casal, no meio do barco, situa-se a emparadeira onde funciona a cozinha, e a popa é destinada às redes e ao pescado.

Reforçando esta ideia João Serrano menciona:

> "Como referem Oliveira et. al (1994:.284), os pescadores mais pobres habitavam nos barcos, varados nas margens do Tejo, em Alhandra e na Póvoa de Santa Iria. Tratavam-se de 'bateiras de vivenda', varadas nas margens e cobertas por um grande toldo ou *tolde*. À época, o toldo cobria o barco – onde as pessoas dormiam – e o espaço contíguo, onde eram cozinhadas as refeições e se comia." (Serrano, 2014, p.78)

Este mesmo autor, também refere que estas embarcações foram por eles adaptadas aos vários locais do rio consoante estavam na presença do grande estuário do Tejo ou se dirigiam para montante.

No estuário do Tejo optaram por fazer um barco maior que se denomina por saveiro que pode medir até nove metros. Ao seguirem para montante o rio já exige um barco mais pequeno e leve, assim, surge a bateira com cerca de sete metros. Também os ecossistemas do rio Tejo influenciam a navegação e leva a que se façam permanentes alterações nas embarcações, levando a que estas continuem a perder tamanho e nasce assim a caçadeira com quatro metros, mais própria para entrar nas valas, passa a existir o caçarico com dois metros e setenta. Na Golegã encontramos o azinhagueiro, sendo que, em Constância, podemos avistar o barco ou canoa.

No estuário do rio Sado os Avieiros, utilizaram vários tipos de embarcações para a pesca, fabricaram saveiros, bateiras, e caçadeiras utilizando arquitecturas específicas, o que as tornou modelos de arquitectura naval únicas no País e casos notáveis de adaptação dos instrumentos de trabalho às condições do meio ambiente.

Estas alterações ou mudanças não deixam de ser já uma forma de preocupação com a segurança não só das embarcações como ambiental.

A este respeito, dentro da perspectiva da 'sociologia da segurança' salienta-se:

> "Assim, emerge-nos a segurança com um saber total que está directamente ligado a uma actuação atempada contra todas as ameaças. Sendo a 'ameaça' entendida como 'um factor passível de causar dano à integridade de pessoas, seres ou coisas, desde que a sua existência seja percepcionada, ainda que de forma vaga. Por outras palavras, refiro-me aos próprios factores potencialmente agressivos, na sua existência objectiva, independentemente dos quadros cognitivos que sejam

> utilizados para os classificar, interpretar ou submeter a uma determinada ordem" (Pinto, 2015, pp. 43-44)

2.2 – A casa

A vida difícil destas gentes, aliada ao desconforto da vivência permanente no barco sem condições, levou os Avieiros a construírem as suas próprias casas.

Inicialmente as «barracas ou palhotas» construídas com canas que as margens do rio forneciam em abundância.

Mais tarde, construindo em cima de pilares para segurança da estrutura na altura das cheias do rio, as barracas ou palhotas deram lugar às construções palafiticas, em madeira, assentes em estacas de madeira ou pedra dependendo do sítio onde construíam e se fixaram.

> "À medida que se foram fixando, os Avieiros sentiram a necessidade de um lar para eles e para a família, com condições mais cómodas e diferentes das oferecidas pelo pequeno barco onde viviam. O objectivo a que se propunham era construir junto à margem do rio uma casa em madeira assente em estacas 'construção palafítica' de forma que na altura das cheias as casas ficassem acima do limite das águas." (Ferro, 2015, p.3)

Como explica Dr. João Serrano (2014) no momento de decidir construir uma casa elas foram buscar a arquitectura dos Palheiros já construídos pelos pescadores da Gândara. Dizendo ainda que:

> "As casas são (…) assentes em estacas, para que as areias (e até as águas nas marés vivas) circulem sob elas livremente; têm escadinha exterior de madeira que dá geralmente para um patamar, onde se abre a porta. Em regra, as pranchas que formam são dispostas **horizontalmente**, sobrepondo-se uma às outras para melhor as protegerem do vento, das areias e da chuva (…) Todas as habitações são rectangulares, assentes em estacas baixas"…(Brito, 2009, p.27). Veja-se a este propósito o brasão de armas da vila de Tocha, onde consta um palheiro com estas características. (Serrano, 2014, p. 33)

O seu interior tinha um quarto para o casal, a cozinha e um espaço que seria aproveitado como sala ou até para quarto dos filhos se não houvesse possibilidade de fazer uma dependência para cada um deles, caso se tratasse de um casal. Uma porta e janelas. Se o

dinheiro permitisse, no exterior fazia-se um varandim com uma escada que regra geral permitia entrar e sair directamente para o barco.

O telhado, construído numa base triangular, dava a possibilidade de construir por cima dos quartos do casal e das crianças, outro espaço para guardar as artes, ou acolher visitas que tivessem de pernoitar na casa. Embora exígua, a palhota, também assim chamada, seria sempre bem melhor do que o barco e o seu desconforto a céu aberto.

A casa é pintada com as tintas que sobram da pintura do barco e deste modo acabam por identificar não só os barcos como as respectivas famílias.

Foto: 1 – A casa Avieira.
Fonte: Alexandra Ferro

Foto: 2 – Outro aspecto da casa Avieira.
Fonte: Alexandra Ferro

2.3 – O traje

A mulher Avieira distinguia-se pelo uso do seu traje. O traje que era de saia comprida, para se movimentarem à vontade, à medida que se vem para jusante, verifica-se que a saia encurtou e actualmente está pelo joelho. Hoje em dia ele só é utilizado em dias de festa, em eventos culturais ou religiosos. A saia em xadrez de várias cores, onde os favos lhes marcava a anca. O rodado que apresentavam por baixo do avental de seda bordada e para que a roda fosse bem farta, mais três saias brancas bordadas com folhos e fitas, apareciam por baixo da saia de xadrez. Os colotes brancos com folho de bordado inglês e fitas aparecem por cima dos canos todos rendados. São elas que fabricam os seus próprios trajes. Quando vão no barco em passeio com o marido, e é ele a governa-lo, e o tempo é aproveitado para costurar.

> "A saia de trabalho era bastante franzida e aos quadrados. A saia de domingo era pregueada. Nas pernas, meias brancas trabalhadas também chamadas de 'canos' e

chinelas nos pés, ou socos com sola de madeira. Lenço em lã escura e chapéu preto colocado por cima." (Ferro, 2015, p. 3)

Foto: 3 – Traje Avieiro.
Fonte: Alexandra Ferro

Foto: 4 – Outro aspecto do traje Avieiro.
Fonte: Alexandra Ferro

Também o homem só usa o traje em ocasiões especiais como as que foram mencionadas no caso das mulheres. "Por sua vez, o homem Avieiro traja camisa de xadrez, calça também de xadrez atadas no tornozelo com uma fita, camisola de lã, gabão, cinta preta, tamancos altos com sola de madeira e barrete preto." (Ferro, 2015, p.2-3)

2.4 – A gastronomia

A gastronomia avieira é sem dúvida uma agradável surpresa para a sociedade local, ela congrega aromas e sabores que são inesquecíveis para quem os experimenta.

O rio, fonte de riqueza e subsistência para as comunidades avieiras, devido à faina e às artes, que tornaram possível esta forma de vida, também abastecia o avieiro e convida-o a confeccionar e desfrutar de várias iguarias gastronómicas como a açorda de sável, a fataça frita, a lampreia, a caldeirada de peixe, a feijoada de chocos, as migas[13], o arroz de tomate com folhinhas de louro[14], as sabogas assadas no espeto com batatas azeite e vinagre e ovas cozidas, o torricado[15] e arroz doce. Em dias de festa como casamentos ou baptizados era a

[13]É uma espécie de sopa feita de peixe.
[14]São os linguadinhos, que por serem tão pequenos e finos, lhes dão este nome.
[15]Na época da fome, o torricado veio aconchegar muitas vezes os estômagos vazios. Esta iguaria é o aproveitamento do pão seco, de três ou mais dias, que feito com azeite e um pouco de alho se tornou numa das suas especialidades. Quando havia toucinho também lho juntavam.

altura em que se arranjava sempre um pouco de carne como galinha ou porco, assim um dos pratos que também se pode saborear é a dobrada com feijão branco.

Foto: 5 – Sável frito.
Fonte: Alexandra Ferro

Foto: 6 – Arroz doce.
Fonte: Alexandra Ferro

Foto: 7 – Torricado.
Fonte: Alexandra Ferro

Citando Gerónimo da Silva (2009) "Os peixes cozinhados eram os que o Tejo dava: fataça, saboga, barbo, boga, sável e pampo." (Silva, 2009, p. 8)

São estas algumas das iguarias muito apreciadas, que hoje levam a que se realizem todos os anos Festivais Gastronómicos do Rio por todo o Ribatejo com o intuito de mostrarem a riqueza da região e cativar o turismo. Neste sector, temos por exemplo a Escola Profissional de Salva Terra de Magos, que no 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, trabalharam em conjunto com a câmara Municipal, tal como nos descreveu Ferro (2013).

> "Finda esta cerimónia religiosa, vamos para a sede do Rancho Folclórico 'Os Avieiros' do Escaroupim, no Centro Cultural do mesmo nome, onde está patente uma exposição de trabalhos escolares, desenvolvidos em todas as Escolas do Concelho, desde o ensino pré-escolar até ao profissional, com mais ou menos dois mil alunos envolvidos.
> Este evento apresenta trabalhos como palafitas e bateiras, todos em miniaturas, e vários desenhos que tentam retratar a vida avieira sob a perspectiva de cada grupo etário.
> Este projecto, que vem a revelar óptimos resultados, surge do trabalho pedagógico desenvolvido pela Câmara Municipal, a fim de dar a conhecer às crianças a Cultura Aviera. Este evento ainda contou com a projecção de um documentário sobre Escaroupim, realizado pelos alunos da Escola Profissional de Salvaterra de Magos, como homenagem aos habitantes desta aldeia piscatória.
> Em colaboração com a Câmara Municipal e a Escola Profissional de Salva Terra de Magos, foi oferecido um jantar, servido aqui no Centro Cultural do Escaroupim, num ambiente de festa com música ambiente, onde todos estão em caloroso convívio, degustando as delícias da ementa apresentada." (Ferro, 2013, p. 34)

Curiosamente a cozinha não é exclusiva das mulheres, aqui é o homem que mostra os seus dotes culinários, onde o tempero é de excelência, podendo ser apreciado hoje, nos restaurantes avieiros existentes, sobretudo na zona de Vila Franca de Xira ou nos restaurantes existentes nas próprias Aldeias Avieiras.

2.5 – A religiosidade

Os Avieiros são uma população muito peculiar, eles são muito crentes, religiosos até, mas ir à missa é que não vão.

Para eles tudo começa dentro de uma vivência onde as mesinhas, a crendice, e um misto de mediunidade, se misturam.

Clementina Tocha Fernandes (2013) afirma na entrevista: "Não havia médicos como há hoje e éramos nós que curavamos. As ervas curam, mas é preciso conhecimento das boas e as nossas rezas sempre ajudaram. (Fernandes, 2013, p. 122)

A este respeito, na passagem do Iº Cruzeiro Religioso dos Avieros e do Tejo por Alhandra, Ferro (2013) mencionou:

> "Alhandra é uma freguesia do concelho de Vila Franca de Xira, à qual estão ligadas várias personalidades. Tomamos a liberdade de enumerar algumas pelo seu interesse cultural.
> Nasceu e residiu nesta Vila o Dr. José Tomás de Sousa Martins, médico dedicado aos pobres, sobre os quais recaía a sua caridade e generosidade e cuja memória ainda hoje é perpetuada num culto presente na sua estátua do Campo de Santana em Lisboa e ainda na sua sepultura no cemitério desta Vila de Alhandra.
> A Vila inclui no seu património a Casa-Museu Dr. Sousa Martins, situada na zona ribeirinha e homenageia-o com o seu busto, colocado num dos seus largos principais.
> Considerado *santo*, dele, Guerra Junqueiro disse: '*A sua mão guiou. O seu coração perdoou. A sua boca ensinou*'.
> Seguidor da crença espírita são vários os factos extraordinários (milagres) a ele atribuídos através dos seus contactos mediúnicos.
> El-rei D. Carlos I de Portugal ao saber do seu falecimento, dirigiu-lhe o seguinte elogio fúnebre: "*Ao deixar o mundo, chorou-o toda a terra que o conheceu. Foi uma perda irreparável, uma perda nacional, apagando-se com ele a maior luz do meu reino".*

> Esta referência aqui expressa tem tudo a ver com a religiosidade, a superstição, a crença a que todos os Avieiros são sensíveis. Quantos deles 'os mais pobres dos pobres' se terão «apegado» a este filho de Alhandra que em vida, tanto os protegeu e já depois de ter partido, continua espalhando o bem, zelando por aqueles que ainda hoje lhe pedem o seu parecer e rogam a cura." (Ferro, 2013, p. 88)

reforçando assim a ideia de as tradiçoões se prepetuarem de geração em geração.

Contudo a fé move-os, seja para onde for. Como exemplo temos a expêriencia do I Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, que saiu de Constância e teve o seu terminos na Trafaria. No ano seguinte, 2014, o II Cruzeiro Religioso saiu de Alvega e terninou em Paço de Arcos. Como mencionou Ferro (2014) "Quando chegamos ao cais, vimos Alhandra em festa. E, porque não queria deixar de registar cada minuto, integrei-me no seio daquela manifestação de sentimentos que se transmitem à medida que se fica mais perto daquela imagem de tão forte presença." (Ferro, 2014, p. 4)

Ferro (2014) reforça a ideia da preservação dos seus costumes

> "A fé prevaleceu no seio das comunidades, que todas juntas, demonstraram o enorme desejo de possuirem uma imagem que fosse a padroeira de todos os Avieiros. Este percurso anual demonstra bem quão desejada era esta Senhora que a todos encanta e vai espalhando as suas bençãos não só pelas gentes que em silêncio Lhe dirige as suas preces, como pelo Rio Tejo que pela segunda vez arrasta embarcações que pretendem marcar a sua presença neste evento religioso" (Ferro, 2014, p. 10)

Ir a Fátima a pé, é um dos seus hábitos, pois é para Nossa Senhora de Fátima que nas horas de aflição se viram e rogam as Suas bênçãos. Passado os anos fomos dando conta de que, para estas comunidades seria uma mais valia haver um Santo que fosse seu protector, ou espiritualmente fosse apenas seu.

É hábito todos os anos as embarcações serem benzidas para se agradecer a pesca do ano findo e pedir a bênção para a faina do ano que vai começar. A exemplo de muitos Concelhos de freguesia em conjunto com as respectivas Paroquias são celebradas várias cerimónias religiosas onde são benzidas estas embarcações, a exemplo as festas de Constância, Senhor dos Aflitos, de Nossa Senhora da Atalaia e de Nossa Senhora da Piedade. A primeira cerimónia a que assisti foi na Aldeia Avieira da Póvoa de Santa Iria. Como se

pode ver na descrição feita por Ferro (2011) dentro das Festas da Cidade decorre esta da comunidade Avieira.

> "Merece especial destaque para a cultura Avieira a *bênção dos barcos* – Avieiros e todos os outros -, realizada na noite do terceiro dia da Festa, junto ao cais seiscentista da Póvoa de Stª. Iria, onde dezenas de embarcações, enfeitadas com festões e luzes, contrastavam com o negro da noite do cais. Repararam os inúmeros assistentes que faltavam focos de luzes dirigidos ao rio, para que de terra se pudesse seguir a extraordinária cerimónia religiosa que se desenrolava no meio do rio Tejo.
> Nossa Senhora da Piedade, com Seu Filho morto em seu regaço, símbolo da religiosidade deste povo ribeirinho, encimava a proa de uma das embarcações, onde o Sr. Padre tomou o seu lugar a bordo, dando assim início a esta Festa tradicional do Tejo.
> De cânticos e preces à Virgem se encheu aquela noite, onde o rio tão calmo saboreou os momentos de devoção. O som das sirenes acompanhou a procissão das embarcações engalanadas.
> Já todas em redor do barco que transportava a imagem de Nossa Senhora, no meio do rio, foram benzidas uma a uma, recebendo das mãos do Sr. Padre uma medalha, simbolizando e coroando o árduo trabalho desenvolvido e reconhecido ao longo de um ano.
> Ao recebê-las, todos os anos, beijam-nas e apertam-nas contra o peito em sinal de agradecimento à sua Virgem Protectora, Mãe a quem recorrem quando a angústia e o desalento lhes aperta o coração, em nome de uma fé e religiosidade popular de arreigadas tradições.
> É extraordinária esta manifestação religiosa, arreigada numa cultura própria que este povo transmite com uma vivência tão rica, embora os seus gestos, as suas expressões, o seu falar, o seu vestir e tudo o que ostentam seja tão simples e tão natural!" (Ferro, 2011, p. 3-4)

Foto: 8 – Bênção dos Barcos 2014.
Fonte: Alexandra Ferro

Foto: 9 – Bênção dos Barcos 2012.
Fonte: Alexandra Ferro

Foto: 10 – Bênção dos Barcos 2013.
Fonte: Alexandra Ferro

Deste modo o Gabinete da Cultura Avieira envidou todos os esforços para conseguir materializar este desejo das Comunidades em terem um Santo Protector só para eles. É neste contexto que surge uma imagem que foi muito bem acolhida por todos. Esta imagem

materializa-se na figura de uma Nossa Senhora que adquire o nome de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo.

Arreigado aos seus princípios tradicionais, o Avieiro sente a religiosidade muito sua, muito própria. Não praticante, recorre, no entanto, a Nossa Senhora de Fátima, imagem que sempre o acompanha no barco, ou ao Padroeiro da freguesia a que pertence, sempre que a vida é alterada por qualquer problema, seja na profissão, negócios, saúde ou questões familiares. Agora, e depois de ter sido criada uma imagem que representa a Padroeira de todas as comunidades, Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo, consagrada pelo Sr. Bispo de Santarém, D. António Plino Domingues, em 04 de Maio de 2013, na Igreja de Jesus Cristo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém e que vai agora ser coroada em Vila Velha de Ródão pelo Sr. Bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Antónino Eugénio Fernandes Dias, em cerimónia religiosa a decorrer em 02 de Maio de 2015[16], integrada no Encontro Diocesano de Portalegre e Castelo Branco. É esta imagem peregrina que é tida como protectora de todas as comunidades e conforme o nome indica, do Tejo também.

Foto: 11 – Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo.
Fonte: Alexandra Ferro

Foto: 12 – Coroação de Nsª. Srª. dos Avieiros e do Tejo.
Fonte: Helena Maria Pereira

Assim se reforça os factores identitários existente com este excerto do texto de Barbosa, Serrano & Ferro, (2015)

[16] Sendo o local da coroação de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo na Sede do Centro Desportivo, Recreativo e Cultural de Vila Velha de Ródão.

> "Dentre os factores etnográficos que permitem identificar a cultura das comunidades avieiras, ganham evidência as habitações com estruturas palafitas. Eram, por norma, construídas nos leitos de cheias, assentes em estacas, com materiais efémeros (caniços e colmo), evoluindo depois para barracas em madeira e, mais tarde, já em aldeias, para casas construídas pelo menos parcialmente em alvenaria.
> Ganha também evidência o papel da mulher. Enquanto na comunidade marítima é o homem que vai à pesca e a mulher assume as responsabilidades da casa e da família, no Tejo é a mulher, camarada e mãe, que sempre acompanha o marido na faina, rema o barco enquanto são lançadas as redes, trata dos filhos e a quem compete governar e tomar conta da própria economia familiar. No fim da faina, de porta em porta, vende o pescado para sobrevivência da família.
> No entanto é o barco que, para além das funcionalidades próprias das actividades de pesca, se afirma, sob o ponto de vista antropológico e com especial relevância, como referência identitária no âmbito da cultura avieira." (Barbosa, Serrano & Ferro, 2015, p. 2)

3 – Do património popular ao património institucional

Inseridos numa sociedade fechada, eram considerados "Nómadas do rio, como os ciganos na terra" assim denominados por Alves Redol, conforme sua obra *Avieiros* (Redol, s/d., p. 16), por se encontrarem junto à borda-d'água, onde viviam da pesca, nos seus próprios barcos, pequenos, exíguos e onde se abrigavam com as suas famílias, na maior parte das vezes com bastantes elementos.

A inacessibilidade deste povo à sociedade local traduzia-se não só pela distância a que se encontravam das localidades mais próximas, como também pela precariedade em que viviam.

Isolados, votados à sua sorte, não contavam com assistência médica, escolas, bombeiros ou mesmo a acção das autoridades.

A sua segurança, bem como a dos familiares, principalmente dos filhos de menor idade, como os bebés, dependia apenas dos seus próprios meios que eram muito escassos, tornando o barco permissível aos acidentes o que, por vezes, aconteceu…, roubando vidas inocentes.

O sistema político nada lhes garantia como cidadãos. Viviam e existiam sem direitos e sem protecção como afirmou João Serrano na entrevista efectuada para este trabalho: "Que se olhe para elas como pessoas, com direitos constitucionais (…)" (Serrano, 2013, p. 1)

Como afirma Pinto (2015)

> "Para todos os efeitos, o Estado está obrigado, para corresponder às suas funções, tal como no passado, a 'olhar pela sua segurança – saluti suae consulere ou prospicere' e, como tal, a criar ou a estabelecer as fontes de recolha de informação e a deter o máximo de conhecimento dos contextos políticos, económicos e tecnológicos e da sua estreita articulação." (Pinto, 2015, p. 42)

Receosamente, conseguem erguer o seu próprio património. Constroem as artes de pesca, os barcos que são o seu ganha-pão, as casas onde mais tarde habitam, e os cais palafíticos para poderem atracar as suas embarcações.

Como contou Manuel da Cunha, mais conhecido por *Manuel do Vau* (2013) na entrevista:

> " (…) agora vivo na casa nova que foi feita pela Câmara para deitarem abaixo a minha. «voz embargada»
> Deram-nos um bairro onde temos de pagar a casa. Eu e os outros.
> As nossas deviam cá estar para verem como eram.
> Temos as artes de pesca, o rancho folclorico. O Rancho Sénior e o Infantil. Também temos o nosso Museu, os barcos e a nossa gastronomia. " (Vau, 2013, p. 111)

Preservam a sua forma de falar, a sua gastronomia, o seu folclor, os seus usos e costumes, bem como as suas crenças e religiosidade, enfim, toda uma sabedoria que apenas é transmitida aos filhos.

João Serrano referiu, no decorrer da entrevista, que "(…) as manifestações desta cultura são complexas e afirmam-se em praticamente todas as áreas sociais, culturais e económicas, com aldeamentos únicos, barcos, artes de pesca, gastronomia, religião, relações de parentesco intercomunitário e tantas outras, únicas no nosso país e na Europa." (2013).

Hoje, investigadores estudam as várias vertentes técnicas por eles utilizadas, sejam as que foram empregues na construção dos vários tipos de embarcações, ou as utilizadas na construção das barracas, casas, palheiros, ou ainda no fabrico das artes. Em suma, estudam todo o património de que estes homens e mulheres são detentores, sem terem qualquer tipo de estudos, só os conhecimentos transmitidos pelos seus antepassados. Como foi descrito no

artigo *Identidade e Cultura das Comunidades Avieiras do Tejo e do Sado*. (Barbosa, Serrano, & Ferro, 2015, p. 205).

Infelizmente verifica-se que muitas aldeias Avieiras viram ser destuído o seu património como as casas e os cais de construção palafitica, para dar lugar a novos espaços, sendo gritante o caso da Póvoa de Santa Iria que deu lugar ao Núcleo Museológico «A Póvoa e o Rio», ao Parque Urbano, ao Parque Linear e o Centro de Interpretação Ambiental e da Paisagem, uma Cafetaria, uma réplica da Casa Avieira e também um passeio ribeirinho, ligando as povoações mais próximas, proporcionando às populações caminhadas a pé, e ainda com a finanlidade de promover o turismo na região, faltando para tal a criação de infraestruturas que chamem e despertem interesse por estes locais, principalmente depois de ter sido destruido o património que na sua originalidade, atrairia o turismo, não só nacional como estrangeiro, com principal relevância para o europeu.

Na perspectiva de Maria José Simãozinho (2013) ela refere na entrevista:

> "(…) deviam vir conhecer o que há.
> Ainda temos ali um *saveiro,* é aquele grande, mas é mais para pescar quando o rio está mais perto da barra. É de madeira, mais pesado.
> O nosso património, se tivessemos turismo era bem melhor. Temos muita coisa, tão boa como lá fora. Era preciso que alguem nos deitasse a mão.
> As nossas casas típicas,…é uma pena!
> Lá , é que gostavamos de estar.
> Estavam estragadas e a Câmara deitou tudo fora.
> Agora temos uma casita ali prá Póvoa.
> Só ficou aqui o barco e estes armazéms.
> É aqui que se preparam as artes." (Simãozinho, 2013, P. 115)

E corroburando esta ideia José Henrique Simãozinho (2013) na entrevista diz: "Não há património igual ao nosso. A nossa Cultura também é única. Temos o nosso orgulho em tudo que veio com os nossos de Vieira." (Simãozinho, 2013, p. 119)

Tambem a este respeito, na entrevista de Clementina Tocha Fernandes (2013) encontra-se: "Não deviam ter acabado com tudo… O importante era terem ajudado os Avieiros a manterem as suas casas na borda-d'água. Era a nossa vida! Atiraram com a gente

prá qui e temos de pagar renda. O espaço era nosso e não tínhamos de pagar." (Fernandes, 2013, p.122)

Joaquim Fernandes Moreira salienta, ainda, sobre o mesmo assunto, que:

> "Que lhe posso dizer se deitaram abaixo a nossa maior riqueza?
> A nossa Aldeia Avieira foi destruída. Anos de trabalho, de sonhos, onde guardavamos o pouco que temos e que tinhamos, mas que era nosso, construído com as nossas mãos, num terreno que nos deram para podermos construir." (Moreira, 2013, p. 125)

Presentemente, e com as alterações que as vidas dos Avieiros foram sofrendo, vivem agora em casas sociais, dependendo de aldeia para aldeia. No caso da aldeia Avieira da Póvoa de Santa Iria, os pescadores foram desalojados das casas, por si construídas na borda-d'água, viram as casas e os cais em construção palafítica serem destruídos pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, para serem realojados num bairro social construído a 500m da margem do rio, onde são obrigados ao pagamento de uma renda, que difere de casa para casa, e do número de pessoas do agregado familiar.

Tratando-se de uma população envelhecida, muitas das pessoas que hoje ocupam estas casas vêm-se atidas a um espaço de onde não podem sair. A idade já não suporta subir e descer escadas, e foi-lhes atribuida uma casa num primeiro andar, sem qualquer meio de segurança que lhes permita descer à rua e ter contacto com a vida. Hoje, são reféns do desenvolvimento, e de uma vontade municipal.

No presente caso, existem deficientes com cadeiras de rodas, cuja locomoção também se torna complicada, uma vez que o bairro não possui rampas de acesso às casas superiores, nem estas foram construídas a pensar em situações como as que se relatam.

Esta medida unilateral veio tirar a segurança aos Avieiros que viram o seu espaço invadido por centenas de pessoas, principalmente aos fins de semana, quando nas suas barracas em madeira, atribuídas pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira dentro do projecto de requalificação da frente ribeirinha e com a finalidade de guardarem as artes e prepararem as redes e o isco para a pesca, vêem-se invadidos por veraneantes que por saberem que a construção é camarária, se acham no direiro de invadir o espaço por que foi pago com dinheiro do érario público. Esta sequência de arrecadações foi construída em cima

do passeio ribeirinho e já não é a primeira vez que o vandalismo trás ao de cima situações verdadeiramente devastadoras e constrangedoras.

Continuamos a insistir na falta de segurança que esta abertura trouxe àquela população ribeirinha, pois quando a comunidade estava instalada junto ao rio nas suas construções originais, ninguem lá entrava.

Como afirma Pinto (2015) "De facto, a ameaça tem lugar segundo determinadas 'circunstâncias' e é entendida segundo sinais particulares que, como foi referido anteriormente, podem pertencer a diferentes sociedades." (Pinto, 2015, p. 71)

Não é essa forma de viver que se pretende, mas sim uma democracia que ao conferir aos cidadãos deveres e obrigações, seja totalmente respeitada por estes, reconhecendo que a liberdade de uns termina, quando a de outros começa.

Todos os Avieiros tiveram um barco como berço, embalado pelas águas do rio, onde toda uma vida de trabalho e sofrimento vivida nesse mesmo barco, sem paredes, lhes transmitiu a liberdade de que as suas almas ainda hoje estão impregnadas. É essa sensação que os leva a terem saudades das limitações que lhes eram impostas pela precariedade então vivida.

Segundo este mesmo autor:

> "Na presente contemporaneidade, marcada pela 'globalização' a segurança tornou-se uma matéria analítica indispensável a todas as sociedades, independentemente das localoizações, dos continentes, das etnias, das ideologias ou das pessoas e das 'forças de segurança' que lhes possibilitam uma melhoria das condições de vida com o sentido da paz ou de uma vida em segurança, comummente entendida como uma possibilidade de viver sem 'riscos' ou 'perigos' de vida." (Pinto, 2015, p. 30)

Agora, partilham de um espaço para o cidadão comum, onde a habituação às novas regras tem o seu tempo. Esta comunidade foi desalojada, não com o intuito de lhes proporcionar a vivência de uma casa com melhores condições, a integração numa vida diferente proporcionando-lhes todas as comodidades e direitos dos outros cidadãos. Não! Esta imposição foi apenas a consolidação do «mega» projecto camarário Polis XXI. Este projecto de reabilitação voltado para o Turismo, onde em nome da história poderia ter comtemplado a

recuperação e integração do legado dos pescadores, beneficiando o turismo histórico e a preservação das origens.

É com muito orgulho que se pode notar como a população começa a ter interesse em saber quem são os Avieiros e qual a sua história. Também já há muita gente, que de algum modo se envolveu com esta cultura tão peculiar e pugna pela preservação de todo este património, não só o material como imaterial, e que estão presentes nos eventos organizados tanto pelas Associações existentes, como pelos organizados através do Gabinete da Cultura Avieira.

Assim, damos conta de que a inplementação da Rota da Cultura Avieira para as regiões, por terra, e através de passeios de barco pelo Tejo, promovidos pela Ollem Turismo Fluvial em Valada do Ribatejo que no momento já oferece quatro cruzeiros distintos; pela Pronatur - Agência de Viagens e Turismo de Salvaterra de Magos com Cruzeiros no Tejo e ainda pela Rio-a-Dentro de Salvaterra de Magos com passeios de barco, passeios de natureza, que consagram visitas às aldeias Avieiras, a exemplo Escaroupim, Palhota e Porto da Palha e a contemplação dos mouchões existentes no Tejo, como a Ilha das Garças e o Mouchão dos Cavalos, cruzeiros que começam a ser solicitados pela população e aos quais estas empresas ligadas ao turismo fluvial começam a dar cabal resposta, são sem qualquer dúvida, aliados às ofertas que em terra se vão desenvolvendo, uma mais valia para a divulgação e concretização da acção a que nos propomos.

Neste sentido, por ser um passo significativo e por se tratar de uma oferta suplementar de camas no sector do turismo rural, de que estas regiões são tão carentes, surge a necessidade de se apostar em projectos de unidades de turismo rual, tendo emergido por exemplo na Golegã em 2011, por altura da Feira Naciona do Cavalo, duas unidades de hotéis ruais. São elas Quartos do Lagar e O Pátio da Avó Faustina.

Mais recentemente, em 2014, surge na Azinhaga do Ribatejo a Casa de Azzancha – Alojamento local, Oficinas e Rotas Culturais.

Mas para complementar todo este conjunto de actividades desenvolvidas pelo Gabinete da Cultura Avieira e parceiros, salientamos os congressos onde são lançados desafios aos empreendedores para novos projectos de hotelaria e restauração.

A realização de exposições de fotografia, a implementação do Mês da Cultura Avieira que decorreu em 2014 no W Shoping de Santarém com lançamento de livros sobre a cultura avieira e venda de vários sobre o tema. Alguns sobre a Praia de Vieira de Leiria com a participação das várias comunidades Avieiras com os seus ranchos folclóricos e demonstração c/degustação de gastronomia das várias regiões. Sessões de cinema, documentários sobre a vida dos Avieiros, teatro, entrevistas com vários actores, protagonistas das vivências retratadas. Grande exposição das artes de pesca e tipo de embarcações utilizadas no rio Tejo.

Participação do projecto da Cultura Avieira na BTL em 2010 Feira Internacional de Turismo.

Desde 2013, ano em que se realizou o lº Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, que tem vindo a aumentar o interesse por esta procissão fluvial que tem por fim não só a componente religiosa e a união entre Comunidades, como o chamar de atenção das entidades competentes para o estado em que o rio Tejo se encontra.

Tanto em 2014 como em 2015, o Tejo apresenta um estado agravado das condições naturais, ou seja, falta de água, assoreamento e poluição, assunto ao qual as autoridades competentes deveriam olhar com olhos de ver, de forma a adoptar de imediato medidas adequadas à prevenção de danos ambientais, e os meios de comunicação social darem o devido destaque para o mau estado em que o rio se encontra.

Por se ter verificado estar em presença de uma Cultura com um património único e com uma Identidade própria, foi criado o Gabinete da Cultura Avieira, que esteve a recolher, a analisar e a compilar, todo o material de investigação, que vai constituir o dossier de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional e da Unesco, a fim de ser entregue este ano de 2015 no decorrer do próximo mês de Julho.

Conclusão

Tendo em conta a problemática inicialmente levantada, este trabalho de investigação empírica teoricamente orientado, permitiu que se identificassem elementos chave para que se possam obter respostas às hipóteses formuladas, na sequência das respectivas perguntas de investigação levantadas.

Depois de fazer a revisão da bibliografia e posterior análise de conteúdo das entrevistas, chegou-se às seguintes conclusões:

No que respeita à Q1- «*O património centrado em termos económicos, como poderá ser exposto e explorado?»*

O património imaterial dará toda a força às medidas de salvaguarda para a valorização das casas, do barco enquanto meio essencial de trabalho e dos outros utensílios e haveres «redes, piteiras, covos…» específicos dos Avieiros.

Porpõe-se um investimento e dinamização através das rotas Avieiras pelas Aldeias que poderá levar os turistas a conhecer o património material – as garças os mouchões dos cavalos e as actividades implementadas – assim como o património natural do Tejo.

Q2 - «*O património divulgado em termos culturais contribuirá para o desenvolvimento?»*

Confirma-se que sim, uma vez que, para se conhecer o património, as pessoas têm de se deslocar às Aldeias Avieiras. Este facto faz com que haja procura na área da restauração, na procura de alojamento e nos passeios pelas comunidades. Desenvolver-se-á, também, a procura de objectos de recordação da passagem pelo local e das rotas de barco pelo rio Tejo.

No que respeita à Q1 «questão secundária 1» levantou-se a hipótese:

HQ1.1 - «*Sensibilização das populações, dinamização do comércio e das entidades circundantes às aldeias avieiras para conhecimento e divulgação da cultura avieira?*»

Verificamos que há sensibilização das populações quando já procuram a «borda-d'água» para verem e participar em eventos, como o Cruzeiro Religioso e a Benção dos barcos, dinamização do comércio quando participam no «mês da gastronomia» e quando procuram as rotas avieiras fluviais e os hóteis rurais.

Quanto à HQ1.2. - «*Hóteis rurais nas rotas avieiras a fim de uma maior possibilidade de permanência dos visitantes e maior integração e divulgação de uma localidade bem como a descoberta de uma identidade?*»

Também esta questão se confirma quando verificamos a inauguração de duas unidades de turismo rural Quartos do Lagar e O Pátio da Avó Faustina, na Golegã e a Casa de Azancha situada na Azinhaga do Ribatejo que oferece «oficinas e rotas culturais».

No que respeita à pergunta secundária Nº2 HQ2.1. - *A preservação das Aldeias Avieiras para a dinamização de eventos sócio culturais?*»

Também se confirma o seu interesse. Temos o exemplo da Aldeia da Palhota que, neste momento, é a que se encontra mais preservada e a reabilitação da Aldeia do Patacão que é a Aldeia Avieira mais degradada. Todas as outras vão tendo os seus visitantes só pelo facto de quererem conhecer os locais, outros visitam-nas unicamente para estudos ambientais.

Na HQ2.2. - «*As festas religiosas das comunidades avieiras, integradas nas festas locais, religiosas ou não, das várias regiões, como forma de alargar a divulgação cultural local?*

Também se confirma como fonte dinamizadora para a preservação patrimonial. Como já foi conferido quando integram as festas de Constância, da Póvoa de Santa Iria e outras.

Na HGQ «hipótese à grande questão» – «Será importante o património popular construído, para o desenvolvimento local?»

Verifica-se ser importante por ser uma forma de dinamizar as regiões através do turismo quando movimenta muitas pessoas para esses locais obrigando a que haja infraestruturas para acolher os visitantes. Estes visitantes, normalmente, ao fazerem despesas movimentam a economia da região. Mas para que possa existir essa dinamização tem de se construir todo um conjunto de atractivos. Assim, nasceram os alojamentos locais que se verificou terem tido muita procura. Na verdade, para que os visitantes possam permanecer mais tempo nesses locais há que existir toda uma logistica capaz de responder às necessidades turistícas e obviamente da população em geral.

Por tudo isto concluiu-se ser muito importante a preservação da identidade avieira que, definida pelas suas práticas, e coincidindo com a segurança do património, quanto mais autenticidade tiver maior será a sua valorização e a curiosidade das pessoas em a quererem visitar.

Bibliografia

Bibliografia

Livros

- Alves, A. (2008). *Em busca de uma Sociologia da Polícia*. Guarda Nacional Republicana. Lisboa.
- Ashworth, G. (1994). From History to Heritage – From Heritage to Identity em Ashworth, Gregory e Peter Larkham (orgs), *Building a New Heritage*, Londres, Routledge, (pp. 13 – 30)
- Beck, U., Giddens, A., Lash, S. (1997). *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. São Paulo. Unesp.
- Birou, A. (1978). Dicionário das Ciências Sociais. (4ª ed) Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Bourdieu, P. (1974) O mercado dos bens simbólicos. in: *A economia das trocas simbólicas* (org. Sérgio Miceli). (pp. 99-181).São Paulo: Perspectiva.
- Coelho, A. M. (2011) *Os Últimos Avieiros do Tejo no Concelho da Chamusca*. Âncora Editora.
- Contexto (ed.) (2006) *Dicionário de Conceitos Históricos* - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – São Paulo.
- De Brito, R. (2009). *Os Palheiros de Mira*. (2ª ed.) Mira. Reedição fac-similada, CEMAR: Centro de Estudos do Mar.
- De Oliveira, E., Galhano, F., & Pereira, B. (1994). *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa. Publicações D. Quixote.
- *Dicionário da Língua Portuguesa* (2006). Porto: Porto Editora.
- Fortin, M. F., Côté, J., Filion, F. (2009).*Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Portugal: Lusodidacta.
- Funari, P. P. (2001). Os desafios da destruição e conservação do património cultural no Brasil, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. (41, pp. 23 – 32)

- Garcia Canclini, N. (1999 b). Los usos sociales del patrimonio cultural em Criado, Encarnación Aguilar (org) *Patrimonio Etnológico*. Nuevas Perspectivas de Estudo, Sevilla, Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico. (pp. 16 – 33)
- Giddens, A. (2008). *Sociologia*. (6ª ed.) Fundação Calouste Gulbenkian
- Gil, A. C.(1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.* (5ª Edição., pp. 26-74). São Paulo: Editora Atlas S. A.
- Guerra, I. C. (2006a). *Participação e Acção Colectiva: Interesses, conflitos e consensos* (1ª ed). Estoril-Portugal: Principia.
- Herzfeld, M. (1991). *A Place in History.Monumemtal and Social Time in a Cretan Tawn*, Princenton, Princenton University Press.
- Instituto Politécnico de Santarém (2010). *ACTAS I 1º Encontro Nacional da Cultura Avieira*. (1ª ed.). Âncora Editora.
- Lopes, A., Serrano, J. M. (2009) *A Reconstrução do Sagrado* - Religião Popular nos Avieiros da borda-d'água (1ª ed.). Ed. Âncora Editora.
- Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2004c). *Metodologia Cientifica* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Nunes, H. F. (2008). *Os Pescadores da Praia da Vieira – O naufrágio do Salsinha, 15 de Novembro de 1907*. Junta de Freguesia de Vieira de Leiria
- Pérez, X. P. (2003). Patrimonialização e Transformação das Identidades Culturais; in: Portela, J. C., Castro, J. (org), *Portugal Chão,* (pp.231 – 247). Oeiras: Celta Editora.
- Pinto, M. (2015). *Segurança. Perspectivas para uma sociologia da acção* .(1ª ed.). Fronteira do Caos Editores Lda.
- Pinto, M. S. (2010). *Transporte aéreo e poder político - sob o signo do império* (1ª ed.). Lisboa: Coisas de Ler.
- Popper, K, (2001). *A Vida é Aprendizagem*. Epistemologia evolutiva e Sociedade aberta. Lisboa. Edições 70.
- Prats, L. (1997). *Antropología y Patrimonio*, Barcelona, Ariel.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. V. (2005) *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (4ª ed.). Colecção Trajectos. Lisboa: Editora Gradiva.
- Redol, A. (2011).*Gaibéus*. (22ª ed.) Lisboa: Publicações Europa América.
- Redol, A. (s/d). *Avieiros*. Mira-Sintra – Mem Martins: Publicações Europa América.
- Riegl, A. (1987). *El Culto Moderno a los Monumentos*, Madrid, Visor.

- Rodríguez Becerra, S. (1997). Patrimonio cultural, patrimonio antropológico y museos de antropología; *Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*.(21, pp. 42 – 52)
- Ruquoy, D. (2005). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. in: Albarello, Luc e al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. (2ª ed. pp. 84 – 116). Lisboa: Gradiva
- Serrano, J. M. (2014) *Os Avieiros – Uma Cultura, um Património e uma Identidade* Caderno Cultural Nº 6. Alpiarça: A.I.D.I.A.
- Silva, K. V. e Silva, M. H. (2006) *Dicionário de Conceitos Históricos*.Ed. Contexto – São Paulo.
- Tylor, E. B. D.C.L., LL.D, F.R.S. (1920) *Primitive Culture* – Researches Into The Development Of Mythology, Philosophy, Religion Language, Art, And Custom. (6ª ed. 1º Vol.)John Murray, Albemarle Street, W. London.
- Véstia, M. L., Rafael, E. (2012) *Avieiros - Dores e Maletas.* Âncora Editora.

Artigo em revista

- Barbosa, C., Serrano, J., M., Ferro, A.(2015). *Identidade e Cultura das Comunidades Avieiras do Tejo e do Sado*. In Ardentía. Federación Galega pola Cultura Marítima e Fluvial. No prelo.

Comunicações

- Ferro, A. (2013, Março). *Palestra sobre a Cultura Avieira*.
Comunicação apresentada no âmbito da semana "*Escola em Movimento*" Realizada na Escola Secundária do Cartaxo.

Folhas Informativas editadas pelo Instituto Politécnico de Santarém

- Ferro, A. (2011). *Festas em Honra de Nossa Senhora da Piedade* Póvoa de Santa Iria – Folha Informativa Nº 30 – 2011. ISSN: 2182-5297. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Ferro, A. (2013). 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, 30.05.2013, 6ª etapa: *Póvoa de Santa Iria – Sarilhos Pequenos*. – Folha Informativa Nº 32 – 2013. ISSN: 2182-5297; N. 83. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Ferro, A. (2013). 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo. 25.05. 2013, *Vivências da etapa. Constância – Azinhaga*. – Folha Informativa Nº 19 – 2013. ISSN: 2182-5297; N. 70. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Ferro, A. (2013). 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo. 26.05.2013, 2ª etapa: *Azinhaga – Caneiras*. – Folha Informativa Nº 21 – 2013. ISSN: 2182-5297; N. 72. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Ferro, A. (2013). 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo. 27.05.2013, 3ª etapa: *Caneiras – Valada*. – Folha Informativa Nº 26 – 2013. ISSN: 2182-5297; N. 77. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Ferro, A. (2013). 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo. 28.05.2013, 4ª etapa: *Valada – Vila Franca de Xira*. – Folha Informativa Nº 28 – 2013. ISSN: 2182-5297; N. 79. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Ferro, A. (2013). 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo. 29. 05.2013, 5ª etapa: *Vila Franca de Xira – Póvoa de Santa Iria*. – Folha Informativa Nº 30 – 2013. ISSN: 2182-5297; N. 81. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.

- Hipólito, R. (2010). *O NOSSO PATRIMÓNIO [A NOSSA IDENTIDADE]* Folha Informativa Nº 10 – 2010. ISSN: 2182-5297. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Instituto Politécnico de Santarém. (2009). *Pedaços de Memória de Um Pescador Avieiro do Patacão – I.* Folha Informativa Nº 36 – 2009. ISSN: 2182-5297. Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.
- Pinto, A. (2011) *O 2º Dia Nacional do Avieiro 24 de Julho de 2011*. Folha Informativa Nº 21 – 2011. ISSN: 2182-5297. Cultura Avieira, Um Património, Uma Identidade. IPS – Instituto Politécnico de Santarém.

Texto a publicar

- Ferro, A. (2015). *A COMUNIDADE AVIEIRA – Avieiros da Póvoa de Santa Iria –*

Web site

http://www.fmemoria.com.br/teoriaecritica/img/mercado_dos_bens_simb.pdf
Última consulta em 20 de Maio de 2015.

http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_CULTURA.pdf
In: Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo; 2006
Última consulta em 25 de Maio de 2015.

file:///C:/Documents%20and%20Settings/Proprietario/Os%20meus%20documentos/Downloads/a-seguranca-nacional-e-a-problematica-do-sistema-policial-dualista%20(1). pdf
Última consulta em 18 de Junho de 2015.

Glossário

Glossário

Terminologia utilizada no meio avieiro

Abicar – Atracar na praia.

*Alado*r – Instrumento em forma de bobine que puxa as redes para as embarcações.

Alevantar – É quando se faz o lance das redes para apanhar o pescado.

Aparelho – É o nome dado à linha que suporta anzóis com isco de peixe ou silicone, tendo um determinado intervalo entre si, é e enrolada e espetada numa faixa de madeira colocada à volta de um alguidar.

Ardentía – Federación Galega pola Cultura Marítima e Fluvial.[17].

Arrais – Patrão ou mestre de um barco ou lancha. *CÉDULA MARÍTIMA NA RESPECTIVA CATEGORIA.* O/A Arrais de pesca local é o/a profissional que pode exercer o governo de embarcações de pesca de comprimento entre perpendiculares inferior a 9 metros, desde que opere na área do porto de registo da embarcação e nas áreas dos portos limítrofes, de acordo com o tipo de embarcação (convés aberto ou fechado) e com os limites estabelecidos nas normas reguladoras do exercício da pesca local. (fonte: Decreto-Lei nº 280/2001, de 23 de Outubro).

Artes – Instrumentos de pesca.

Bateira – Embarcação fabricada em madeira utilizada no rio.

Botirões – É uma rede de círculos parecida com a nassa de dimensões muito maiores em forma de funil para a pesca da lampreia.

*Camarad*a – É o nome dado à mulher do avieiro que durante a faina governa a embarcação.

Companha – Tripulação de um navio ou barco de pesca, que vai à faina.

Covo – Viveiro de peixe capturado.

Faina – Serviço efectuado a bordo de um navio.

Governar uma embarcação – Guiar, conduzir.

[17]Federación Galega pola Cultura Marítima e Fluvial. No mês de julho de 2015 vamos realizar o XII Encontro de Embarcacións Tradicionais. Trátase do principal evento destas características que se realiza na Península Iberica, ten lugar cada 2 anos contando con numerosa participação internacional (Irlanda, Portugal, Francia, Croácia...) http://www.encontrocabo2015.org/. ARDENTÍA sempre reserva um espaço para a publicação de artigos sobre a cultura marítima e fluvial de Portugal. Na FGCMF recebemos todos os trabalhos sobre a cultura avieira que você nos envían, e nós pensamos que a revista Ardentía é uma boa oportunidade para ajudar a espalha-la.

Hidráulica – Relativo à direcção dos serviços hidráulicos.

Maracha – Salgueiros.

Nassa – Rede de círculos para a apanha da enguia e do camarão.

Palafita – Construção assente em estacaria.

Pandulho – Peso para rede de pesca tradicional fabricado em barro.

Patrão Local – A CARTA DE NAVEGAÇÃO DE PATRÃO LOCAL habilita o titular ao comando de uma ER «Embarcação de Recreio» sem limite de dimensão e sem limite de potência, em navegação diurna e nocturna à distância máxima de 5 milhas da costa e de 10 milhas de um porto de abrigo.

Piteira – Armadilha de pesca feita de anzóis em torno de um pau, serve para apanhar polvos.

Rabeiras – Varas ou estacas, geralmente de salgueiro, onde são enfiados e fixados os botirões.

Saboga – Rede com que se captura o sável.

Torricado – É confeccionado com o pão seco de vários dias.

Traste – Banco com um orifício central onde se coloca o mastro.

Vara – Pau comprido com que se empurra a embarcação quando esta está encalhada.

Espécies de peixes capturadas

Barbo – Peixe de água doce, assim chamado pelos barbilhos que o caracterizam. Peixe de baixo preço.

Boga – Peixe de água doce. Peixe de preço médio.

Camarão – Crustáceo comestível, muito frequente junto das costas marítimas portuguesas, rias e embocaduras dos rios; de cor avermelhada. Peixe de preço alto.

Corvina – Peixe frequente nos rios de Portugal. Peixe de preço elevado.

Enguia – Peixe comestível, de corpo fino, longo e cilíndrico, muito frequente em Portugal, também conhecido por eiró. Peixe de preço elevado.

Fataça – Nome vulgar por que são conhecidas umas espécies de tainhas comuns em Portugal. Peixe de baixo preço.

Lampreia – Uma espécie do mar, grande e muito apreciada em culinária, e outra mais pequena, do rio, ambas de formato cilíndrico e alongado e de pele viscosa.Peixe de preço elevado.

Linguado – Peixes de corpo muito achatado e mais ou menos alongado, que aparecem nos rios portugueses, muito apreciados na alimentação. Peixe de preço elevado.

Pampo – Peixe de carne muito saborosa. Peixe de baixo preço.

Robalo – Peixe que tem o dorso cheio de manchas escuras e cuja carne é muito apreciada, comum na costa marítima portuguesa. Peixe de preço elevado.

Saboga – Peixe de menores dimensões que o sável. Peixe de baixo preço.

Salmão – Peixe que aparece nos rios, muito apreciado pela sua carne de sabor delicado e que apresenta cor avermelhada. Peixe de preço elevado.

Sarmão – Peixe de água doce aparentado da carpa. Peixe de baixo preço.

Sável – Peixe de reflexos prateados, apreciado na alimentação, que desova em alguns dos rios portugueses. Peixe de preço elevado.

Tainha – Espécie de peixe comestível e comum em Portugal, também conhecida por corvéus, fataça, galhofa, garrento, liça, mugem, mugueira, negrão, tagana, etc. Peixe de baixo preço.

Aldeias Avieiras

Aldeia do Arripiado – Chamusca

Alfange – Santarém

Alhandra – Vila Franca de Xira

Azinhaga – Golegã

Barreiras da Bica – Santarém

Caneiras – Santarém

Casa branca – Azambuja

Conchoso – Benavente

Escaroupim – Salvaterra de Magos

Esteiro do Nogueira – Vila Franca de Xira

Obras – Azambuja

Palhota – Cartaxo

Patacão – Alpiarça

Porto da palha – Lezirão – Azambuja

Porto de Muge – Salvaterra de Magos

Póvoa de Santa Iria – Vila Franca de Xira

Reguengo – Vila Franca de Xira

Ribeira de Santarém – Santarém

Touco – Alpiarça

Vala do Carregado – Vila Franca de Xira

Valada – Cartaxo

Vau – Benavente

Vila Nova da Barquinha – Tancos

Apêndices*

* Fotos da Autora

A – Fontes do trabalho teórico

Apêndice I

- Diário de Campo -

Apêndice I

- Diário de Campo -

O primeiro contacto com a cultura Avieira dá-se a 08 de Julho de 2008, com a Exposição "*Vidas no Tejo. Um Olhar Sobre as Comunidades Avieiras*", no Edifício do Celeiro da Patriarcal de Vila Franca de Xira, e que decorreu de 4 de Julho a 31 de Agosto de 2008.
Construído em meados do século XVIII, para a Igreja Patriarcal de Lisboa, encontra-se em Vias de Classificação. O Portal de entrada que emoldura a porta de madeira almofadada e o frontão triangular que encima a sua fachada principal é da autoria de José Custódio de Sá e Faria. Edificação de linhas sóbrias funciona desde há alguns anos como local de realização de exposições temáticas.

28 de Fevereiro de 2011

Entrevista aos Elementos Coordenadores da Cultura Avieira, no âmbito do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional, Dr. João Monteiro Serrano em representação do Instituto Politécnico de Santarém, Engº. António Mota Redol e Drª. Maria de Lurdes Véstia. Esta entrevista foi transmitida no dia 28 de Fevereiro de 2011 no programa "*Portugal no Coração*" da RTP 1, pelas 15h e 56m, com a duração de 2h e 9m, tendo ainda a participação das mulheres da Comunidade Avieira da Póvoa de Santa Iria.

09 de Março de 2011

- Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, Rua Dr. Vasco Moniz, bloco 3 Vila Franca de Xira. Telefone: 263.200.770.

Desloquei-me à Junta de Freguesia onde falei com a Exmª. Srª D. Cíntia Santos.

Esta Senhora, gentilmente me enviou vária documentação sobre a Comunidade Avieira. Facultou-me um exemplar do Jornal Regional "TRIANGULO" de distribuição gratuita, Ano VII, Quinzenário, Nº 192 de 7 de Março de 2011, cujo Director é o Exmº. Senhor Carlos Cardoso e onde consta um artigo que assinala os cem anos do nascimento de Alves Redol "*Pelas ruas de Vila Franca à descoberta do homem e do escritor"* Carlos Cardoso, P. Suplemento Cultural Nº 84, III. Destaca-se Alves Redol como sendo o primeiro autor a abordar este tema na sua obra "*Avieiros*".

A Exmª. Senhora D. Cíntia Santos, deu-me o contacto do Sr. Dr. João Serrano, director do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional, bem como o contacto do Sr. Dr. Daniel Rebita, e sugeriu que contactasse também o Sr. Manuel do Vau, com a finalidade de poderem ser entrevistados.

● Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Praça Afonso de Albuquerque Vila Franca de Xira.

Ao expôr o objectivo da minha visita, encaminharam-me para o departamento Divisão de Turismo e Actividades Económicas, Rua Dr. Manuel de Arriaga, nº 24 Vila Franca de Xira, onde por sua vez me direccionaram para o Museu Municipal de Vila Franca de Xira, onde irei consultar documentação.

● Posto de Turismo / Oficina de Turismo, Praça Afonso de Albuquerque Vila Franca de Xira.

Aqui obtive um Roteiro de Vila Franca de Xira, Boletim Informativo Saber / Lazer Nº 10 de 2010, panfleto de Cozinha Tradicional com a receita "Folhinhas de louro", um Guia da Cidade Vila Franca de Xira, Edição Rota comercial, um panfleto do Museu do Neorealismo, outro do prémio literário Alves Redol, um programa Centenário 1911 -2011 de Alves Redol e por fim um panfleto de Março mês do Sável.

Também aqui me foram dadas indicações dos vários locais onde ainda se pode encontrar comunidades avieiras, como Vieira de Leiria, Murtosa no Distrito de Aveiro, Caneiras em

Santarém, Palhota na freguesia de Valada, Escaroupim em Salvaterra de Magos, Alhandra e Póvoa de Santa Iria, etc.

Indicaram-me as publicações sobre a Cultura Avieira, existentes no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, da autoria da Dr.ª Micaela Soares e a Galeria do Turismo, para pesquisa de fotografias. e ainda para tomar conhecimento da existência de passeios no Tejo, a bordo do barco Liberdade, pertencente à Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

● Museu Municipal de Vila Franca de Xira, Rua Serpa Pinto 65, Vila Franca de Xira.

Ficou marcada para dia 11 de Março de 2011, uma pesquisa de material sobre a Cultura Avieira.

● Comunidade Avieira, em Vila Franca de Xira.

Aqui, tive oportunidade de tomar contacto real com o local e falar com um dos pescadores.

11 de Março de 2011

● Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Horário: 9.30 às 12.30 e das 14.00 às 17.30 de 2ª a 6ª feira.

Falei com a Dr.ª Mónica Alves do Centro de Documentação do Museu, que me facultou o acesso a documentação e livros publicados sobre as comunidades Avieiras.

Centro de documentação do Museu
Contactos - Dr.ª Mónica Alves
Telefone: 263.280.350 ex: 1839
E-mail: monica.pereira@cm-vfxira.pt

20 de Março de 2011

● PERCURSOS DE REDOL - GLÓRIA DO RIBATEJO

Hora: Domingo, 20 de Março das 8:00 – 19:00

Local: Glória do Ribatejo - Salvaterra de Magos - Escaroupim (Aldeia Avieira)

6 – Folheto informativo da viagem a Gloria do Ribatejo

9:00 – Vila Franca de Xira, em frente ao SMAS, apanhamos o autocarro da Câmara de Vila Franca de Xira, cedido à Cooperativa Alves Redol, representada pelo Sr. Arlindo Gouveia.

9.30 – Porto Alto -» 10.00 - Samora Correia - » 11.00 - Benavente -» 12.00 - Gloria do Ribatejo.

Aqui, fomos recebidos pelo Dr. Roberto Caneira, Presidente da Associação que tutela o Museu para a defesa etnográfica da Glória do Ribatejo,e que nos guiará nesta visita.

Junto à estátua do busto de Alves Redol, homenagem pelo centenário do seu nascimento, - 1911-2011 - com a presença do Sr. Engº. António Mota Redol, seu filho.

Visita ao Museu etnográfico e `Casa típica da Aldeia, primeiro núcleo museológico.

Escaroupim - visita guiada pela D. Cacilda, Avieira, à Casa Museu dos Avieiros «casa palafitica», que exaustivamente explicou o funcionamento dos utensílios que a casa conserva, como se vivia e dividiam as casas minúsculas apenas com o mínimo necessário ao dia-a-dia.

Seguiu-se então a:

- Visita ao cais e almoço no restaurante Escaroupim.

- Visita ao Museu do Rio e Centro de Interpretação.
- Visita ao Celeiro da Vala.
- Visita à Igreja da Misericórdia.
- Visita à Capela Real
- Regresso a Vila Franca de Xira.

15 de Junho de 2011

Contactei o Dr. João Monteiro Serrano, Coordenador da Equipa Central do Projecto da Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional, para obtenção de entrevista, na qualidade de Informante Privilegiado.
No seguimento deste contacto, o Dr. João Serrano dirigiu-me o convite para estar presente no 2º Congresso Nacional da Cultura Avieira.

17 de Junho de 2011

Presença no 2º Congresso Nacional da Cultura Avieira, no Instituto Politécnico de Santarém.

Junho de 2011

Começo das entrevistas.

Julho de 2011

Prosseguimento das entrevistas.

Celebração da Cultura Costeira – Exposição na Igreja da Misericórdia em Santarém, da iniciativa da Sociedade Mútua de Pescadores, a que aderiram o Instituto Politécnico de Santarém, a Santa Casa da Misericórdia de Santarém e foi montada como suporte ao 2º Congresso Nacional da Cultura Avieira.
Participei a convite do I.P.S.

Setembro de 2011

Integrada nas festas da cidade da Póvoa de Santa Iria realizou-se a Bênção Nocturna dos Barcos de pesca. A convite do Dr. João Serrano, assisti às cerimónias religiosas e participei na saída para o rio tendo acompanhado os Avieiros em todo o percurso.

Início da minha colaboração na elaboração das Folhas Informativas do Gabinete da Cultura Avieira publicadas através do Instituto Politécnico de Santarém.

A convite do Gabinete da Cultura Avieira, assisti à inauguração de duas unidades de turismo rural na Golegã "Lagar da Alverca" e "Pátio da Avó Faustina".

2012

Início da transcrição das entrevistas.

Participação na reunião com os Arquitectos Sem Fronteiras em Alhandra, Dr. João Serrano do I.P.S - Projecto Polis XXI Requalificação da Frente Ribeirinha-

Participação na reunião para o lançamento dos livros de Alves Redol nas comemorações do Centenário do seu nascimento, no Museu do Neorealismo em Vila Franca de Xira.

Participação na *Apresentação do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional*no Grémio Dramático Povoense a 15 de Junho de 2012.

Entrevista ao Sr. Fernando Barrinho. Presidente da ACAPSI.

Entrevista à D. Clementina Fernandes. Pescadora Avieira na Póvoa de Santa Iria.

Entrevista ao Sr. Joaquim Fernandes Moreira. Pescador Avieiro na Póvoa de Santa Iria.

Participação no 1º Arraial/Sardinhada Avieira da ACAPSI.

1 de Setembro de 2012 – Participação na Bênção diurna dos Barcos Avieiros que como em anos anteriores, fez parte das festas da cidade da Póvoa de Santa Iria.

4 de Outubro de 2012 – Participação no 1º Convívio gastronómico realizado pela ACAPSI.

2013

Participação na Visita de estudo dos alunos da Escola Secundaria do Cartaxo à Aldeia Avieira da Póvoa de Santa Iria, no âmbito da semana *Escola em Movimento*.

Oradora na palestra sobre a Cultura Avieira no âmbito da semana *Escola em Movimento*, realizada na Escola Secundaria do Cartaxo a 11.03.2013.

Participação na Consagração da Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo a 4 de Maio na Igreja de Jesus Cristo em Santarém.

Participação no Seminário sobre *Prevenção de Riscos Profissionais, Divulgação de Informação e de Normas Técnicas em Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho*a realizar na sede da ACAPSI nos dias 18 e 19 de Maio de 2013.

Participação nas reuniões de organização do evento, 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, realizadas na Associação Cultural Avieira da Póvoa de Santa Iria e no Instituto Politécnico de Santarém.

Participação em *bateira*, no 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo desde Constância à Trafaria, nas oito etapas que o constituíram.

Conversas com os Avieiros sobre a Comunidade, trabalho e tempos de lazer.

Participação na Inauguração da Requalificação da Frente Ribeirinha da Zona Sul do Concelho de Vila Franca de Xira inserida no Projecto Polis XXI.

Curso de Patrão Local.

Participação na sardinhada organizada pela ACAPSI.

Participação no magusto organizado pela ACAPSI.

2014

Eleição para os Corpos Directivos da ACAPSI, Associação Cultural Avieira Póvoa de Santa Iria, onde me foi atribuído o cargo de Vogal.

Reunião no Hospital de Vila Franca de Xira em representação da ACAPSI no debate do Plano de Acção 2014 Conselho Local de Acção Social de Vila Franca de Xira. Janeiro de 2014.

Reunião na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira para organização do II Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo a 05.05.2014.

07.05.2014– Reunião da ACAPSI, para apresentação de cumprimentos de boas vindas ao Sr.Padre Carlos Silva, novo Pároco da Póvoa de Santa Iria. Aproveitamos a oportunidade para lhe dar a conhecer a comunidade Avieira e falarmos sobre o Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo.

15.05.2014 – Reunião na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira para organização do II Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo.

Reunião a 15.05.2014 com o Sr. Padre Carlos Silva, para organizar recepção à imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo à chegada do II Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo à Póvoa de Santa Iria.

Participação no II Cruzeiro Religioso do Tejo que teve o seu início em Alvega de onde saiu a 17 de Maio de 2014 tendo chegado a Paço de Arcos, a 15 de Junho. A ACAPSI participou na 6ª etapa– Alhandra/Póvoa de Santa Iria, dia 10 de Junho de 2014, 7ª etapa– Póvoa de Santa Iria/Parque das Nações, dia 14 de Junho de 2014 e 8ª etapa– Parque das Nações/Trafaria/Paço de Arcos dia 15 de Junho de 2014. Na 6ªetapa participei em bateira, na 7ªetapa em barco de pesca, em fibra, tendo a última sido feita na ***bateira guia*** bateira que transporta o andor, trajada de Avieira, transportando o círio de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo.

Participação na sardinhada organizada pela ACAPSI.

Participação no evento *Mês da Cultura Avieira* que se realizou no WShopping de Santarém de 4 de Outubro de 2014 a 2 de Novembro de 2014, nos dias 25 e 26 de Outubro e 1 e 2 de Novembro.

Participação no magusto organizado pela ACAPSI.

2015

Participação na reunião de organização do IIIº Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo a 27 de Fevereiro na ACAPSI.

Participação num artigo tripartido, sobre a Cultura Avieira, para a revista galega *Ardentía*, revista dedicada ao património marítimo e fluvial que conta com numerosa participação internacional.

Elaboração do Historial Avieiro para acompanhar convite dirigido a S. Excelência Reverendíssima o Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D.Manuel Clemente, a estar presente nas cerimónias da Coroação de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo a realizar em Vila Velha de Rodão a 2 de Maio p.f., bem como para a recepção do IIIº Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, que chegará à Comunidade da Póvoa de Santa Iria no próximo dia 13de Junho.

Em 21.03.2015, participação no – Seminário – **SÁVEL** AFIRMAÇÃO DE UMA MARCA DO **TEJO**–Pavilhão Multiusos Vila Franca de Xira., a convite da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

02 de Maio de 2015 – Coroação de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo, por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Portalegre – Castelo Branco, D. Antonino Eugénio Fernandes Dias na paroquia de Vila Velha de Ródão.

III Cruzeiro Religioso e Cultural do Tejo de 30 de Maio a 14 de Junho entre Vila Velha de Ródão e Oeiras.

Apêndice II

Lista de entrevistados

Apêndice II

Lista de entrevistados

- Dr. João Monteiro Serrano, Director/Coordenador do Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional.

- Sr. Fernando Manuel Viegas Barrinho, Presidente da Direcção da ACAPSI.

- Sr. Manuel Domingos da Cunha – ***Manuel do Vau*** – Pescador Avieiro em Vila Franca de Xira.

- D. Maria José Guerra Simãozinho – Pescadora Avieira na Póvoa de Santa Iria.

- Sr. José Henrique Simãozinho – Pescador Avieiro na Póvoa de Santa Iria.

- D. Clementina Tocha Fernandes – Pescadora Avieira na Póvoa de Santa Iria.

- Sr. Joaquim Fernandes Moreira – Pescador Avieiro na Póvoa de Santa Iria.

Apêndice III

- Guião de entrevista -

Apêndice III

- Guião de entrevista -

Identificação do entrevistado

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Tem filhos?

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?
2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?
3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?
4) Qual o enquadramento que deveriam ter?
5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?
6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?
7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?
8) Tem diferença os dias de festa?
9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?
10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?
11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?
12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?
13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?
14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

Apêndice IV

– Entrevistas –

Apêndice IV

– Entrevistas –

Entrevista nº 1

Identificação do entrevistado

Nome:

João Manuel Monteiro Serrano

Idade:

59 anos

Estado Civil:

Divorciado

Tem filhos?

2 filhas

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?

Fazem parte de uma adaptação às condições do meio-ambiente do Tejo, que não existiam na Praia de Vieira de onde foram originárias. A religião, a gastronomia, o casamento, as relações familiares, os rituais profanos, as crenças, as mezinhas e tantas outras, resultaram de uma vida em contacto directo com os elementos, contando só com a família e a comunidade espalhada pelas aldeias ao longo do Tejo.

2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?

Que se olhe para elas como pessoas, com direitos constitucionais, e que se adoptem as medidas que o projecto dos Avieiros propõe, nomeadamente na reabilitação das aldeias, na formação profissional, na criação de uma Rota da Cultura Avieira, no desassoreamento do Tejo e outras.

3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?

Estas gentes fazem parte da região de há muito e contribuíram para a criação de uma identidade própria regional, complexa, na qual a sua cultura é uma referência.

4) Qual o enquadramento que deveriam ter?

Deveriam ter um estatuto e um tratamento em pé de igualdade com qualquer cidadão, sem descriminações, e com o apoio das organizações que deveriam de há muito ter percebido a importância da sua cultura.

5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?

É invulgarmente importante, dado que as manifestações desta cultura são complexas e afirmam-se em praticamente todas as áreas sociais, culturais e económicas, com aldeamentos únicos, barcos, artes de pesca, gastronomia, religião, relações de parentesco intercomunitário e tantas outras, únicas no nosso país e na Europa.

6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?

Os Avieiros conseguiram adaptar-se ao definhamento do rio Tejo e dos seus riquíssimos ecossistemas, ganhando espaço nas actividades económicas regionais, como na agricultura (são seareiros bem sucedidos), na construção civil e nos serviços. Estas actividades são por isso favoráveis ao desenvolvimento da região.

7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?

É importante na medida em que introduz na sociedade como um todo elementos de diferenciação que a enriquecem. A diversidade cultural que isto implica só pode contribuir para afirmar a região do Ribatejo como resultado de um cadinho cultural multidimensional.

8) Tem diferença os dias de festa?

No seio da comunidade os dias de festa são diferentes. Nas comunidades Avieiras da Póvoa de Sta. Iria, Esteiro do Nogueira, Escaroupim e Caneiras, os dias de festa fazem a diferença dentro da comunidade. O 2º Dia Nacional do Avieiro é disso um bom exemplo.

9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?

Há festas religiosas como as de Escaroupim e de Constância nas quais o denominador é a partilha pela comunidade no seu todo, isto é, a dos Avieiros e a do sítio onde a aldeia se localiza.

10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?

Hoje em dia a integração é fácil e a própria sociedade envolvente é mais tolerante à diferença.

11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?

Os filhos dos Avieiros partilham das mesmas esperanças e das mesmas desilusões dos jovens de toda a comunidade juvenil Portuguesa, dado que o mercado de emprego se mostra pouco ou nada receptivo a receber novos empregados.

12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?

Em primeiro lugar está a decorrer o processo de candidatura, para o qual contamos ser bem sucedidos. A acontecer, beneficiará a Rota da Cultura Avieira e poderá trazer turistas nacionais e estrangeiros à região. Por isso, a directiva futura é a de criar essa Rota, conjugada com a reabilitação das aldeias Avieiras e com o incremento de actividades organizadas em torno da hotelaria, da restauração-gastronomia, e dos circuitos regionais já existentes.

13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?

Os da merecida notoriedade desta cultura no panorama das culturas europeias; do enriquecimento cultural da região; da visibilidade acrescida não só para a comunidade Avieira em particular como para a região como um todo.

14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

O do anúncio da candidatura a património da UNESCO e do significado que tem por ter sido admitido e anunciado publicamente pela representante da delegação da UNESCO em Portugal. Tudo conjugado, vem reforçar a ideia que o projecto se encontra encaminhado para ser bem sucedido.

Entrevista nº 2

Identificação do entrevistado

Nome:

Fernando Manuel Viegas Barrinho

Idade:

46 anos

Estado Civil:

Casado

Tem filhos?

2 filhas

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?

Considero-as no presente, como momentos únicos de relembrar o passado na esperança de se manterem no futuro.

2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?

A gente do rio não foge à conjuntura atual do País, pelo que todas as suas necessidades indispensáveis para uma melhor sobrevivência são urgentes.

3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?

Não só sinto como entendo serem uma mais valia com a sua própria cultura.

4) Qual o enquadramento que deveriam ter?

O que atualmente penso estarem a ter, nomeadamente através do reconhecimento e valorização da sua cultura.

5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?

Não só é importante como sem dúvida é uma mais-valia e riqueza.

6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?

Penso que todas as actividades têm a sua importância, pela sua finalidade contudo as de nível cultural já provaram não só que são favoráveis ao desenvolvimento da região, como ao seu conhecimento e valorização.

7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?

Todos os costumes são importantes de ter e manter.
Numa sociedade aberta como a de hoje é importante as misturas desde que se complementem, mas acima de tudo se respeitem.

8) Tem diferença os dias de festa?

Só pelo motivo, já existe a diferença.

9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?

Sem dúvida e cada vez mais.

10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?

Hoje com mais normalidade que ontem e sem duvida menos que amanhã.

11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?

A integração dos filhos de hoje nada tem a ver com a do passado, sendo uma muito mais fácil e comum. Quanto ao futuro que se lhes prepara nem sempre é o que se obtém, como o de toda a sociedade.

12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?

Na minha opinião os avieiros devem sentir-se orgulhosos por tal e mais do que nunca tomarem todas as directrizes que os levem a uma melhor divulgação, preservação e defesa da sua cultura.

13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?

Não só o reconhecimento da dignidade, riqueza e mais valia de uma cultura muito própria e invulgar, bem como a maior «facilidade de se chegar a bom porto» com todas as directrizes na melhor divulgação, preservação e defesa desta cultura.

14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

Gostaria de focar a importância que o Tejo continua a ter para a continuidade desta cultura e gentes.

É de uma relevância extrema voltar a ter um grande rio Tejo, onde não só voltem as espécies de peixes que fizeram do Tejo a "nossa" sobrevivência e razão de viver, bem como a entrada de outras que nos possam permitir a continuidade…

Gostaria de focar ainda que, apreciaria muito não só manter como aumentar o respeito institucional que hoje existe entre a autarquia e a ACAPSI/avieiros, pois na situação atual, nomeadamente com a zona ribeirinha existente e a que se prevê no futuro, é muito importante continuarmos não só a ser um elo de ligação como em manter a nossa sede/espaço, costumes e tradições.

Entrevista nº 3

Identificação do entrevistado

Nome:

Manuel Domingos da Cunha

*[18]responde pela alcunha de – ***Manuel do Vau*** –

Idade:

81 anos

Estado Civil:

Casado

Tem filhos?

Duas meninas. Uma trabalha na Cimianto, a outra num café e já tenho dois netos e também já tenho trinetos.

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?

As tradições e os costumes são sempre os mesmos que trouxemos da Vieira.

É a pesca.

2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?

Deviam olhar mais par a nós.

Deviam ter aqui uma ou duas casas típicas, uma ou duas bateiras, um barco em construção.

[18] Avieiro sem alcunha não é avieiro.

Isso trazia pessoas a ver a nossa cultura, a fazerem companhia e o Tejo sem companhia…! «sem palavras adivinhando um fim»

3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?

A nossa cultura é a nossa referência.
Estamos aqui há muitos anos. Já fazemos parte da região.

4) Qual o enquadramento que deveriam ter?

Deviamos ser tratados como os restantes.
Fomos discriminados. Ninguém quis saber de nós.

5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?

E muito importante só que agora vivo na casa nova que foi feita pela Câmara para deitarem abaixo a minha. «voz embargada»
Deram-nos um bairro onde temos de pagar a casa. Eu e os outros.
As nossas deviam cá estar para verem como eram.
Temos as artes de pesca, o rancho folclorico. O Rancho Sénior e o Infantil. Também temos o nosso Museu, os barcos e a nossa gastronomia.

6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?

Sim, como a agricultura e outras.
Ainda andei seis anos metido no melão.

Há quem tenha ido à apanha do tomate. O melão uma vezes dava, outras não. No último ano só deu para o adubo e pronto…, disse cá para mim, acabou e voltei para a pesca.

7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?

Claro que é. Juntamos bem.
Agora a vida está um pouco diferente. Dantes era pior.

8) Tem diferença os dias de festa?

Faz diferença.
Seja festa da cidade ou nossa, há diferença.
Gostamos de ir às festas das aldeias onde as coisas são mais originais.
Vamos ao Colete Encarnado. Também à procissão de nossa Senhora da Boa Viagem em Constância.
Não tem deixado a tradição acabar. É uma festa muito bonita. Barcos engalanados e há também a Benção dos barcos.
É que somos todos muito religiosos. Vamos é pouco à Igreja, mas se for preciso ir a Fátima a pé, vamos!

9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?

São festas sempre muito bonitas. Junta-se muita gente sempre que há procissão e barcos engalanados. É bonito de ver as mulheres trajadas e os homens avieiros também.
As danças puxam gente.

10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?

Bem, hoje as escolas são as mesmas e os miudos falam. Conhecem as famílias.

Vamos aos cafés. Os filhos mais crescidos vão para empregos, outros têm os seus negócios. Já não se vive como antigamente só no meio Avieiro. Também os casamentos já não são só entre famílias Avieiras.

É assim, é tudo diferente. Já há restaurantes Avieiros e como deve calcular, as especialidades, como a enguia e o sável, chamamos apreciadores.

11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?

É difícil saber. .Eles já não querem saber disto. Preferem ir para outros lugares, fazer outras coisas, mas quem sabe? Um dia voltam desiludidos e pegam no barco.

12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?

Era importante o Turismo, claro. Há poucos, mas um ou outro como eu fazia, essas coisas pelo prazer de mostrar como era, sem levar um tostão que fosse, mas há sempre outros que só faziam por dinheiro. De qualquer das maneiras era bom para não se perder as coisas. Fazer um dia com o avieiro, no rio à pesca e depois preparar a comida arranjar as artes, tudo o que fazemos. Era bonito. «sorriso entristecido»

Nós já não vamos ter a nossa aldeia, mas ainda seria bom ver conservar as que já estão degradadas. Haver alguém que não deixasse morrer a nossa cultura!

13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?

Todos nós Avieiros e as regiões onde ainda se encontram as comunidades teriam beneficios.

14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

Gostava de ter saúde para ainda poder ver e agradecer a todos que se interessaram por nós e pela Cultura Avieira.

Entrevista nº 4

Identificação do entrevistado

Nome:

Maria José Simãozinho

Idade:

54 anos

Estado Civil:

Casada

Tem filhos?

Duas raparigas

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?

São o que temos. Vieram dos nossos Pais.

2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?

Era importante o turismo, claro.

Talvez tirem mais pressão dos pescadores.

Multam e prendem por tudo e por nada.

Pode ser que voltem a fazer as casas das estacas e os barcos tradicionais, mesmo que seja só para as pessoas poderem ver como era.

3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?

Sim, já somos daqui. As pessoas sabem que pescamos, vamos ao rio mesmo em perigo e o peixe vai para a lota para depois o comprarem nas praças.

4) Qual o enquadramento que deveriam ter?

Deviamos ser tratados melhor.
Não se pode. Mais a Segurança Social que temos que pagar quer haja peixe quer não e os Seguros, … até somos obrigados ater um para nós! Já está a ver. É muito encargo e pouco peixe. «indignada»

5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?

E sim, deviam vir conhecer o que há.
Ainda temos ali um *saveiro*, é aquele grande, mas é mais para pescar quando o rio está mais perto da barra. É de madeira, mais pesado.
O nosso património, se tivessemos turismo era bem melhor. Temos muita coisa, tão boa como lá fora. Era preciso que alguém nos deitasse a mão.
As nossas casas típicas, … é uma pena!
Lá , é que gostavamos de estar.
Estavam estragadas e a Câmara deitou tudo fora.
Agora temos uma casita ali prá Póvoa.
Só ficou aqui o barco e estes armazéns.
É aqui que se preparam as artes.

6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?

São sim. Ajudamos muito na apanha do melão e do tomate.
Outros foram para fora, como eu e o meu marido, mas voltamos.
Iam para a construção civil, mas as condições não eram boas e voltaram para a pesca e para serviços mais bem pagos.
Eram os particulares a contratar.

7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?

A nossa cultura deve ser dada a conhecer.
Vivemos tempos difíceis, ignorados, de terra em terra, sempre no barco até nos fixarmos. Agora a nossa vida é diferente. Já casam sem ser com Avieiros, tanto eles como elas. Falamos com mais pessoas e já somos vistos de outra maneira, sem que se percam os nossos costumes.

8) Tem diferença os dias de festa?

Juntamos a família. Alguns estão longe, mas sempre que podem, cá estão.
Tenho duas filhas que também se juntam nas festas.

9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?

São. São festas que trazem muita gente aqui ao cais para verem a benção dos barcos.
Vem o andor de Nossa Senhora da Piedade que embarca com o padre que também lá vai, a benzê-los.
A benção quando é feita à noite, tem os barcos iluminados e é bonito de ver.

Calha sempre nas festas da Póvoa.

10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?

Às vezes como já disse, pelo casamento e também pelo comércio.
Os jovens saiem com outros. As escolas e os meios de comunicação que agora há. É mais fácil.

11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?

Agora os filhos já são crescidos. Já cá não moram. A vida agora já é dos netos.

12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?

Era importante o turismo. Ajudava-nos muito.

13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?

Se estas coisas andassem, acho que talvez viessem mais turistas. Que viessem mais estrangeiros. Aqui há tempos tivemos ai um senhor francês que ficou maravilhado com tudo isto, mas com pena que estivesse tudo como está.

14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

Estamos à espera, para ver se não deixamos morrer a nossa cultura.

Entrevista nº 5

Identificação do entrevistado

Nome:

José Henrique Simãozinho

Idade:

60 anos

Estado Civil:

Casado

Tem filhos?

Duas raparigas

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?

As tradições vêm dos nossos Pais e Avós.

São para conservar, é a nossa vida e a maneira como as vivemos. São os nossos segredos que ainda guardammos nas nossas famílias.

2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?

As proibições são muitas. A capitania tem um helicóptero que anda aí a fotografar os pescadores e os que estão onde não podem, têm multas muito grandes.

São aos mil e dois mil euros. (preocupado)

Até porque entre anzóis, amostras de isco pequenas e grandes, estes peixinhos de plástico, «mostrando e explicando» mais as cordas e os desenroladores, bóias e redes lá

ficam mais de quinhentos euros de cada vez. «evidenciando o alto custo dos vários materiais»

Menos proibições, menos castigos, materiais menos caros para podermos trabalhar, e também o reconhecimento da nossa Cultura.

3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?

Claro que somos necessarios.

Estamos cá há muito tempo. Aqui nascemos e fomos criados.

Temos o nosso lugar!

4) Qual o enquadramento que deveriam ter?

Sermos melhor tratados.

O estado não diz nada.

Se não fossem os particulares a andarem com as coisas…

5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?

Sim, é. Não há património igual ao nosso. A nossa Cultura também é única. Temos o nosso orgulho em tudo que veio com os nossos de Vieira.

6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?

Nós também já fomos embora. Fomos para o Luxemburgo. «tristeza»

Cá voltámos. Há muita coisa a fazer e nós queremos contribuir. É preciso que nos ajudem. Fomos seareiros, na apanha do melão e do tomate. Havia muito trabalho.

7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?

É pois!
Se não conhecem como podem avaliar-nos?
Não é só dizerem mal.

8) Tem diferença os dias de festa?

São dias mais alegres. Há danças e cantares, barcos engalanados, trajes que nos outros dias não se usam, nas festas, usam-se.
A festa chama pessoas à comunidade, muitas vezes para verem os barcos e a Santa.

9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?

Normalmente sim. Temos a nossa fé. Não vamos à Igreja, mas rezamos à nossa Santa Padroeira e no barco, a Imagem vai sempre connosco.

10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?

Há várias maneiras. A vida modificou-se e nós temos que viver o dia a dia ao lado das pessoas. Não se pode fugir à realidade.

11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?

Da maneira que isto está, hoje eles seguem outros caminhos. Têm outra preparação que nós não tivemos.
As mulheres vão ficando na pesca mas os filhos, tentam novos caminhos!

Não quero dizer que não possam voltar, pois é o que se vem vendo.

Devíamos poder ter uma escola para ensinar as artes e a pesca.

12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?

O turismo é o caminho. Trazer estrangeiros a visitar as nossas Aldeias, mostrar-lhes as artes, dar a conhecer as nossas tradições.

Sentir o rio e mostrar as Aldeias aos turistas.

13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?

Não somos nós a decidir. Muita coisa havia para fazer mas as comunidades deviam poder falar.

14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

Repito, as escolas para os velhos ensinarem os novos, para os prender à comunidade e também para os velhos poderem aprender alguma coisa com os novos, como por exemplo saber ler e escrever.

Entrevista nº 6

Identificação do entrevistado

Nome:

Clementina Tocha Fernandes

Idade:

81 anos

Estado Civil:

Viúva

Tem filhos?

Nove filhos. Sete rapazes e duas raparigas

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?

Então, são a nossa vida. Tudo que vivemos e «tentemos» passar aos nossos filhos Não são coisa para acabar. Podem nos tirar tudo mas a nossa tradição vai-se manter. Faz parte de nós e vem da Vieira.

2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?

Que não nos castiguem mais. Somos um povo trabalhador. Vivemos do que o rio nos dá e depois de muita dificuldade e tanto desgosto, gostava de poder voltar à borda d´água.

3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?

Sim. Dantes íamos, as mulheres Avieiras, depois de apanharmos o peixe, vender de porta em porta, mas agora já é proibido. Iamos à Fonte da Telha ou a Santos, levar à lota. Só depois é que vai para a praça … .

4) Qual o enquadramento que deveriam ter?

Gostava de ainda poder ver o povo Avieiro ser tratado pelos grandes como gente que semos e contribuimos com o nosso trabalho para a mesa de muita gente.

5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?

É sim é importante que conheçam. Mostrar aos turistas é que era! Não deviam ter acabado com tudo…O importante era terem ajudado os Avieiros a manterem as suas casas na borda d`água. Era a nossa vida! Atiraram com a gente prá qui e temos de pagar renda. O espaço era nosso e não tínhamos de pagar. Foi no tempo de outro governante. O Tenreiro que nos deu aquele espaço para fazermos as nossas barracas em lusalite. Não nos «conformemos». O resto, menina, é a nossa cultura. A gente sabe cozinhar bem e ninguem conhece ... . «Fabriquemos» as nossas artes e até curavamos os nossos meninos que nasciam doentes. Não havia médicos como há hoje e éramos nós que curavamos. As ervas curam mas é preciso conhecimento das boas e as nossas rezas sempre ajudaram.

6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?

Nós também íamos às searas. Muita horinha lhes demos. Quando não havia peixe, íamos trabalhar na apanha do melão e do tomate. Os nossos homens também faziam

trabalhos na construção civil. Muitos foram para fora, mas voltaram ao rio, às raízes. Foi como um chamado de Vieira e ainda bem que por cá ficaram.

7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?

Sabemos que os nossos costumes podem ensinar as pessoas que não nos conhecem. A mistura é riqueza e não podemos continuar a ser postos de parte.

8)Tem diferença os dias de festa?

Sim, mas já estou com muitos anos e já pouco me interessa, embora saiba do «intigamente» como eram divertidos esses dias.

9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?

São, hoje já se festeja em conjunto. São as festas da cidade. Agora temos o Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo e a Santa vem aqui ao bairro. Já não posso sair e vejo daqui. Cada ano chama mais gente para esta festa Avieira dedicada à nossa padroeira Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo.

10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?

Penso que agora o meio de ligação é feito mais através das crianças que vão à escola. No meu tempo era raro irem para as escolas. Lá ia um ou outro, mas como era longe, desistiam. Da minha criação são poucos que sabem ler. Os meninos agora vão para casa dos amigos e amigas e assim começam a conhecer as famílias. Os telemóveis e os computadores ajudam a aporoximar uns dos outros.

11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?

O futuro, menina, é o rio. Dali podem comer, não há empregos e os novos não sabem o que fazer. Não se iludam nem contem com muito. Podem ir para fora, mas vai ser como já foi, voltam para cá. Lá fora, estão sozinhos!

12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?

Quanto a isso não sei o que dizer. Já não entendo muito bem, desculpe.

13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?

Será que vão beneficiar os Avieiros? Quando chegar o dia logo veremos.

14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

Não, menina, desculpe não responder mais coisas.

Entrevista nº 7

Identificação do entrevistado

Nome:

Joaquim Fernandes Moreira

Idade:

66 anos

Estado Civil:

Casado

Tem filhos?

Dois filhos

Entrevista

1) Que acha das tradições Avieiras?

As tradições Avieiras são para serem transmitidas aos nossos e respeitadas. Se reconhecerem os Avieireos, poderão um dia vir a ser conhecidas por força da candidatura que vai ser apresentada pelos Senhores de Santarém e que são representantes da Cultura Avieira

2) No seu entender quais as necessidades mais urgentes das gentes do rio?

Para nós era bom termos uma forma de cativar o turismo. Vêm aqui algumas pessoas, mas não temos nada para lhes mostrar. Deviamos de ter uma oficina de carpintaria para ensinar os novos a construir os barcos e mostrarmos como são feitos. O turismo no rio

seria muito bom para puxar gente até aqui. Falta-nos o artesanato e uns hoteis ribeirinhos onde as pessoas pudessem ficar. Faltam apoios.

3) Sente que estas gentes são necessárias ao equilíbrio social da região?

É aqui que vivemos há muitos anos. Fazemos falta e queremos contribuir para o desenvolvimento, mas também precisamos ser ajudados. A nossa Associação tem feito alguma coisa, mas ainda não chega.

4) Qual o enquadramento que deveriam ter?

Como cidadãos, devíam-nos tratar como tal, sem discriminação e com apoios.

5) O património sociocultural destas gentes é importante para a região?

Que lhe posso dizer se deitaram abaixo a nossa maior riqueza?
A nossa Aldeia Avieira foi destruída. Anos de trabalho, de sonhos, onde guardavamos o pouco que temos e que tinhamos, mas que era nosso, construído com as nossas mãos, num terreno que nos deram para podermos construir. Todas juntas, em madeira e viradas para o Tejo, fizeram-nos a barraquinhas das artes. Estão construidas no passeio ribeirinho, espaço camarário devassado pelos visitantes, onde nos falta espaço para estendernos as redes e se o fizermos, passam por cima delas. Entretanto, foram já assaltadas. Os nossos barcos a nossa gastronomia, a nossa religião, os nossos fatos, etc, tudo isto faz parte da nossa cultura que embora não pareça é muito rica.

6) As actividades extra pesca são favoráveis ao desenvolvimento da região?

Quando o rio não tinha peixe, nós Avieiros, procuravamos trabalho na agricultura e outros em serviços que iam aparecendo e ainda na construção civil, onde trabalhei durante três anos no Luxemburgo.

7) É importante a mistura dos costumes dos Avieiros com os costumes da sociedade?

É importante. Somos diferentes mas com costumes com muito valor.

8) Tem diferença os dias de festa?

As festas na comunidade Avieira são sempre divertidas. Temos por isso um dia diferente dos outros.

9) E os dias de festas religiosas, são partilhadas por ambas as comunidades?

A Padroeira da Póvoa de Santa Iria é comemorada em Setembro e é Nossa Senhora da Piedade. Nesta festa celebrada em conjunto com todos os habitantes da cidade, tem para nós a maior importãncia, pois faz-se, integrada nas festas, a cerimónia religiosa da benção dos barcos, onde Nossa Senhora da Piedade é trazida até ao rio e embarca em procissão fluvial. É desse barco onde o Páraco da Freguesia abeçoa os barcos de pesca.

10) Como se faz a integração dos Avieiros e famílias na sociedade comum?

Agora é mais fácil. Muitas pessoas vêm às festas e por curiosidade vêm ao rio. Qualquer situação ou informação dá para trocar algumas palavras e muitas vezes surgem conhecimentos.

11) E a integração dos filhos? Qual o futuro que se lhes prepara?

Os meus já estão criados. Os pequenitos agora vão às escolas e lá falam uns com os outros e telefonam e jogam com computador. Para eles é mais fácil. Quanto ao futuro é que só Deus sabe.

12) Quais as directrizes futuras após a elevação a Património Nacional?

Gostava de poder ver, mas será que depois ouvem a gente?

13) Benefícios que acrescem da passagem a Património Nacional?

Para já é difícil sabermos.

14) Há mais algum ponto que gostasse de focar?

As autoridades não deviam permitir que estraguem o rio. Deviam multar quem está a dar cabo dele, conforme nos multam a nós.

B – Fontes da observação directa

1

– Palestra sobre a Cultura Avieira na Escola do Cartaxo –

Palestra sobre a Cultura Avieira

No âmbito da semana "*Escola em Movimento*"

Realizada na Escola Secundária do Cartaxo[19]

em

11-03-2013

Por:
Alexandra Almeida Ferro
- Licenciada em Sociologia -

Cumprimento todos os presentes nesta palestra sobre a Cultura Avieira, no âmbito da semana "Escola em Movimento" e agradeço à Exmª Sr.ª Professora Dr.ª Estela Gonçalves o convite que tão gentilmente me dirigiu e que muito me honrou, por me dar a oportunidade de participar e transmitir a todos vós Alunos, Professores e Amigos da Cultura Avieira, um pouco da história destas comunidades que são sem dúvida o maior fenómeno migratório a que Portugal assistiu, tendo o seu início em meados do Séc. XIX. No entanto, foram encontrados registos que datam de 1833 de pescadores (Avieiros) que chegaram a Santarém vindos da Praia de Vieira de Leiria.
De origens diferentes, vieram também os Varinos da região de Ovar, Estarreja e Murtosa.

A razão desta migração interna está no facto do mar de Vieira de Leiria não ser, para os avieiros, devido à fragilidade das suas embarcações, navegável no Inverno, onde os ventos são muito fortes, revolto na sua ondulação, pondo em risco o ganha-pão destes pescadores que vendo-se sem peixe, foram então descendo, rumando a sul à procura de águas mais calmas que lhes pudessem garantir o sustento. Assim, foram-se instalando nas margens do rio Tejo e

19 Agrupamento de Escolas Marcelino Mesquita do Cartaxo

Sado. O rio Tejo oferecia outras condições: navegável, rico em espécies como o sável, o linguado, a fataça, o camarão, a enguia e outras espécies.

Chegados ao Tejo, foram várias as aldeias escolhidas para viverem. Escaroupim, perto de Salva Terra de Magos, Caneiras em Santarém, Porto da Palha em Azambuja, Porto das Mulheres na Chamusca, Patacão em Alpiarça, Esteiro de Nogueira em Vila Franca de Xira, Póvoa de Santa Iria, etc.

A casa do Avieiro era a bateira, barco de pesca onde se abrigavam de Inverno e Verão, onde os filhos eram nascidos e criados. Os partos eram feitos no barco por «parteira curiosa». A mulher avieira desempenhou e ainda hoje desempenha um papel primordial na comunidade. Além de esposa e mãe, suportou sempre as dores de uma vida extremamente difícil. A ela competia governar o barco e a sua família, remar, ajudar a recolher as redes e vender o peixe. Além de tudo isto, ela é também o «camarada» que acompanha o marido na pesca e ainda ajuda o marido trabalhando na lezíria.

Quando o rio não dava peixe, trabalhavam na lezíria. Por vezes a terra era arrendada, uma vez que nunca compravam terra. Apanhavam melão, tomate e arroz, sem nunca esquecer a sua raiz, a actividade piscatória, só depois do trabalho rural!

Estes trabalhos eram a sobrevivência em época baixa. Ganhavam pouco. A féria era para comprar comida. Era a única maneira de poderem viver. Na Borda-d'água encontravam alguma riqueza que a mãe natureza se encarregava de lhes trazer: Ervas para cozinhar sopas, como os cardos, as crisandas ou as cagarrinhas. Ervas para chá de várias qualidades, muitas vezes as ervas serviam para a cura de algumas «maleitas»!

A maioria dos avieiros não teve grau de escolaridade. Alguns dos seus filhos, foram à Escola, mas foram poucos os que a concluíram.

Com o evoluir destas comunidades enraizadas nas margens do rio, foram construindo as suas próprias casas formando assim as Aldeias Avieiras. Dotadas de características próprias, as palafitas ou palheiros, casinhas construídas à borda-d'água, de madeira e caniços, assentes em estacarias de madeira, que mais tarde foram substituídas por cimento. Dada a proximidade do rio, a construção em estacarias servia para as elevar das águas aquando das cheias.

Como já afirmou o Dr. João Serrano, podemos afirmar tratar-se da única cultura palafítica, fluvial da Europa.

A vida social e económica destas comunidades decorria em volta das suas casas.

Preparavam as artes, ou seja, as redes e todos os utensílios necessários à pesca.
Mantinham os seus barcos típicos, comprados com sacrifício, em perfeito estado para a faina e exibindo cada um as cores de família.
Eles são mestres em GASTRONOMIA típica dos avieiros.
A ETNOGRAFIA está presente em algumas das Aldeias que conservam e exibem o seu rancho folclórico não só nas festas populares como em todos os eventos para que forem solicitados.
A sua RELIGIOSIDADE é voltada para o culto Mariano. É à Virgem que dirigem as suas preces e pedem a bênção dos seus barcos nas festas religiosas de cada Aldeia, possuindo cada uma a sua Padroeira.

Alves Redol, no seu Livro AVIEIROS, apelidou-os de "Ciganos do Tejo". Romance dos "nómadas do rio" gente da beira-Tejo a quem chamam de "avieiros", como se dissessem "outra gente". Viveu na Palhota o dia-a-dia dos pescadores para poder escrever à cerca deles. De tal forma se entrosou, que o conselho dos anciãos da Palhota queria que ele pertencesse à família deles.
Embora poucas, restam ainda algumas aldeias avieiras. Concretamente a da Póvoa de Stª. Iria, foi destruída. A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, ao abrigo do Projecto Polis XXI está a recuperar a borda-d'água para fins turísticos à semelhança de outras Aldeias onde empresários investem em Restaurantes e Hotéis palafíticos, rurais, que farão as delícias de quem neles se instalar para gozar a tranquilidade da borda-d'água.

A comunidade avieira da Póvoa de Stª. Iria, foi transferida para um bairro social a uns 500 metros do cais. Embora as infra-estruturas sejam outras, não era ali que queriam ficar. Foram desenraizados.
As entidades não conservam a identidade e as Autarquias seguem-lhes o rasto.

A vida dos pescadores avieiros é hoje um pouco diferente. A GLOBALIZAÇÃO, a EMIGRAÇÃO e as NOVAS TECNOLOGIAS, trouxeram-lhes progresso.

Os barcos de madeira deixam de ter remos para utilizar o motor, acabando por ser substituídos por barcos de fibra de vidro por serem mais resistentes, mais leves e velozes, encurtando as

distâncias. A par do isco tradicional, já se usa isco artificial. As comunicações com terra fazem-se agora via telemóvel.
Alguns pescadores desiludidos com a situação do País vão trabalhar para o estrangeiro, mesmo que seja na construção civil, de onde acabam por regressar com saudades do rio.

Quero aqui realçar o bom trabalho que está a ser feito na ACAPSI, recentemente criada, Associação Cultural Avieira da Póvoa de Santa Iria que, na pessoa do seu Presidente Sr. Fernando Barrinho se tem vindo a desenvolver. A Associação está numa fase de expansão, no interesse de todos os seus Associados e da Cultura Avieira.
Senhor Presidente, congratulo-me com todos os bons resultados que a ACAPSI conseguir.

É com o intuito de preservar a cultura avieira que presentemente nos empenhamos em não deixar morrer todo este património, juntando-nos ao Grupo Coordenador da Cultura Avieira a Património Nacional.
É muito importante que as Escolas e o Ensino Superior introduzam novos conhecimentos e experiências do quotidiano aos seus alunos, pelo que não queremos deixar de expressar ao Conselho Directivo desta Escola as mais calorosas felicitações por esta iniciativa.

2

Folha Informativa Nº 30-2011

– Festas de Nª. Srª da Piedade - Póvoa de Santa Iria –

FOLHA INFORMATIVA Nº30-2011

FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

PÓVOA DE STª. IRIA

Esta festa religiosa anual realizou-se no primeiro fim-de-semana de Setembro. Foram quatro dias de animação, a que acorreu não só a população da cidade como a de todas as povoações que a rodeiam.

O primeiro dia dos festejos deste ano, comprometido devido ao mau tempo, viu o recinto alagado pelas fortes chuvadas que caíram, tendo algumas das actividades constantes do programa sido adiadas. Apesar disso, e dentro das possibilidades, o programa foi cumprido.

A Junta de Freguesia da Póvoa tentou compensar a população permitindo que na 2ª.feira, dia 5 de Setembro de 2011, a Festa continuasse, transferindo para esse dia as actividades que haviam sido prejudicadas e que estavam agendadas para o primeiro dia.

O começo das Festas deu-se com o hastear da bandeira nacional na Junta de Freguesia, mas foi à tarde que se procedeu à sua abertura oficial.

O entusiasmo da população esteve patente na grande afluência verificada não só na altura da inauguração como em todos os dias, e mais presenças se teriam verificado se as condições do tempo tivessem sido melhores.

Dado não existir outro local propício a este tipo de Festa Popular, a Autarquia podia proporcionar aos habitantes - e não só -, condições mais adequadas, como por exemplo o alisamento do terreno, dado que este não é só pisado por jovens, mas também por pessoas mais velhas e principalmente por deficientes, que muitas vezes em cadeiras de rodas fazem um grande esforço para a sua locomoção.

O direito à diversão é de todos, mas há que prevenir situações de risco, não só para os que pisam aquele terreno cheio de gravilha e pedra, sujeitos a desequilíbrios, como para os incapacitados fisicamente para pisar aquele tipo de terreno.

Apesar das condições existentes, para os feirantes e restantes trabalhadores, há que melhorá-las não só em termos de higiene e segurança, como em espaços definidos para a apresentação dos seus *stands*.

Ficaria bem existir um espaço definido para a restauração, para divertimentos, e dentro destes mais palcos, para que se pudessem exibir ao mesmo tempo artistas não só desta cidade, como convidados, dando assim aos visitantes a possibilidade de escolha, dentro do programa.

Pode melhorar-se, criando espaços para primeiros socorros. Podem reservar-se lugares para estacionamento de veículos sem que estes estejam enterrados na lama, como foi o caso. Podem criar-se lugares para os Bombeiros e Forças Policiais. Pode enfim criar-se uma estrutura onde a população se sinta atraída não só pela Festa, como pelo local onde esta se desenrola.

De tudo o que lhe é peculiar e tão positivo nesta Festa, destacamos a sardinha assada com pão e vinho, o fado, a tourada, a largada de touros, o folclore, o baile popular, as danças de salão, as sevilhanas, a exibição de modalidades desportivas, o cortejo equestre, a actuação de um grupo de bombos e as exposições. Dentre tantos motivos de interesse, alguns pontos se destacaram especialmente nestas comemorações, como a homenagem prestada aos ex-membros da Comissão de Festas, concretizada na Capela da Bolonha.

Visitámos a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, templo de nave única com o interior revestido de azulejos azuis e brancos. Estes formam painéis alusivos à vida da virgem, e ainda a passagens da vida de Cristo, com motivos relacionados com os instrumentos do seu martírio (azulejos de Teotónio dos Santos). Em 1851 a Igreja sofreu obras de ampliação e inseriu-se no corpo da torre sineira a capela tumular dos Marqueses de Abrantes.

Embora modesto, este templo construído no século XVIII é de grande beleza. Após três décadas de abandono, foi restaurado, ficando o seu restauro a cargo da Fundação Ricardo Espírito Santo, apresentando hoje azulejos esponjados Viúva Lamego e talha dourada. Trata-se sem dúvida de um trabalho notável, nele se envolvendo várias entidades, fiéis e benfeitores desta cidade.

Participámos na procissão. Esta abriu com estandartes religiosos, seguida do andor de Nossa Senhora da Piedade, que em vez do tradicional transporte em ombros foi levada em carro aberto.

Muitos fiéis integraram o cortejo, seguindo-se-lhes o Pálio, sob o qual, com toda a solenidade, o Pároco da Igreja de Nossa Senhora de Fátima expunha um Crucifixo, símbolo da presença divina, Sua Paixão e Morte.

Mais atrás, ao som da música, a Banda acompanhava os cânticos religiosos entoados por todos quantos ao longo do percurso se foram juntando a este acto.

Percorridas as principais avenidas da cidade, a procissão recolheu à Igreja de Nossa Senhora de Fátima, na zona mais antiga da Póvoa de Santa Iria.

Merece especial destaque para a cultura Avieira a *bênção dos barcos* – Avieiros e todos os outros -, realizada na noite do terceiro dia da Festa, junto ao cais seiscentista da Póvoa de Stª. Iria, onde dezenas de embarcações, enfeitadas com festões e luzes, contrastavam com o negro da noite do cais. Repararam os inúmeros assistentes que faltavam focos de luzes dirigidos ao rio, para que de terra se pudesse seguir a extraordinária cerimónia religiosa que se desenrolava no meio do rio Tejo.

Nossa Senhora da Piedade, com Seu Filho morto em seu regaço, símbolo da religiosidade deste povo ribeirinho, encimava a proa de uma das embarcações, onde o Sr. Padre tomou o seu lugar a bordo, dando assim início a esta Festa tradicional do Tejo.

De cânticos e preces à Virgem se encheu aquela noite, onde o rio tão calmo saboreou os momentos de devoção. O som das sirenes acompanhou a procissão das embarcações engalanadas.

Já todas em redor do barco que transportava a imagem de Nossa Senhora, no meio do rio, foram benzidas uma a uma, recebendo das mãos do Sr. Padre uma medalha, simbolizando e coroando o árduo trabalho desenvolvido e reconhecido ao longo de um ano.

Ao recebê-las, todos os anos, beijam-nas e apertam-nas contra o peito em sinal de agradecimento à sua Virgem Protectora, Mãe a quem recorrem quando a angústia e o desalento lhes aperta o coração, em nome de uma fé e religiosidade popular de arreigadas tradições.

É extraordinária esta manifestação religiosa, arreigada numa cultura própria que este povo transmite com uma vivência tão rica, embora os seus gestos, as suas expressões, o seu falar, o seu vestir e tudo o que ostentam seja tão simples e tão natural!

Aproveitámos a nossa estadia junto da comunidade para falar com pescadores Avieiros da Póvoa se Sta. Iria e registámos a sua mágoa por terem sido transferidos de um sítio onde habitavam, junto ao rio Tejo, para um meio que não é o seu, onde já não sentem o seu dia-a-

dia como outrora, no tempo em que nas suas casas suspensas e o seu viver fazia sentido. Neste momento sentem a destruição do seu mundo, dos seus sonhos e do seu "canto".

Hoje, vivem… "acolá", apontando o bairro que não queriam, mas onde têm de viver. Os destroços ficaram junto ao rio, que vai murmurando a sua imensa saudade pelos que dali foram retirados.

O projecto de candidatura da cultura Avieira a património nacional pode reunir condições para reconstruir e não deixar morrer todo este património, devolvendo ao rio e aos seus habitantes a dignidade perdida, fazendo chegar ao mundo, ao mesmo tempo, o conhecimento de toda esta riqueza e sabedoria popular, expressa nas artes, na construção de embarcações, no folclore, na gastronomia e na edificação das suas casas.

É muito difícil avaliar os sentimentos de todos aqueles pescadores, ao verem-se confrontados com a destruição de tudo que fez parte - e sempre fará -, do seu ser, do seu viver e do seu sentir.

A Fé de toda esta população ainda não pereceu perante tanta adversidade, na esperança de ver renascer tudo o que foi seu, e que dentro desta perspectiva também pertence a todos nós, integrado no nosso património nacional.

Texto e fotografias:

Helena Maria Pereira e

Maria Alexandra Almeida Ferro

(colaboradoras do projecto e habitantes na Póvoa de Santa Iria)

3

Vivências do 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo

3.1

Folha Informativa Nº 26-2013

1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo

– 27.05.2013, 3.ª etapa: Caneiras – Valada –

Editor: *Instituto Politécnico de Santarém*

Coordenação: *Gabinete coordenador do projecto*

Ano 6; N.º 251; Periodicidade média semanal; ISSN:2182-5297; [N.77]

FOLHA INFORMATIVA N°26-2013

1º. CRUZEIRO RELIGIOSO DOS AVIEIROS E DO TEJO

27.05.2013, 3.ª etapa: Caneiras – Valada

Valada do Ribatejo

Hoje, 27.05.2013 vamos sair de Caneiras pelas 09h00 para cumprirmos a 3ª Etapa do Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, entre Caneiras e Valada. O andor de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo que ficou esta noite recolhido aqui perto numa garagem, ao pé da Igreja de Caneiras, vai agora ser colocado numa carrinha aberta que o vai transportar até ao cais.

Neste trajecto continuamos a ter por companhia a entoação de cânticos religiosos pelas pessoas que a nós se juntaram, não só população como visitantes, para esta despedida. Seguindo atrás do andor até ao cais, aguardaram a colocação de Nossa Senhora na bateira, que daqui a alguns minutos vai sair em busca de novo porto.

Chegada a hora de partir, despedimo-nos de Caneiras, e Caneiras, de Nossa Senhora, a quem neste curto espaço de tempo souberam elevar as suas preces e homenagear com os seus cânticos e orações.

A despedida desta Aldeia Avieira, menos emotiva que a anterior, não deixou de ser sentida pela população e pela Comunidade.

A devoção demonstrada para com a Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo pode ser comparada com a de outras Aldeias Avieiras por onde o Cruzeiro fluvial já passou.

Acompanha-nos nesta etapa a Dr.ª Lurdes Véstia, assessora do gabinete de coordenação do Projecto da Cultura Avieira, ocupando um lugar na bateira que transporta a imagem de Nossa Senhora, e a Dr.ª Silvandina Cordeiro, técnica superior do Projeto.

Valada espera-nos. Sem que haja chuva, o céu está encoberto, bom para enfrentarmos o rio. Todos os peregrinos convergem para a mesma missão: levar Nossa Senhora a percorrer o Tejo, com o propósito de que cada Aldeia Avieira jamais A esqueça. É especialmente por todos os Avieiros, homens e mulheres, que durante toda a sua vida viveram grandes sacrifícios e dificuldades, nos propusemos enfrentar este desafio que nos leva a sentir a privação de tudo que até agora tem feito parte da nossa vida. E sem que o vivamos na sua plenitude, temos a oportunidade de sentir e viver, bem junto dos Avieiros, quais os seus anseios, os seus medos, as suas crenças, as suas alegrias e a sua fé, tudo isto traduzido numa vida simples, sem tecnologia, sem desenvolvimento, sem a cultura a que estamos habituados, sem globalização e ainda sem segurança. Daí o seu isolamento, a vida fechada dedicada ao trabalho e à Família, onde não é qualquer um que entra!

Despedida no cais de Caneiras

Partida de Caneiras

Os nossos companheiros de Cruzeiro ocupam já as suas embarcações. O casal Mira, o Sr. Júlio Lobo e o Sr. José Freitas (fotógrafo) o Sr. Alfredo, que dá pela alcunha *Calão*, e que com a sua vasta experiência do rio e o seu conhecimento deste, em conjunto com o Sr. Armindo Leite, que segue na bateira guia abrindo caminho a este Cruzeiro, conduzem-no com mestria. Nesta etapa, sigo no *Marujo* em companhia do Sr. Alfredo. Há cerca de duas horas que descemos o rio, num cenário cheio de grande beleza que merece ser divulgada não só por um portefólio fotográfico que sirva o turismo, como por visitas promovidas pelas Câmaras Municipais ou ainda por empresas ligadas ao turismo local, que possam promover e mostrar a beleza deste mundo para muitos completamente desconhecido e muitas vezes ignorado!

Estamos perto de Valada do Ribatejo, uma das oito freguesias do Concelho do Cartaxo, onde vamos parar na praia fluvial.

A grande riqueza de Valada do Ribatejo é a agricultura.

Porto de Muge, Reguengo e Palhota, são povoações pertencentes à freguesia de Valada. Em Porto de Muge, admiramos a ponte ferroviária Rainha D. Amélia que data de 1904 e foi inaugurada por S.M. o Rei D. Carlos. Hoje, é por esta ponte que se faz o tráfego rodoviário.

Ponte Rainha D. Amélia

Porto de Muge – Ponte Rainha D. Amélia

De Muge a Valada

De Muge a Valada – outro aspecto do Cruzeiro Religioso

Maracha

Casal Mira

Embarcação de turismo fluvial

Recepção no cais de Valada

Avistamos o cais de Valada engalanado para receber Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo, onde algumas pessoas nos aguardam.

Na praia, está a representante da OLLEM, Empresa de Turismo Fluvial, Dr.ª Madalena Viana, crianças da Escola de Valada do Ribatejo EB2/3 incluindo crianças do Infantário, a Comunidade Avieira trajada a rigor, visitantes e ainda população local.

O andor de Nossa Senhora desembarcou, e aos ombros de Avieiros vai agora ser levado pelo areal, onde foi estendido um pano branco a todo o comprimento, para Nossa Senhora passar em direcção à Igreja Matriz de Valada, datada de 1211 e originalmente dedicada a Nossa Senhora da Expectação do Ó.

Durante este percurso, continuamos a assistir à manifestação espontânea de grande devoção Mariana. Cânticos em louvor de Nossa Senhora são ouvidos pelo areal, bem como algumas orações, num misto de emoção. Cremos ser impossível ficar indiferente a tudo quanto envolve estes momentos de encontro das populações e Comunidades Avieiras com a Virgem Maria.

Avieiros de Valada e da Póvoa de Santa Iria

A caminho da Igreja Matriz de Valada

Pano branco estendido na praia

Imagem de Nossa Senhora da Expectação do Ó

A Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo foi recebida na Igreja Matriz de Valada pelo Sr. Padre António José, que juntamente com os fiéis que enchiam a Igreja, pronunciou uma oração de louvor a Nossa Senhora.

A imagem fica recolhida na Igreja até à hora em que sairemos para Escaroupim.

Peregrinos e convidados estão a ser encaminhados para o Centro de Dia, onde a OLLEM oferece um almoço.

Antes de começarmos a almoçar, proporcionaram-se alguns momentos de convívio não só com elementos da organização, como com Avieiros locais e convidados do Centro de Dia de Valada, *O Tejo*. Estão neste almoço a Exmª. Senhora Dr.ª Madalena Viana, a Exmª. Senhora Dr.ª Lurdes Véstia e o Exmº. Sr. Presidente do Centro de Dia de Valada. Proferindo palavras de boas vindas dirigidas aos peregrinos, o Sr. Presidente felicitou a Organização deste 1º Cruzeiro Fluvial Religioso dos Avieiros e do Tejo, destacando tão importante iniciativa e sobretudo o que ela representa para a comunidade Avieira. Congratulou-se ainda com a forma como está a decorrer o Processo de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional. Em nome do Instituto Politécnico de Santarém e do Gabinete Coordenador desta Candidatura, agradeceu a Exmª. Sra. Drª Lurdes Véstia.

Pormenores de uma parte da sala de convívio do Centro de Dia

Terminado este almoço, encaminhamo-nos agora para a Igreja Matriz de onde vai sair Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo em procissão para o cais e retomar a bateira que A levará em visita à Comunidade Avieira de Escaroupim.

Travessia de Valada para Escaroupim

Porto de Escaroupim

Bateira do Sr. João Mira em Escaroupim

Chegada a Escaroupim

São três horas e trinta minutos e estamos em Escaroupim, na margem esquerda do rio Tejo, frente a Valada. A população acorreu ao cais para receber Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo. Não posso estimar se estão muitos ou poucos Avieiros, uma vez que trajados, são só os "nossos", o casal Mira e o Sr. Alfredo, Avieiros da Póvoa de Santa Iria.

Na verdade, são muitas as pessoas desta aldeia piscatória aqui presentes. Todos munidos da mesma fé caminham atrás do andor até à Capela, onde foi rezado o terço a Nossa Senhora.

Capela de Escaroupim

Finda esta cerimónia religiosa, vamos para a sede do Rancho Folclórico "Os Avieiros" do Escaroupim, no Centro Cultural do mesmo nome, onde está patente uma exposição de trabalhos escolares, desenvolvidos em todas as Escolas do Concelho, desde o ensino pré-escolar até ao profissional, com mais ou menos dois mil alunos envolvidos.

Este evento apresenta trabalhos como palafitas e bateiras, todos em miniaturas, e vários desenhos que tentam retratar a vida avieira sob a perspectiva de cada grupo etário.

Este projecto, que vem a revelar óptimos resultados, surge do trabalho pedagógico desenvolvido pela Câmara Municipal, a fim de dar a conhecer às crianças a Cultura Aviera. Este evento ainda contou com a projecção de um documentário sobre Escaroupim, realizado pelos alunos da Escola Profissional de Salvaterra de Magos, como homenagem aos habitantes desta aldeia piscatória.

Em colaboração com a Câmara Municipal e a Escola Profissional de Salvaterra de Magos, foi oferecido um jantar, servido no Centro Cultural do Escaroupim, num ambiente de festa com música ambiente, onde todos estão em caloroso convívio, degustando as delícias da ementa apresentada.

Fachada do Centro Cultural de Escaroupim

Exposição sobre os Avieiros

Trabalhos em miniatura de embarcações e palafitas Avieiras

Mais um detalhe das miniaturas em exposição

Pormenor da mesa do jantar

Torricado

Arroz doce

É chegada a hora de retorno a Valada, onde vamos pernoitar. Voltamos à Capela de Escaroupim, para trazer o andor de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo, que de novo em procissão é transportado tanto por homens como por mulheres e que durante o percurso se vão revezando até à praia.

São muitas as pessoas que acompanham a Imagem peregrina. Uma Banda de Música toca na despedida onde os Escuteiros também marcam presença.

A Banda de Música em Escaroupim

Acompanhamento do andor até à praia de Escaroupim

O andor de Nossa Senhora está a ser colocado na bateira que desde o início deste 1º Cruzeiro Religioso, A transporta pelas águas calmas do Seu Tejo, rendido à Sua divina presença.

A tristeza de ver partir Nossa Senhora espelha-se em alguns rostos. Tudo fizeram para A receber e conhecer de perto, uma vez que é uma Imagem nova. Enquanto não tiveram a sua Santa, figurativo usado na linguagem popular que por analogia se pode atribuir à segunda parte da Avé Maria, oração Mariana, rezada a Nossa Senhora e que começa com Santa Maria, Mãe de Deus…. Enquanto não tinham a sua Santa, *apegavam-se* com Nossa Senhora de Fátima, a Senhora da sua devoção a quem tudo pediam, e de quem tudo esperavam.

A fé dos pescadores é inabalável!

Podemos espreitar a bateira da Conceição Mira, onde nada falta para poderem viver o dia-a-dia no barco! E lá encontramos a cestinha com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, toda cheia de flores e colocada em local nobre da bateira, a "emparadeira".

Talvez muitos nem saibam rezar as orações que a Santa Igreja ensina, mas na fé que os move, eles conversam com Nossa Senhora à sua maneira. Rezar, não é só citar as orações, é sobretudo falar

com Deus, ou com Sua Mãe, Mãe de todos nós que sempre nos ouve, nos acolhe e guia pelo melhor caminho, embora por vezes possamos duvidar!

Daqui a poucos minutos, estaremos de novo em Valada.

É fim de tarde e atravessamos o rio, um rio sereno, lindo que seja à hora que for que o vejamos, não perde a sua beleza.

Saída de Escaroupim

Vista da bateira guia de Nossa Senhora através de uma rede colocada no *Marujo*

No trajecto para Valada

Espera na praia de Valada

Desembarque do andor em Valada

Sobre a passadeira branca até à Igreja Matriz

Andor transportado por mulheres Avieiras e campinos

Sr. Armindo Leite junto ao andor, no retorno a Valada

Procissão para a Igreja Matriz de Valada

Chegada à Igreja de Valada

Celebração da Missa em Valada

Durante a celebração da Missa na Igreja Matriz de Valada

Valada aguarda-nos de novo com a comunidade e população à nossa espera na praia. O andor de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo foi então levado por mulheres Avieiras e campinos para a Igreja Matriz de Valada, onde foi rezada uma Missa, à qual todos assistiram lotando a Igreja.

No final desta celebração, Nossa Senhora em seu andor, ficará recolhida nesta que é a Sua casa, a Matriz de Valada.

Por outro lado, todos nós procuramos a melhor forma para podermos descansar. Uns no barco, outros em casas de família. Foi-me oferecida a possibilidade de dormir em casa de uma familiar do Sr. Alfredo, Avieiro da Póvoa de Santa Iria, com quem tenho partilhado o barco desde Constância. Claro que aceitei, deixando aqui o meu agradecimento, pela forma como fui recebida por esta família que se disponibilizou para me abrigar como peregrina deste 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo.

Texto e fotografia de:

Maria Alexandra Almeida Ferro

3.2

Folha Informativa Nº 30-2013

1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo

– 29.05.2013, 5.ª etapa: Vila Franca de Xira – Póvoa de Santa Iria –

Editor: Instituto Politécnico de Santarém Coordenação:
Gabinete coordenador do projecto

Ano 6; N.º 255; Periodicidade média semanal; ISSN:2182-5297; [N.81]

FOLHA INFORMATIVA Nº30-2013

1.º CRUZEIRO RELIGIOSO DOS AVIEIROS E DO TEJO

29.05.2013, 5.ª etapa: Vila Franca de Xira – Póvoa de Santa Iria

Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo lança a sua bênção à Aldeia Avieira da Póvoa de Santa Iria

Depois de uma noite de repouso, renovados e entusiasmados, o grupo pioneiro deste 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, está pronto para levar a cabo mais uma etapa que, em termos de tempo navegável, será a mais pequena.

Vamos ter cerca de duas a três horas de barco, conforme o rio e a demora em Alhandra, onde a chegada está prevista para as 11h00 da manhã...se nada nos impedir!

Dentro de pouco tempo dar-se-á início à 5ª etapa do programa do 1º Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, que levará a tomar a rota Vila Franca de Xira – Póvoa de Santa Iria.

Estamos todos reunidos à porta do Centro de Artes do Rio "Manuel do Vau", para integrarmos a procissão que acompanha o andor de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo até à bateira que no cais A aguarda.

Nossa Senhora passou a noite neste Centro transformado em "capela" e preparado para receber e recolher a Imagem até à hora da saída, prevista para as 10h00 de hoje.

Registo do momento em que a imagem de Nossa Senhora sai do *Centro de Artes do Rio*, no Esteiro do Nogueira, bairro Avieiro de Vila Franca de Xira

Saída da procissão do Centro de Artes do Rio

Acompanhamento - Outro aspecto da procissão

Avieiros, alguns deles descalços, levam em ombros o andor até ao cais

A procissão está já na rua e, sob orientação do Sr. Padre José Ezequiel, rezam-se orações Marianas que se vão alternando com cânticos.

A bateira, baptizada com o mesmo nome de Nossa Senhora, e onde será colocado o andor adornado pelas mãos das mulheres Avieiras que não se cansam de o encher de lindas flores frescas, fará mais um percurso pelas mãos do seu mestre, o Sr. Armindo Leite.

Preparam-se as embarcações

O andor de Nossa Senhora é colocado na bateira-guia

Barcos de recreio que se preparam para acompanhar o Cruzeiro Religioso

Vamos ter um grande e bonito acompanhamento fluvial até à Póvoa de Santa Iria, pois são muitas as embarcações que no rio se estão a juntar ao Cruzeiro Religioso.

Barcos de recreio juntam-se aos barcos típicos taganos sempre prevalecendo a fé e o espírito de união existente entre populações e as comunidades Avieiras.

Tratando-se de um evento único, realizado este ano pela primeira vez, a adesão tem ultrapassado as expectativas.

Para quem integra o Cruzeiro desde o primeiro dia, é com surpresa que em cada etapa assistimos ao entusiasmo e carinho que recebemos por parte de quem nos abre o coração e também por aqueles que, partilhando do mesmo sentimento, não imaginam de onde vimos, quem somos e o que nos move para percorrermos este caminho de fé e esperança, levando e dando a conhecer às populações Avieiras, e não só, a Mãe que eles tanto desejaram e que doravante os irá guiar e proteger na dura vida que lhes dá o sustento.

Passa um pouco das 10h00 de uma manhã calma, sem sol, enevoada.

Ao chegarmos ao cais o Sr. Padre José Ezequiel convidou todos os presentes a rezarem com ele uma oração de despedida à Virgem peregrina.

Flores para Nossa Senhora

Lenços brancos e muitas flores na despedida de Vila Franca de Xira

Recordação de Vila Franca de Xira - Cestinhos de flores para Nossa Senhora

Para esta despedida e num gesto de muita saudade, lenços acenam, ouvem-se cânticos e mulheres que trazem na mão cestinhos cheios de flores, lançam-nas a Nossa Senhora, para que em Seu regaço as receba como lembrança de corações reconhecidos pela Sua visita.

Os barcos já se encontram preparados para a partida e a Imagem já foi colocada na bateira.

Fazem-se as últimas orações e dirigem-se à Virgem os mais sentidos pedidos de protecção.

Também nós, embaixadores deste Cruzeiro, dizemos adeus a Vila Franca de Xira e agradecemos a homenagem que esta cidade prestou a Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo.

Vila Franca de Xira, a Paróquia e a Organização de recepção a Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo, estão de parabéns.

O rio está agora um pouco agitado, e a temperatura está baixa.

Os barcos típicos, as embarcações dos Bombeiros e as de recreio, tomam o rumo de Alhandra onde vamos atracar pelas onze horas. O andamento é o mesmo, as águas estão escuras e o céu pardacento deixa adivinhar chuva, mas nem isso nos desvia a atenção da largueza do rio entre as suas margens, tornando fantástico o poder divino.

O barulho do motor não nos deixa ouvir o sussurrar das águas, marcadas pela espuma que se levanta à medida que a bateira as sulca. Tudo o mais se esquece. Pouco se fala da dificuldade em sermos ouvidos e pela missão religiosa que temos entre mãos, levando-nos a estar sempre atentos à bateira guia e a todos quantos a nós se juntaram, para que nada falhe e a segurança deste Cruzeiro continue a ser uma realidade.

Acompanhamento até Alhandra

Sr. Júlio Lobo – O peregrino solitário

Já se avista Alhandra

Ao largo de Alhandra

Bateira-guia navegando até Alhandra

Embarcações que acompanham o Cruzeiro Religioso

Nossa Senhora abençoa mais uma Aldeia e é saudada à chegada a Alhandra

Suavemente, encaminhamo-nos para o cais flutuante onde os barcos vão atracar.

As pessoas que aqui se encontram, Avieiros e população, tiveram oportunidade de satisfazer a sua curiosidade em relação ao que estava a acontecer, pois eram poucos os que tinham tido notícia deste evento e, se por um lado se mostraram desagradados com a falta de comunicação, por outro a surpresa do inesperado encheu-lhes o coração de fé.

Depressa a notícia correu e chamou ao cais mais Avieiros e Avieiras, bem como algumas pessoas que por perto se encontravam.

É difícil transcrever a comoção destas gentes pelo belo e inesquecível dia em que receberam um Cruzeiro Religioso que, descendo o rio Tejo há vários dias, escoltado por embarcações taganas e de recreio trazia, numa bateira típica, um andor carregado de flores com a lindíssima Imagem peregrina da Mãe de todos os Avieiros e Senhora do Tejo e que, ao visitar todas as Aldeias Avieiras das margens do rio, desde Constância até à Trafaria, reconhecia o Seu povo: - aquele a quem protegeria e ao qual estendia as Suas bênçãos.

Algumas pessoas, num momento de silêncio, fizeram as suas orações. Outras, querem saber como surgiu esta Imagem, qual a sua história e se voltará a visitar as comunidades Avieiras.

Depois de termos respondido a todas as questões, e numa breve despedida, vamos continuar o nosso trajecto.

Esta visita traduz-se apenas numa simples passagem de alguns minutos, e embora tenha sido menos grandiosa, não deixou de transparecer a mesma religiosidade que a todos une.

Alhandra é uma freguesia do concelho de Vila Franca de Xira à qual estão ligadas várias personalidades. Tomamos a liberdade de enumerar algumas pelo seu interesse cultural.

Nasceu e residiu nesta Vila o Dr. José Tomás de Sousa Martins, médico dedicado aos pobres, sobre os quais recaía a sua caridade e generosidade e cuja memória ainda hoje é perpetuada num culto presente na sua estátua do Campo de Santana em Lisboa e ainda na sua sepultura no cemitério desta Vila de Alhandra.

A vila inclui no seu património a Casa-Museu Dr. Sousa Martins, situada na zona ribeirinha e homenageia-o com o seu busto, colocado num dos seus largos principais.

Considerado *santo,* dele disse Guerra Junqueiro: "*A sua mão guiou. O seu coração perdoou. A sua boca ensinou*". Seguidor da crença espírita, são vários os factos extraordinários (milagres) a ele atribuídos através dos seus contactos mediúnicos.

El-rei D. Carlos I de Portugal ao saber do seu falecimento, dirigiu-lhe o seguinte elogio fúnebre: "*Ao deixar o mundo, chorou-o toda a terra que o conheceu. Foi uma perda irreparável, uma perda nacional, apagando-se com ele a maior luz do meu reino".*

Esta referência aqui expressa, tem tudo a ver com a religiosidade, a superstição, a crença a que todos os Avieiros são sensíveis. Quantos deles, "os mais pobres dos pobres", se terão «apegado» a este filho de Alhandra que em vida tanto os protegeu e, já depois de ter partido, continua espalhando o bem, zelando por aqueles que ainda hoje lhe pedem o seu parecer e rogam a cura.

Outra das personalidades a que nos referimos, filho desta terra ribeirinha, foi o criador das bases do Império Português do Oriente. Militar educado na corte de D. Afonso V, Afonso de Albuquerque - Vice Rei da Índia, nasceu em Alhandra em 1462.

Também em Alhandra viveu o escritor português Joaquim Soeiro Pereira Gomes, amigo de Alves Redol, e considerado uma das figuras mais importantes do movimento neo-realista português.

Presentemente é no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira, que encontramos o seu espólio literário que inclui, entre outros, manuscritos de "Esteiros".

Do património de Alhandra, salientamos a Igreja Matriz erigida a duzentos metros acima da vila, no Alto do Castelo, onde se situa o centro histórico da vila.

A primeira Matriz data de 1558, monumento de grande imponência artística que foi destruída por um incêndio ocorrido em 1887, tendo resultado da sua reconstrução um templo arquitectonicamente simples, marcado por linhas direitas, sem qualquer adorno. Hoje, esta Igreja é guardiã de um espólio de arte sacra importante, dos séculos XVII e XVIII. Algumas destas peças

provêem de Igrejas de Lisboa, sendo que outras eram pertença da primitiva e imponente Igreja Matriz de Alhandra que o fogo destruiu.

Vista do rio, como tivemos oportunidade de observar, a vila é muito bonita, encimada pela sua Igreja, sobranceira ao Tejo.

Alhandra, tal como todas as Aldeias Avieiras instaladas nas margens do Tejo e do Sado, orgulha-se de um dos seus maiores atractivos turísticos: a gastronomia.

Privilegiada pela pesca, apresenta os sabores ribeirinhos que tanto podem ser apreciados numa Caldeirada Mista, como numas Enguias à Pescador ou então numa Fataça frita com Açorda. Esta ligação ao rio é muito importante. O Tejo é uma fonte de riqueza e é dele que muitas famílias vivem e tiram o seu sustento.

A comunidade Avieira em plena actividade está instalada na borda-d'água, logo aqui perto do cais. Pela madrugada, vão ao rio. Lançam as redes para o rio lhes devolver o pão.

Embora sendo o mesmo rio, é aqui que o Tejo recebe o Atlântico, tornando o seu caudal mais denso com a mistura das águas.

Preparativos para a saída

Preparativos para a saída para a Aldeia Avieira da Póvoa de Santa Iria

Saída de Alhandra

José Freitas – Fotógrafo convidado e autor das Folhas Informativas somente com imagens do Cruzeiro

A bênção e o adeus de Nossa Senhora à Aldeia Avieira de Alhandra

Procissão fluvial para a Póvoa de Santa Iria

O Cortejo de embarcações segue a bateira de Nossa Senhora

Bombeiros do Montijo juntam-se ao Cruzeiro Religioso

Já avistando a Aldeia Avieira da Póvoa de Santa Iria

Aproximação ao Cais Avieiro da Póvoa de Santa Iria

Em fundo, o Cais setecentista da Póvoa de Santa Iria

Cais Avieiro da Póvoa de Santa Iria – Arrecadações das Artes de Pesca

Póvoa de Santa Iria – Cais Avieiro

Chegada da imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo à Aldeia Avieira da Póvoa de Santa Iria

A viagem correu muito bem mas chegámos à Póvoa de Santa Iria com um atraso de mais de meia hora.

São várias as entidades que nos aguardam no cais para receberem em festa Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo. Estiveram presentes: a Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Dr.ª Maria da Luz Rosinha, o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Alberto Mesquita, o Presidente da Junta de Freguesia da Póvoa de Santa Iria, Jorge Ribeiro, em representação da APCA o Sr. Nuno Branha e em representação da ACAPSI o Sr. Fernando Barrinho.

A Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Dr.ª Maria da Luz Rosinha

Todas as entidades desceram até ao cais para receber Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo e também para felicitar os peregrinos que, desde Constância, com toda a perseverança têm levado a cabo a missão a que se propuseram.

O andor de Nossa Senhora é transportado para a ACAPSI, depois de dsembarcar

Nossa Senhora é levada em ombros pelos pescadores para a sede da Associação Cultural Avieiros Póvoa de Santa Iria e é colocada honrosamente no salão, onde vai receber as homenagens de todas as pessoas que há longos dias preparam esta recepção tanto física como espiritualmente.

A Póvoa e a sua gente orgulham-se deste evento que movimentou não só os pescadores Avieiros, como pessoas de todo o lado que quiseram estar presentes, como as que, de propósito, vieram de Escaroupim onde tinham assistido à visita de Nossa Senhora, mas que fizeram questão de voltar a estar perto desta Imagem que tanto as tinha "tocado".

As emoções são muitas! O cais está cheio. O frio não impediu que viessem e são muitos os Avieiros e Avieiras vestidos de acordo com a tradição. O momento assim o exige e eles fazem gala em mostrar as suas raízes, os seus hábitos e costumes.

Os Avieiros da Póvoa de Santa Iria sabem e sentem profundamente o que foi necessário para que se realizasse este evento. Eles foram, sem qualquer dúvida, um dos esteios deste Cruzeiro. Dois dos seus barcos integraram desde Constância esta peregrinação pelas Aldeias Avieiras do Tejo e vão continuar até à Trafaria. E nesses barcos vieram três Avieiros de Póvoa de Santa Iria, que fizeram as sete etapas do Cruzeiro: - o Casal João e Conceição Mira, e Alfredo "Calão".

Ninguém quer ficar pelo caminho! Onde Nossa Senhora for, estaremos todos. Os sete peregrinos que têm feito todas as etapas, nos quais me incluo. Daqui para a frente, mesmo que o caminho seja mais difícil, apoiar-nos-emos uns aos outros, e juntos chegaremos à Trafaria.

Uma das peças do artesanato avieiro exposto no salão da ACAPSI

Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo, rodeada pelos pescadores, abençoa a Póvoa de Santa Iria

O andor está a ser levado para a ACAPSI

ACAPSI em festa

Entrada do andor, com a imagem de Nossa Senhora, na ACAPSI

Homenagem das mulheres Avieiras a Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo

Salva de palmas em honra de Nossa Senhora

Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo exposta na ACAPSI

Depois de uma pequena recepção, a imagem vai ficar no salão da ACAPSI, aguardando as actividades previstas para depois do almoço e durante a tarde, conforme consta do programa divulgado.

Ao ar livre, dentro das instalações da Associação Avieira, está já uma mesa posta para uma refeição oferecida aos peregrinos, à organização e Associações participantes e ainda convidados e amigos. O almoço é composto por bifanas de porco, batata frita, arroz e salada. Para sobremesa há gelatina, arroz doce e pudim.

Mesa posta para o almoço

Maria João Arcanjo, fotógrafa, regista um pormenor do convívio

Pelas 15H00, assistiremos à procissão que vai sair da ACAPSI com a Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo em visita ao Bairro Avieiro da Póvoa de Santa Iria.

Aguardamos a chegada do Pároco da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Sr. Padre António dos Santos, para dar início a esta cerimónia religiosa.

Há festa e animação, um convívio que se vai alargando à medida que vão chegando populares que se preparam para integrar a procissão de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo.

Esta procissão sai da sede e vai até ao Bairro Avieiro, a poucos metros da borda-d'água, onde agora moram os pescadores, depois de terem sido destruídas as casas e as arrecadações palafíticas das artes de pesca. Esta alteração nas suas vidas deve-se ao Projecto Polis XXI, Requalificação da Frente Ribeirinha da Zona Sul do Concelho de Vila Franca de Xira, nesta altura já em curso.

Numa das fotografias ao largo da Póvoa de Santa Iria, podem ver-se as novas arrecadações das artes de pesca, construídas em madeira, todas iguais, junto à borda-d'água.

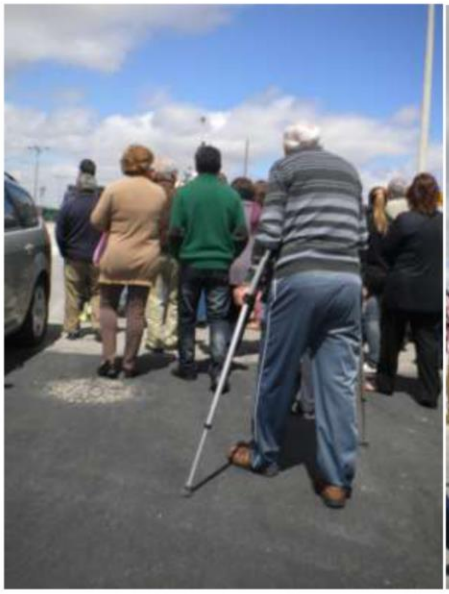
A procissão vai sair e nós vamos acompanhá-la.

Início da procissão

Os pequenos fiéis

Cânticos e orações dirigidas pelo Pároco da Igreja de Nossa Senhora de Fátima da Póvoa de Santa Iria

A procissão caminha em direcção ao bairro Avieiro



A dificuldade não supera a fé

A procissão chega ao bairro avieiro

Entrada de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo no bairro Avieiro da Póvoa de Santa Iria

A amizade dos pequenos fiéis sempre atentos

No largo do Bairro Avieiro todos rezam com o Sr. Padre António dos Santos

A Comunidade Avieira entendeu da maior importância a visita de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo ao seu bairro.

O sentimento que os move, estende-se de igual modo a todos aqueles que por doença ou impossibilidade de outra ordem, não puderam estar na recepção a Nossa Senhora, nem puderam participar na procissão, da mesma maneira que nem oportunidade teriam de ficar a conhecer a Imagem da Virgem Peregrina.

De forma que, nesta visita de Nossa Senhora ao bairro Avieiro, ao ser pedida a Sua bênção para aquele bairro, foi também formulado um pedido extensível a todos os seus moradores na voz do Sr. Padre António dos Santos, que também não esqueceu a vida difícil dos pescadores e suas mulheres que, tal como eles, enfrentam as mesmas dificuldades de ir ao rio de madrugada, com bom ou mau tempo, para poderem garantir o seu sustento e o de suas famílias.

Depois de ter usado da palavra, o Sr. Padre pediu para todos rezarmos um Pai Nosso, uma Avé Maria e ainda uma oração mariana. Abençoou todos os presentes e convidou as Avieiras a cantar e a dançar, numa demonstração das tradições populares desta região.

O bairro está enfeitado com colchas e festões de várias cores, abrangendo todas as varandas das casas. As cores dos fatos das mulheres e o movimento das suas danças proporcionaram alguns momentos bem agradáveis.

A procissão que integra muitos populares e Avieiros regressa à sede da Associação onde a imagem de Nossa Senhora vai ficar até à hora de saída para uma nova etapa.

Entretanto, fora da ACAPSI exibe-se o animador musical Chico Dias. Há pessoas sentadas, refrescando-se com uma bebida e conversando, como também se dança ao som de música que anima o recinto.

Seguiram-se outros artistas como a cantora Ana Ritta e o acordeonista, campeão do mundo deste instrumento musical, Tino Costa. As mulheres Avieiras da Póvoa de Santa Iria, com suas danças e cantares, encerraram esta tarde bem animada.

Como na Póvoa de Santa Iria o rio já é diferente do que até aqui conhecemos, a partir daqui já se podem juntar ao Cruzeiro embarcações de grande porte.

Vemos então ao largo da Póvoa as imponentes canoas da Associação Naval Sarilhense, não tendo sido perdida a oportunidade de as visitar e fotografar.

Mais tarde, pelas oito horas da noite, vai ser servido um jantar aos peregrinos, à organização e Associações participantes, a convidados e alguns amigos. Este jantar é oferecido pela ACAPSI e foi preparado pelos Avieiros e Avieiras desta comunidade.

Da ementa consta massada de peixe. As sobremesas são constituídas por gelatinas, pudim e arroz doce.

Nesta etapa e uma vez que todos se encontravam perto de casa, os peregrinos não necessitaram de pernoitar em casas de acolhimento.

Pormenor do interior da Canoa Bombaça

Interior e pintura da Canoa Bombaça

Outro pormenor da decoração da Canoa Bombaça

Interior da Canoa Bombaça

As três canos que integrarão o cruzeiro, vistas de proa

Canoas da Associação Naval Sarilhense – Ponta da Marinha – Deolinda Maria – Bombaça, todas restauradas por iniciativa própria por esta meritória Associação

Texto e fotografia de

Maria Alexandra Almeida Ferro

4

Identidade e Cultura das Comunidades Avieiras do Tejo e do Sado

Artigo tripartido para a revista Ardentía

Revista Galega de Cultura Marítima e Fluvial

Identidade e Cultura das Comunidades Avieiras do Tejo e do Sado

Carlos Barbosa[20]

João Monteiro Serrano[21]

Alexandra Ferro[22]

A Praia da Vieira (Vieira de Leiria) localiza-se nas terras da Gândara, nos areais entre o Atlântico e o Pinhal de Leiria, no litoral central português.

Neste pinhal, os construtores de embarcações - nomeadamente de naus portuguesas que serviram a epopeia das Descobertas Marítimas e dos barcos para as actividades piscatórias -, procuraram madeiras, resina e pez necessários para a construção naval.

Nesta região arenosa e infértil para a exploração agrícola de toda a região central do litoral oeste, o mar bate essas praias abertas e sem abrigos naturais. A enorme força das ondas e da rebentação tornam essa costa muito perigosa para a pesca, o que tem sido um desafio historicamente constante, em particular para as populações murtoseiras (da região da Murtosa), varinas (da região de Aveiro e Ovar) e vieirenses (da região de Vieira de Leiria).Foram obrigados por isso a construir uma embarcação muito segura.

O barco de mar que criaram é perfeitamente adaptado a essas condições.

[20] IADE-U: Instituto de Arte, Design e Empresa - Universitário
[21] Instituto Politécnico de Santarém
[22] Universidade Lusófona

Figs. 1e 2 – Praia da Vieira: *Barcos de Mar*

Referindo-se ao *barco de mar* do litoral centro de Portugal, Alfredo Pinheiro Marques[23], considera-o"o mais belo barco do mundo". Como investigadoruniversitário designa Fernando Alonso Romerocomo o *druida da memória da Galiza*,e estedefine a mesma embarcação como "a mais interessante da Europa".

Neste barco de mar, também designado por *Meia-Lua*, de dois ou quatro remos, forjaram os pescadores da Praia da Vieira a sua capacidade de conhecer e desafiar o mar e enfrentá-lo, tantas vezes de modo quase suicidário, com os perigos inerentes à arte da pesca, com que também se confrontamnos rios Tejo e Sado.

No passado, nos meses em que os rigores do inverno e da falta de peixe mais se faziam sentir, os pescadores - numa primeira fase individualmente e mais tarde com a família -, deslocavam-se para o Tejo em modo sazonal, praticando a pesca fluvial *no jardim de peixe*, como aquele rio era por eles referido.Aí encontravam, em abundância, espécies como o enguia, a lampreia, o sável e a fataça.

População de pescadores de mar, resolvem abandonar a sua região por falta de sustento para eles e suas famílias especialmente no Inverno. O mar, não só lhes roubava a possibilidade de terem ali o seu ganha-pão, como também no auge da sua força lhes ia ceifando vidas nos vários naufrágios ali ocorridos. Dadas as circunstâncias, resolvem abandonar esta região e dirigir-se para sul na esperança de melhores condições de vida que o mar lhes vinha negando. Procuraram o rio Tejo e o rio Sado onde se instalaram nas suas margens.

Essa movimentação integrou-se no fluxo migratório interno, especialmente importante desde meados do século XIX até aos anos 30 do século passado, como o demonstram os estudos de Amorim Girão[24]. Estes pescadores com origem na Praia da Vieira de Leiria, ou *Praia da Avieira*, passaram a ser chamados de "Avieiros".

[23] Director do Centro de Estudos da Mar, na Figueira da Foz e investigador
[24]In: *Geografia de Portugal*. No mapa de migrações internas portuguesas, aí se assinala o percurso dos *Avieiros* desde a Praia da Vieira até à região do rio Tejo.

Alves Redol[25]na obra neo-realista *Avieiros*achava que eram "nómadas do rio, como os ciganos na terra" sintetizando assim a sua maneira de viver. Redol escreveuessetrabalho de ficção aí descrevendoa realidade factual que ele próprio viveu, nos anos 30 do século passado, no convívio direto com estas comunidades de pescadores.

Dentre os factores etnográficos que permitem identificar a cultura das comunidades avieiras, ganham evidência as habitações com estruturas palafitas. Eram, por norma, construídas nos leitos de cheias, assentes em estacas, com materiais efémeros (caniços e colmo), evoluindo depois para barracas em madeira e, mais tarde, já em aldeias, para casas construídas pelo menos parcialmente em alvenaria.

Ganha também evidência o papel da mulher. Enquanto na comunidade marítima é o homem que vai à pesca e a mulher assume as responsabilidades da casa e da família, no Tejo é a mulher, camarada emãe, que sempre acompanha o marido na faina, rema o barco enquanto são lançadas as redes, trata dos filhos e a quem compete governar e tomar conta da própria economia familiar. No fim da faina, de porta em porta, vende o pescado para sobrevivência da família.

No entanto é o barco que, para além das funcionalidades próprias das actividades de pesca, se afirma, sob o ponto de vista antropológico e com especial relevância, como referência identitária no âmbito da cultura avieira.

Fig. 3 – Avieiros: habitação palafítica e bateira (in "Arquitectura Popular em Portugal" – 1961)

Tendo em consideração os diversosaspectosque lhe estão associados, o barco revela-se também um repositório de valores humanos onde se destaca a capacidade de adaptação às circunstâncias particularmente exigentes na procura de meios, para sobreviver e ultrapassar no dia-a-dia as vicissitudes duma vida de incertezas.

[25] Vulto maior do ficcionismo português da corrente neo-realista, ele próprio descendente de Avieiros

Raúl Brandão[26], na sua obra *Os Pescadores*, criouo cenário onde se evidenciam as características das gentes que trabalham o mar português, aí os considerando como "os mais pobres dos pobres". A história de vida das comunidades avieiras demonstra que esta asserção se lhes aplicou sem, no entanto, nunca lhes fazer perder as expectativas de uma vida mais digna e, ao mesmo tempo, consentânea com a preservação das suas matrizes identitárias.

O barco avieiroé o símbolo de um mundo de vivências que confere a estas comunidades referenciais únicos e diferenciadores, sem mitos. Trata-se de pessoas com um mundo próprio de vivências fechadas, queainda hoje se referem aos das suas comunidades - com o orgulho próprio de quem tem consciência dos seus valores culturais– como sendo "gente do nosso pano".

Sem praticarem a endogamia, as famílias eram normalmente constituídas no seio das comunidades avieiras, sem se admitirem casamentos fora das comunidades. Um dos primeiros objetivosdos casais que tomavam a decisão de viver em conjunto - antes mesmo depensar em ter casa -, era adquirir um barco, já queinvariavelmenteesteera parte integrante do seu plano de vida.

A sua importância sempre foi decisiva no quotidiano das famílias avieiras, tanto mais que o dimensionamento da embarcação[27] obedecia a uma lógica de funcionalidades,compartimentado e definido em três zonas distintas:

1. O *Quarto*, na proa (complementado pela cobertura, ou toldo,para resguardar do sol e das intempéries);
2. A *Cozinha*, na área intermédia (com os indispensáveis apetrechos para a confecção das refeições);
3. A *Oficina*, situada na popa (espaço para as artes e armanezamento do pescado).

Fig. 4 – Família avieira em bateira, no rio Tejo (Museu Municipal de Benavente)

[26]Escritor português do início do século XX
[27] Também chamada *bateira*, ou *saveiro*, de acordo com a região do Tejo

A decisão para a vida em comum de um casal avieirosupunha o barco, não só como instrumento de trabalho, mas também como habitação, berço, escola de vida e mesmo leito de morte. É um testemunhode intimidades, de anseios, de sonhos, de expectativas, de alegrias e de tristezas que constituem o universo dos indivíduos que formam essas comunidades.

Em suma e recorrendo a Alves Redol[28], os avieiros tinham "o céu para telhado e coberta no tempo bom, um toldo de oleado para os dias de inverneira; e todas as margens do Tejo para encostar o barco e o rio inteiro para lançar as artes".

Identifica-se este barco através da sua forma peculiar que a distingue da das restantes embarcaçõesfluviais por ser uma "bateira de duas bicas", com ou sem leme, cuja mobilidade eraassegurada por uma vela de espichae por dois remos. A sua construção éda responsabilidade dos próprios pescadores, ou por mestres avieiros,que definem os parâmetros estruturais de maneira mais ou menos empírica, socorrendo-se apenas do *pau de pontos*.

A forma destas embarcações do Tejo fazem-na associar ao *Meia-Lua*, da Praia da Vieira. Há no entanto pelo menos três teses sobre as origens desta forma de construir.

A primeira é a de Octávio Lixa Filgueiras[29]que defende o*moçarabismo náutico*, como ilustra a figura5 (modelo de barco de Ur, que se encontrava num túmulo real).Para o confirmar, ainda hoje há povos da Baixa Mesopotâmia (Ma'dan) que usam canoas de tábuas cuja arquitetura remete inequivocamente para as embarcações da civilização suméria (vide fig. 6).

Fig. 5 – O modelo de Ur

Fig. 6 – Povo Ma'dan

[28] Obra citada
[29] A. Garrido, in "Octávio Lixa Filgueiras, Arquitecto de Culturas Marítimas", Âncora Editora, 2009

A segunda é a de Senos da Fonseca[30], que defende que a *Ílhava* é o tipo de barco que está na origem das bateiras de duas bicas, e que a sua concepção foi desenvolvida na lagoa da Ria de Aveiro, com os saberes de construção naval a resultarem da longa experiência adquirida pelos mestres que nessa zona geográfica se dedicaram à arquitectura dos barcos lagunares.

A terceira é a de Carlos M. Carvalho[31], quetem vindo a elaborar um sistema taxónimo que permite classificar os tipos de barcos portugueses, tendo jáidentificado mais de duzentos diferentes. Na sua comunicação "As Bateiras: genealogia, tipologias, distribuição"[32]refere a *bateira avieira*, o que parece ser a primeira vez que aparece em estudos deste género.

Curioso será verificar que Baldaque da Silva[33], já em 1891,inclua uma gravura (Fig. 7) de um tipo de embarcação do Tejo que é semelhante à dos pescadores avieiros, mencionando-a no entanto como *barco ílhavo*.

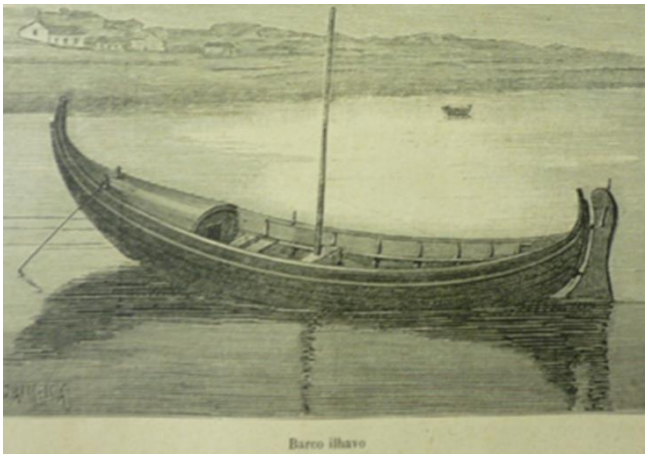


Fig. 7 – *Barco ílhavo* (Baldaque da Silva)

Finalmente, num notável trabalho de rigor, integrado no projecto da Cultura Avieira, o Arquitecto Fernando Simões Dias tem vindo a fazer o levantamento dos tipos de embarcações usadas pelas comunidades avieiras.

Dentre os vários tipos de barcos já estudados– são onze tipos diferentes já identificados e analisados – e por ser o que tradicionalmente mais se identifica com a imagem dos pescadores avieiros,apresenta-se um dosseus desenhos técnicos de uma *bateira* (Fig. 10).

[30] "Embarcações que tiveram Berço na Laguna – Arquitetura Naval Lagunar", Papiro Editora, 2011),
[31]"Embarcações Tradicionais Portuguesas: uma proposta de classificação tipológica".*In* "Octávio Lixa Filgueiras, Arquitecto de Culturas Marítimas"
[32]Apresentada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 2011
[33]Na incontornável obra "O Estado Actual das Pescas em Portugal" (Lisboa, 1891)

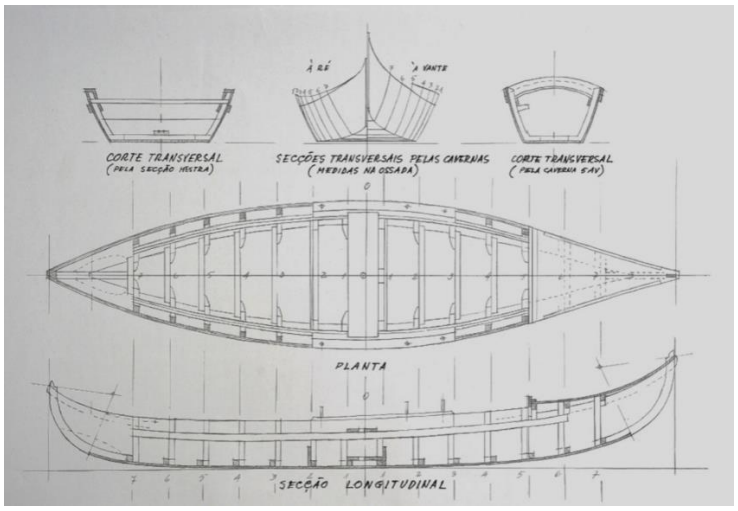


Fig. 8 – *Bateira* Avieira: peças técnicas (Arq. F. Simões Dias)

Tanto quanto tem sido possível observar, as opções construtivas estarão relacionadas com ageomorfologia fluvial, com o tipo de pesca e com os hábitos de cada comunidade.

As cores do barco, embora ainda insuficientemente estudadas[34]reflectem aspectos da personalidade e das mundividências dos seus proprietários, traduzidas pelas estórias que nos vão contando.

O que deste quadro resulta é a emergência do barco como um símbolo que identifica esta comunidade com a relação que estabelece directamente com o meio natural envolvente, com as memórias dos seus ancestrais e, em simultâneo, com a capacidade que essa mesma comunidade revela em se adaptar ao Tejo, fonte permanente da sua subsistência.

Esta riqueza cultural, extensa e profunda, enraizada nas práticas ancestrais das comunidades piscatórias marítimas e fluviais, é actualmente sujeita a um projecto de candidatura a património imaterial nacional e da Unesco. Com esta acção visa-se reconhecer a enorme importância do contributo dos pescadores e das suas práticas de vida para a criação multisecular da identidade cultural e nacional.

[34]Por exemplo, nos primeiros tempos, a aplicação do preto resultava, por razões económicas, da aplicação do *breu*(tipo de alcatrão) para efeito de acabamentos de calafetagem da embarcação

5

A comunidade Avieira

– Avieiros da Póvoa de Santa Iria –

A COMUNIDADE AVIEIRA

– Avieiros da Póvoa de Santa Iria –

As migrações Avieiras dos finais do século XIX, início do século XX - as mais extraordinárias migrações internas ocorridas em Portugal - levaram a que populações marítimas, naturais da região litoral de Portugal, mais propriamente da Praia de Vieira de Leiria, que lhes dá o nome de Avieiros, gentílico extraído da sua terra de origem, ao serem confrontadas com a adversidade do mar, principalmente nos meses de inverno, a escassez do pescado, e a falta de sustento, rumassem a sul, procurando nas águas doces do rio Tejo e Sado melhores condições de vida. Instalaram-se nas suas margens onde apenas os abrigava a maracha e o toldo do exíguo barco.

A casa do Avieiro era o barco, "bateira", embarcação típica com a proa e a ré em bico, apontadas ao céu, cujas dimensões variam entre cinco e sete metros. As cores com que são pintadas são diversas, pois algumas delas são cores de família, respeitadas por todos os pescadores entre si, sendo normalmente cores vivas, tendo como base exterior o negro do pez com que são revestidas.

Bateira miniatura com tolde aberto em exposição na ACAPSI
Fotografia de: Alexandra Ferro

A vivência no barco obrigava a que o seu interior fosse dividido em três partes: o quarto na proa, a emparadeira no centro do barco que serve de cozinha e a oficina de pesca, situada na ré, onde guardavam as redes e o pescado. Quando se agravava o estado do tempo, era colocado um oleado na proa, "tolde" que servia de abrigo à família. No barco, eram feitos os partos, criados os filhos, tratados os doentes. Dormiam e comiam no único lar que lhes era dado. Fabricavam os seus próprios barcos e as artes (os materiais de pesca). O barco não só era o instrumento de trabalho, como o abrigo que os acolhia quando a vida já não lhes permitia trabalhar, acabando muitas vezes servindo de tumba.

Em princípio, dividiam a actividade piscatória em meses de verão e de inverno, indo ao mar de Vieira apenas no verão, onde exerciam a arte xávega da sardinha, e no Tejo e Sado a arte varina do sável. Simultaneamente, tentavam trabalho certo nos campos da lezíria imensa, na busca de sustento com a apanha de tomate e melão.

Com o decorrer do tempo, as comunidades Avieiras estabeleceram-se junto às vilas ribeirinhas onde acabaram por se fixar, desenvolvendo actividade comercial fluvial e terrestre.

Presos às suas raízes viviam um mundo próprio de regras e costumes fruto da rejeição a que se viram inicialmente remetidos pela população das regiões onde se instalavam e onde cada Avieiro tinha, e ainda conserva a alcunha, nome pelo qual mais prontamente responde.

As suas tradições e os conhecimentos relativos à pesca tinham de ser preservados e protegidos pelo que no intuito de o conseguirem, era hábito casarem entre si para que estes valores se mantivessem entre as famíliasa Avieiras. Estas práticas, bem como o seu nomadismo, levaram Alves Redol, no seu livro "Avieiros", a intitulá-los de "ciganos do rio" pela semelhança, com a etnia cigana. Esta denominação em nada menospreza o Avieiro, apenas lhe atribui peculiariedade.

A mulher Avieira sustenta um papel muito importante, não só na sua condição de esposa e mãe, como também a "camarada". Ela comanda o barco enquanto o marido lança as redes e o ajuda na recolha do pescado. Finda a faina, descalça e com o cesto do peixe à cabeça, ela ia de porta em porta vendendo o pescado para garantir o sustento da família. Remando de noite e trabalhando de dia no campo durante o verão, a ela competia governar o dinheiro ganho.

A mulher Avieira distinguia-se pelo uso do seu traje. A saia em xadrez de várias cores, onde os favos lhes marcava a anca, o rodado que apresentavam por baixo do avental de seda bordada e para que a roda fosse bem farta, mais três saias brancas bordadas e com folhos, apareciam por baixo da saia de xadrez. A saia de trabalho era bastante franzida e aos quadrados. A saia de domingo era pregueada. Nas pernas, meias brancas trabalhadas também chamadas de "canos" e chinelas nos pés, ou socos com sola de madeira. Lenço em lã escura e chapéu preto colocado por cima.

Por sua vez, o homem Avieiro traja camisa de xadrez, calça também de xadrez atadas no tornozelo com uma fita, camisola de lã, gabão, cinta preta, tamancos altos com sola de madeira e barrete preto.

À medida que se foram fixando, os Avieiros sentiram a necessidade de um lar para eles e para a família, com condições mais cómodas e diferentes das oferecidas pelo pequeno barco onde viviam. O objectivo a que se propunham era construir junto à margem do rio uma casa em madeira – palafita – assente em estacas de forma que na altura das cheias as casas ficassem acima do limite das águas. O seu interior tinha um quarto para o casal, a cozinha e um espaço que seria aproveitado como sala ou até para quarto dos filhos. Uma porta e janelas. O telhado, construído numa base triangular, dava a possibilidade de construir por cima do quarto do casal, outro espaço que quanto mais não fosse, daria para guardar as artes. Embora exígua a palhota, também assim chamada, seria sempre bem melhor do que o barco e o seu desconforto a céu aberto.

Casa Avieira e arrecadações
Fotografia de: Alexandra Ferro

As palafitas tornaram-se realidade e à borda de água formam-se as Aldeias Avieiras.

A nova infraestrutura vinha dar-lhes a possibilidade de poderem enviar os filhos à escola. As crianças que viviam longe do estabelecimento escolar tinham agora a possibilidade de um porto-seguro, onde no regresso das aulas, podiam esperar seus pais.

Os Avieiros da Póvoa de Santa Iria já não moram nas palafitas. Um projecto Camarário, Pólis XXI de requalificação da frente ribeirinha, acabou com as construções palafíticas, para criar, junto ao rio, um passeio ribeirinho e área de lazer. À borda-d'água ficaram apenas arrecadações para guardarem as artes de pesca. Junto ao cais, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira colocou uma réplica da Casa Avieira, bem como o Núcleo Museológico "A Póvoa e o Rio" e ainda uma Cafetaria, que pela sua localização, convida a população a passar momentos agradáveis junto ao rio. As novas construções são todas em madeira. Todo o património Avieiro foi devastado e a Comunidade instalada num bairro camarário, a cerca de 500 metros da margem.

Alguns Avieiros sabem ler e escrever o que lhes permitiu a criação do Grupo Recreativo dos Pescadores da Póvoa de Santa Iria no ano de 1989. Reuniam numas instalações junto ao cais para discussão dos problemas comuns à Comunidade, e foi a partir desta base que se constituíram numa Associação, a ACAPSI, (Associação Cultural dos Avieiros da Póvoa de Santa Iria) no ano de 2012, contando nos dias de hoje com cerca de 3oo sócios. A Sede, instalada no anterior edifício vem sofrendo significativos melhoramentos.

Sede da ACAPSI
Fotografia de: Alexandra Ferro

São várias as actividades culturais por eles dinamizadas como almoços de convívio, o magusto, a sardinhada, o dia da pesca, a bênção dos barcos, jantar de Natal e passagem de ano e ainda a colaboração com Entidades que os visitam e solicitam o seu apoio nas mais variadas vertentes.

Muitos deles, têm mais do que uma actividade laboral e alguns tornaram-se Avieiros por casamento.

Um grupo de mulheres Avieiras coreografadas pelo mestre "Cálão", Alfredo Vicente Fernandes, também Avieiro desta comunidade, canta e dança marchas típicas, exibindo-se nos eventos não só por eles realizados, como outros onde sejam solicitados.

As festas da cidade da Póvoa de Santa Iria decorrem habitualmente no primeiro fim de semana do mês de Setembro. A benção dos barcos Avieiros, cerimónia integrada nas festas da cidade, chama ao rio a Padroeira, Nossa Senhora da Piedade onde é aguardada pelas embarcações embandeiradas.

Andor de Nossa Senhora da Piedade a ser transportado pelos Avieiros
Fotografia de: Alexandra Ferro

No último ano, foi a charrete de amigos da ACAPSI que levou o andor desde a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, na Quinta da Piedade, até ao cais. O Pároco da freguesia acompanhou toda a cerimónia na embarcação onde foi colocado o andor. Os barcos fazem

alas para passar a embarcação de Nossa Senhora, enquanto se canta e reza, não só os pescadores e famílias embarcadas, como os que no cais presenciam.

A Comunidade está toda no rio, aguardando a benção de cada barco e ao mesmo tempo a distribuição da medalha oferecida pela Junta de Freguesia que assim premeia cada barco pelo seu desempenho, recebendo-a das mãos do Presidente da Câmara ou do Presidente da Junta de Freguesia.

Benção dos barcos Avieiros
Fotografia de: Alexandra Ferro

Mantendo hoje muitos dos seus hábitos e costumes, os Avieiros da Póvoa de Santa Iria vivem e convivem, sendo que se tornou um dos pontos mais altos das actividades anuais a participação no Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, organizado pelo Gabinete da Cultura Avieira e IPS, Instituto Politécnico de Santarém, no âmbito da Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional e da UNESCO.

Todas as comunidades Avieiras têm a sua fé e o seu Santo Padroeiro. Em cada barco havia a Imagem de Nossa Senhora de Fátima ou aé outra, mas os Avieiros sempre demonstraram vontade em terem uma "Imagem" que fosse apenas dos Avieiros. Investigou-se nesse sentido, tendo sido escolhida uma Imagem saída da "Capitellum" oficina de arte sacra sediada em Braga, a que foi dado o nome de *Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo*. Esta

Imagem, consagrada em Missa Solene na Igreja de Jesus Cristo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, em cerimónia presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino Domingues, em 04 de Maio de 2013, é uma Imagem peregrina e pode ser solicitada pelas Comunidades Avieiras sempre que o desejem, permanecendo porém Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo na Igreja de S. Nicolau em Santarém.

Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo
Fotografia de: Alexandra Ferro

Com o intuito de divulgar a Cultura Avieira, foi criado o Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, que em procissão fluvial com as embarcações típicas engalanadas, as bateiras, desceu pela primeira vez o rio Tejo desde Constância até à Trafaria, em 24 de Maio

do mesmo ano, tendo o trajecto sido feito em oito dias consecutivos. O andor de Nossa Senhora, adornado de flores colocadas pelas mãos sábias das mulheres Avieiras, segue na bateira guia que visita todas as Aldeias Avieiras situadas nas margens do rio. Em todas se realizam cerimónias religiosas em louvor a Nossa Senhora. Celebra-se Missa, reza-se o Terço e se faz vigília com a leitura de várias orações. Participa a comunidade Avieira, peregrinos e população. São momentos inesquecíveis os vividos nestas manifestações de fé.

Cônstância - O "Marujo" no Iº. Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo
Fotografia de: Helena Maria Pereira

Em 2014, o segundo Cruzeiro Religioso realizado com todo fervor, saiu de Alvega em 17 de Maio e terminou a 15 de Junho na praia de Paço d´Arcos em Oeiras.. Este percurso, realizado por etapas, mas só nos fins de semana, teve grande adesão como já era esperado. Acompanhados pela Marinha, Força Aérea, G.N.R., Bombeiros, Grupos de Escuteiros, Grupos de canoagem, barcos de Empresas de Turismo Fluvial, Rádios locais, Jornais regionais, canais de televisão, e apoiados pelas Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, e várias Entidades, este segundo Cruzeiro motiva-nos cada vez mais para a continuidade.

Prevê-se para este ano, a saída do Cruzeiro Religioso dos Avieiros e do Tejo, de Vila Velha de Ródão em 30 de Maio e descerá o Tejo até 14 de Junho, proporcionando uma vez

mais a todas as Aldeias Avieiras a visita tão desejada pelas comunidades. Paço d´Arcos, no concelho de Oeiras, será de novo o terminus deste Cruzeiro[35].

A ACAPSI, membro da comissão organizadora deste evento, dará o seu contributo, fazendo-se representar com as suas embarcações tradicionais.

COROAÇÃO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DOS AVIEIROS E DO TEJO

Uma semana antes da saída do Cruzeiro, a organização vai proceder à cerimónia que se impunha e que por motivos vários ainda se não tinha concretizado. A Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo irá ser coroada no próximo dia 2 de Maio de 2015, em Vila Velha de Ródão, em cerimónia a confirmar, tanto a hora como a Igreja onde se irá realizar.

Póvoa de Santa Iria, 16 de Março de 2015

[35] O III Cruzeiro Religioso terminou na Marina de Oeiras.

Anexos

Embarcação tradicional construída no ano de 1945, assegurou o transporte de mercadorias diversas no rio Tejo até encalhar temporariamente como simples casco abandonado na década de 60. Mas quem nos estaleiros de Rio de Moinhos o baptizou com o nome de Campino não podia certamente imaginar que a força dessa designação o faria rumar um dia a Vila Franca de Xira, onde aportou a 25 de Abril de 1988, depois de adquirido pela Câmara Municipal. Recuperado e tratado a rigor, iniciou então uma nova vida, exibindo no casco as letras da palavra Liberdade para navegar ao serviço de grupos de cidadãos, crianças, jovens, adultos e idosos.

A partir daí teve o seu segundo fôlego, a sua segunda história, feita de simples passeios mas também de exigentes regatas e cruzeiros. E no ano de 2000 saiu cortado ao meio a caminho dos estaleiros Ria Marine, em Aveiro, de onde voltou rejuvenescido, atracando ao cais de Vila Franca de Xira e continuando a sua faina, navegando entre Maio a Novembro, em passeios durante a semana, para grupos organizados, ou aos fins-de-semana para quem pretenda ares lavados e vistas largas: Palácio das Obras, em Azambuja, zonas ribeirinhas de Vila Franca, Alhandra e Póvoa, garças, patos e flamingos nos Mouchões, sombras acolhedoras na Reserva Natural.

Barco Varino/Bateau Varino/Narrow boat "Liberdade"
Divisão de Turismo e Actividades Económicas /Departamento de Turismo /
Departement de Turisme / Tourism Departement
R Dr. Manuel de Arriaga, 24 r/c Dt.º
2600-186 Vila Franca de Xira
(+351) 263 285 600
(+351) 263 271 516
(+351) 969 022 529
turismo@cm-vfxira.pt

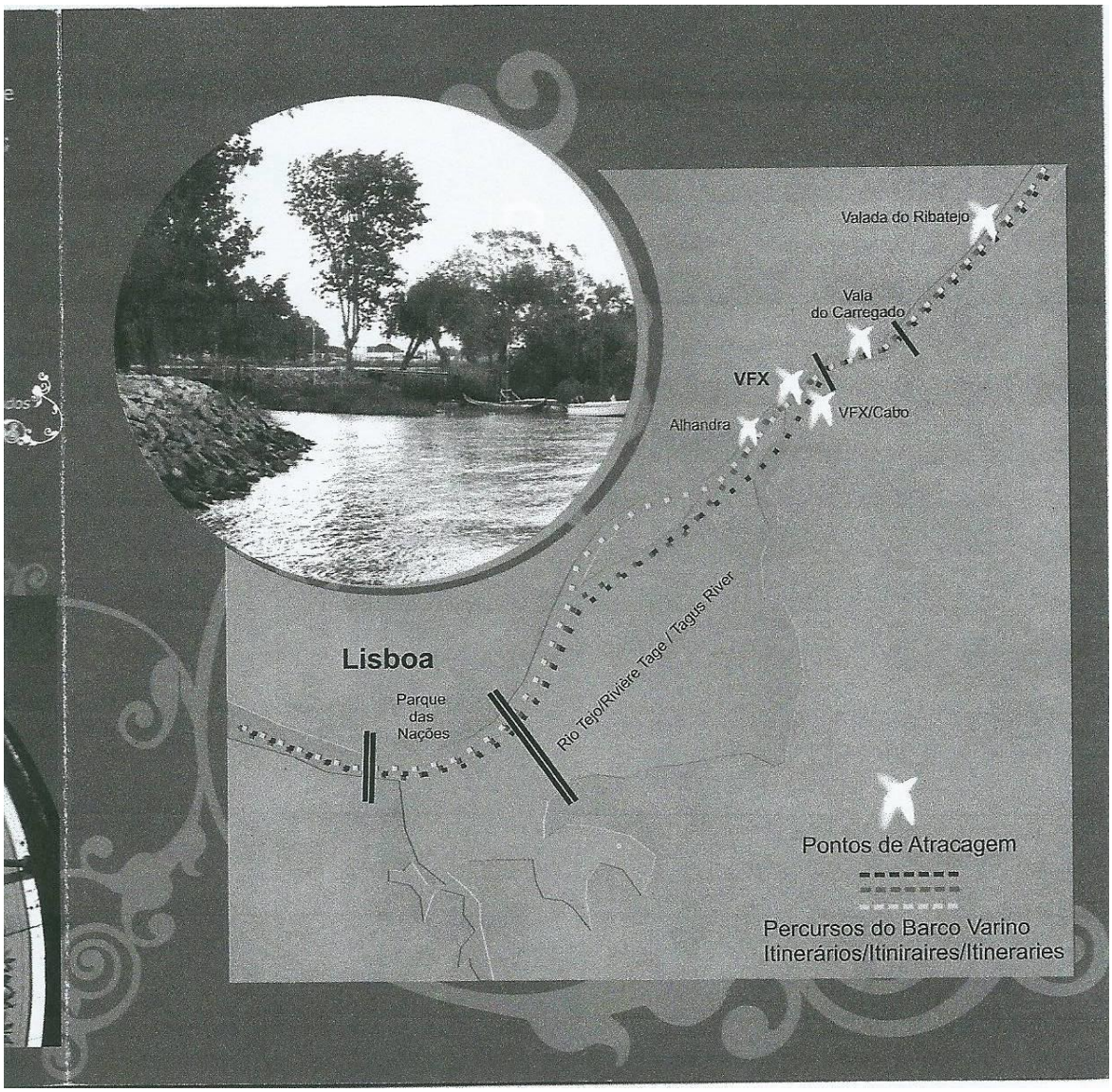
Todos os dias de Maio a Outubro. Lotação: 40 pessoas
***Visitas ao Museu /preços dos bilhetes** - Segundo a tabela de taxas actualizada anualmente*

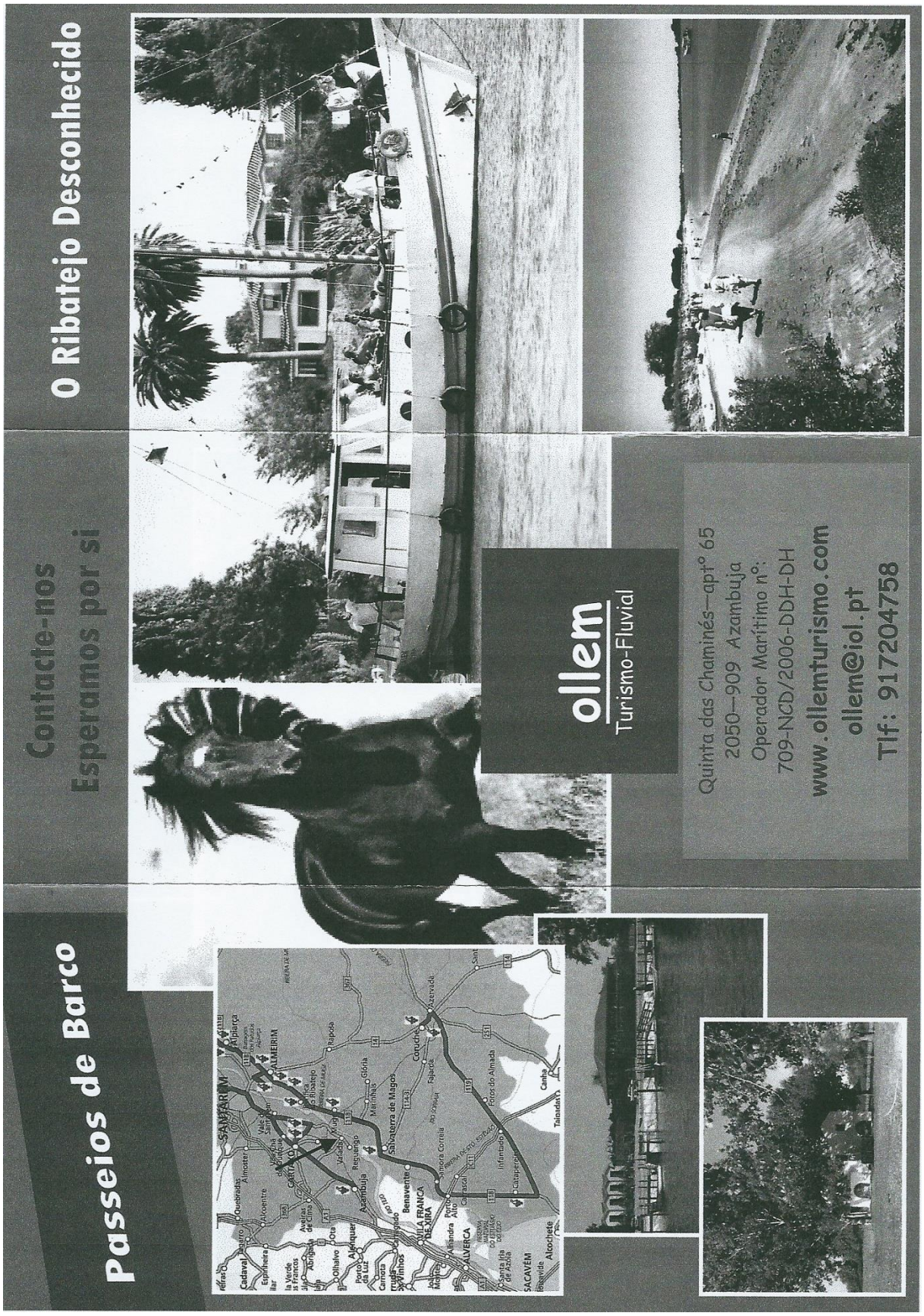
Tódos los dias de Maio a Outubre. Capacidade:40 personnas

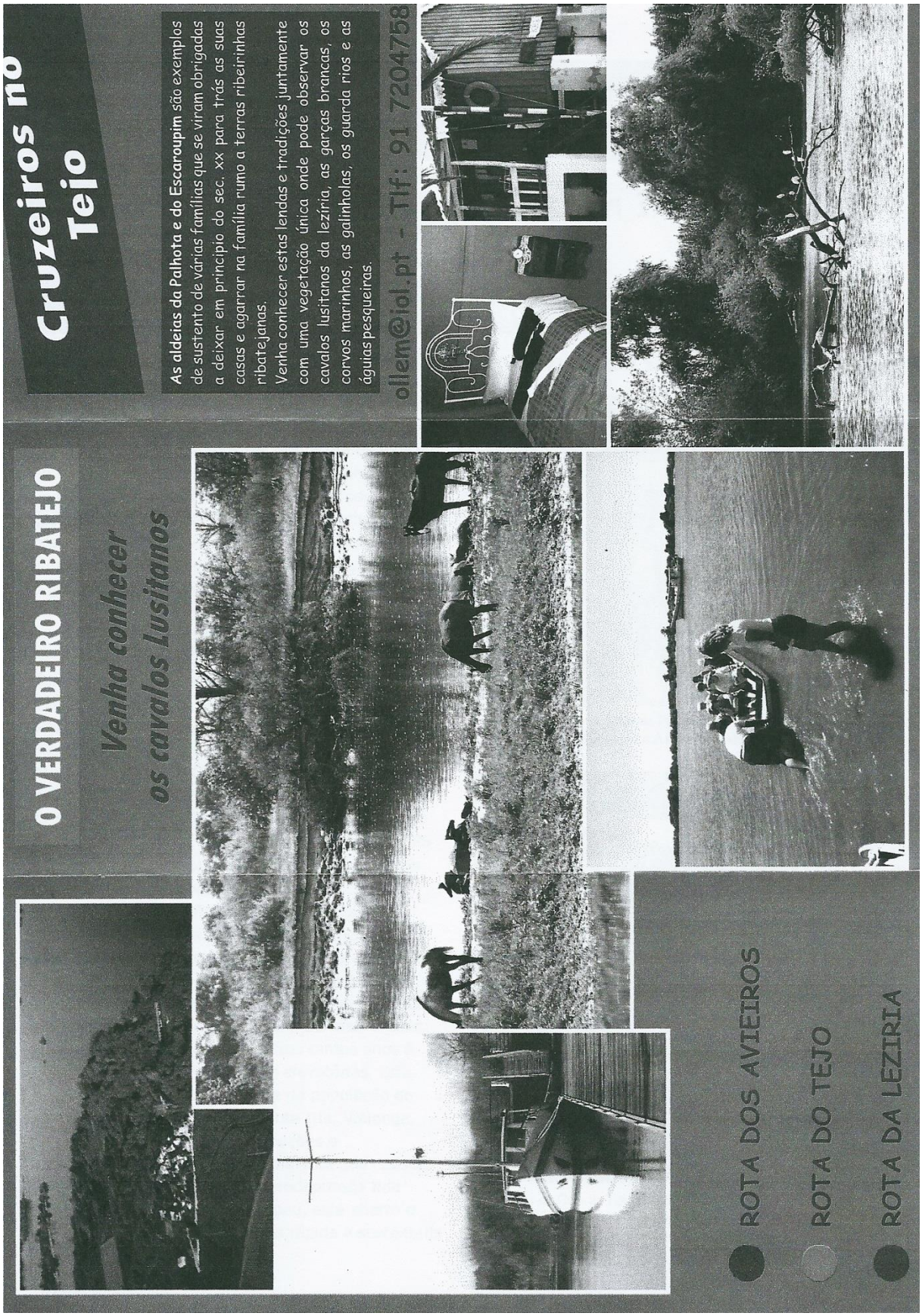
Toujours de Mai a Octobre. Lotation: 40 personnes

Everyday from May to October. Capacity: 40 persons

CMVFXIGGIRP.07


Valada do Ribatejo
Vala
do Carregado
VFX
VFX/Cabo
Alhandra
Rio Tejo/Rivière Tage / Tagus River
Lisboa
Parque
das
Nações
Pontos de Atracagem
Percursos do Barco Varino
Itinerários/Itiniraires/Itineraries


Passeios de Barco
Contacte-nos
Esperamos por si
O Ribatejo Desconhecido
ollem
Turismo-Fluvial
Quinta das Chaminés—apt.º 65
2050—909 Azambuja
Operador Marítimo n.º:
709-NCD/2006-DDH-DH
www.ollemturismo.com
ollem@iol.pt
Tlf: 917204758


Cruzeiros no Tejo
As aldeias da Palhota e do Escaroupim são exemplos de sustento de várias famílias que se viram obrigadas a deixar em princípio do sec. xx para trás as suas casas e agarrar na família rumo a terras ribeirinhas ribatejanas.
Venha conhecer estas lendas e tradições juntamente com uma vegetação única onde pode observar os cavalos lusitanos da lezíria, as garças brancas, os corvos marinhos, as galinholas, os guarda rios e as águias pesqueiras.
ollem@iol.pt - Tlf: 91 7204758
O VERDADEIRO RIBATEJO
Venha conhecer os cavalos lusitanos
ROTA DOS AVIEIROS
ROTA DO TEJO
ROTA DA LEZIRIA

PÓVOA DE SANTA IRIA

CDU - Coligação Democrática Unitária PCP-PEV

Boletim Informativo

Mail: cdupovoa@sapo.pt Site: www.vfx.pcp.pt Julho 2008

EURODEPUTADA DO PCP NO CAIS DA PÓVOA

Zona ribeirinha é candidatável a verbas da União Europeia

A eurodeputada Ilda Figueiredo, no passado dia 20 de Junho, realizou uma visita a vários pontos críticos do concelho de Vila Franca de Xira, a fim de intervir no Parlamento Europeu sobre questões prementes da preservação e defesa do ambiente. Todos os casos, disse no fim da visita, são susceptíveis de financiamento europeu, desde que a Câmara Municipal faça as diligências que lhe competem e o governo lhes dê o devido seguimento.

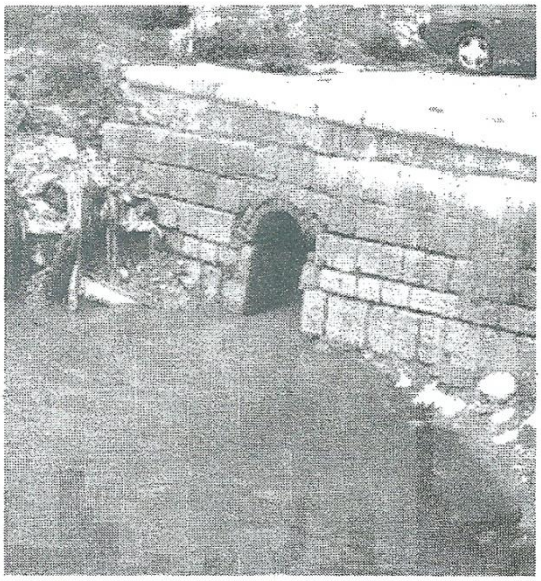
De facto, só na Póvoa de Santa Iria, diariamente continuam a ser lançados ao Tejo dejectos de cerca de 30 mil residentes, além de outros detritos. Continuamos perante um grave atentado à saúde pública, estando em causa a saúde do rio e o ambiente. Mas todo este problema poderia estar já ultrapassado. Há dez anos, quando o PS tomou conta da Câmara, a CDU deixou-lhe em herança os projectos das ETAR cujas obras estavam para começar em 1998. Tal como com duas dezenas de planos de pormenor, cruciais para o concelho, o PS meteu na gaveta esses projectos e só muito mais tarde reiniciou o processo.

As consequências são uma ETAR concluída e inaugurada já há dois anos em Vila Franca de Xira que vai esperar quatro ou cinco anos para começar a receber os efluentes que lhe correspondem.

Quanto à ETAR de Alverca, que nos planos da CDU era prioritária, vamos esperar por ela mais alguns anos para a seguir ficarmos outros tantos anos à espera dos adutores e estações elevatórias. Esta ETAR vai servir mais de metade da população do concelho, ou seja, Póvoa de Santa Iria, Vialonga, Forte da Casa e Alverca. Com opções e planeamentos assim, não há ambiente que resista.

Mas, com a intervenção da eurodeputada Ilda Figueiredo no Parlamento Europeu, está aberto o caminho para uma solução mais rápida e sustentada com verbas europeias.

Ilda Figueiredo no Cais da Póvoa com eleitos do PCP na Câmara Municipal e Assembleia de Freguesia



O esgoto do Cais da Póvoa, que é um dos principais cancros do Tejo, era uma das prioridades da CDU que o PS abandonou quando ganhou a Câmara

OBRAS À PS

O arranjo do Vale da Bolonha tem uma história idêntica à de muitas outras obras municipais em todo o concelho: mais caras que o necessário e com finalização insatisfatória ou mesmo desastrosa. Depois de muitos anos a ouvir as reclamações dos moradores e as intervenções dos eleitos da CDU, a Câmara PS resolveu avançar em 2006, mas marcou logo a data da inauguração para o dia 25 de Abril desse ano.

Primeiro ordenou aos serviços a rápida elaboração do projecto e, depois, com a mesma rapidez, adjudicou a obra a uma empresa.

Depois, o empreiteiro, com metade do trabalho feito, queixou-se à Câmara de que no projecto havia cálculos errados e que, por isso, era preciso uma reformulação do mesmo para que a obra pudesse prosseguir normalmente.

Depois, a reformulação foi efectuada e o que já estava feito não batia certo com que ia fazer-se.

Depois, à falta de melhor, passou-se ao método de navegação à vista, avançando com decisões em cima do joelho, à medida que os trabalhos iam decorrendo, com dilatação de prazos.

Depois, cumpriu-se a data de inauguração, para, uma semana depois, uma pequena chuvada esbarrondar taludes e arrastar terras para a zona lajeada, onde ficaram quase um ano à espera de pá e vassoura.

Depois, fez-se a ampliação da escola vizinha e a chuva de novo escalavrou os taludes que largaram pedras e terras para o Vale da Bolonha, sobrepondo-se às que tinham ficado das chuvadas anteriores.

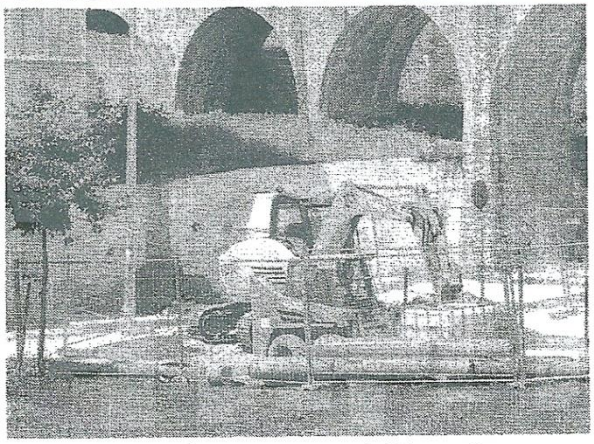
Depois, a oficina do canto ocidental passou a sofrer ainda mais infiltrações de águas pluviais, porque nas obras da Câmara o muro de sustentação das terras foi alteado e impermeabilizado sem que as terras ficassem com um dispositivo de drenagem.

Depois, há um mês, um esgoto sofreu entupimento e na reparação descobriu-se que toda a zona tinha tubagens podres de antigas que tinham de ser substituídas.

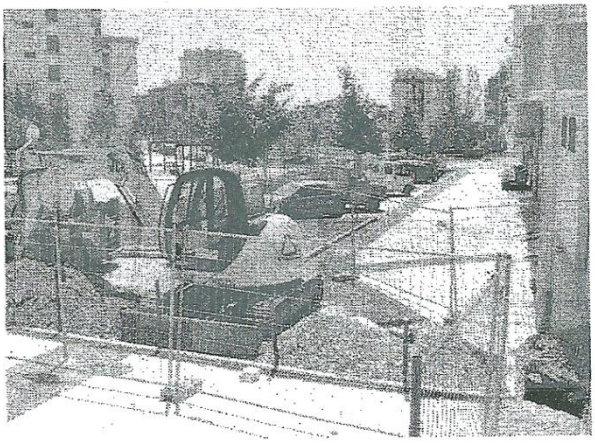
Depois, cortou-se pavimentos de asfalto e de lajetas para colocar as novas tubagens.

E depois, tudo ficou remendado e mais caro.

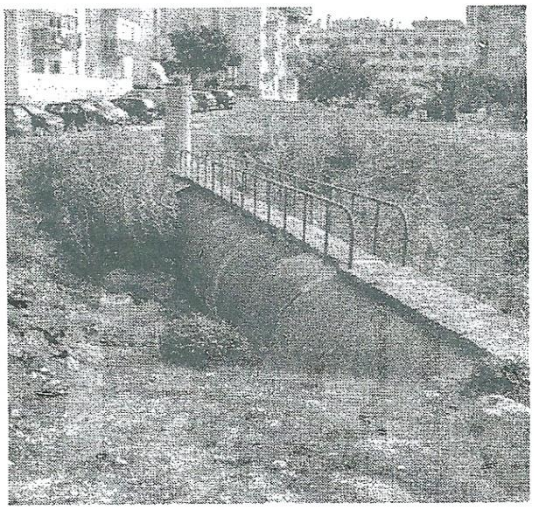
Feitas as contas, o que se gastou a mais talvez desse para fazer o mais importante que ficou por fazer no arranjo do Vale da Bolonha: resolver de vez o problema da cratera a meio do Vale que vai acumulando lixo e com mais uma inundação, pode transformar-se numa perigosa lagoa com 16 metros de diâmetro e 4 metros de profundidade. Enfim, obras à PS.



Estas tubagens chegaram com mais de dois anos de atraso



Fazer, partir e fazer de novo tem sido uma constante no arranjo do Vale da Bolonha



A cratera, que é o problema mais importante, continua por resolver, apesar das promessas no dia da inauguração

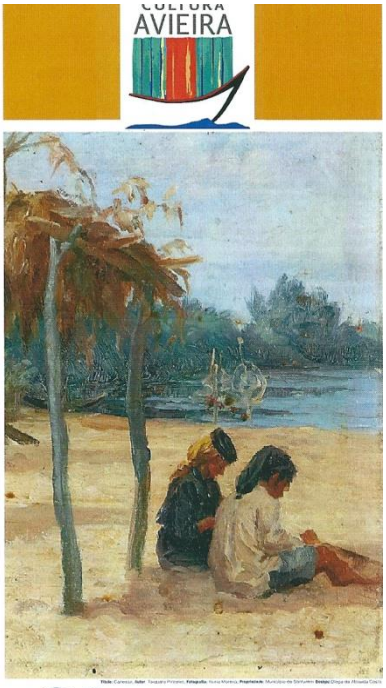
2º Congresso Nacional da Cultura Avieira

Reflectir sobre a importância dos recursos naturais focalizado no território de abrangência da Cultura Avieira, com especial incidência naquele que é banhado pelo rio Tejo e pelos seus afluentes, visando o benefício das comunidades ribeirinhas destes territórios de baixa densidade populacional através da criação de uma rede de empreendedores públicos e privados que procuram soluções sustentáveis para gerar riqueza.

Tema III. Dimensões da cultura Avieira – Contributos para a candidatura a património nacional
O conhecimento da Cultura Avieira fundamenta a acção sustentável pelas evidências dos vários estudos.
Assim, pretende-se:
Analisar as dimensões da cultura Avieira, material e imaterial, que sustentem a definição da estratégia para o desenvolvimento regional, tendo como base: a casa palafítica, o barco e a gastronomia. Estas dimensões tangíveis são as que fundamentam a candidatura no âmbito do QREN/Provere.

Tema IV. Políticas Locais de Desenvolvimento
Este painel visa a criação de um espaço de debate dirigido aos decisores dos municípios da região de forma a exporem as posições e perspectivas sobre os factores que mais contribuem para o desenvolvimento regional e das eventuais barreiras que não permitem a boa prossecução das políticas de desenvolvimento local. Também suscita a análise das políticas de cada município e o modo de articulação para a potenciação dos recursos endógenos, materiais e imateriais, com enfoque no rio Tejo.

Tema V. Os PROVERES do INALENTEJO
O encontro dos "Programas de Valorização Económica de Recursos Endógenos" constituem um dos tipos de Estratégias de Valorização Económica de Base Territorial previstas no instrumento horizontal de política do QREN - com Reconhecimento Formal como Estratégia de Eficiência Colectiva do INALENTEJO, pretende promover o debate em torno dos trabalhos de concretização de cada um dos PROVERES da região do Alentejo.



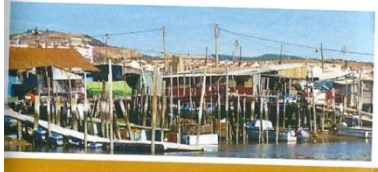
CULTURA AVIEIRA

A realização do 2º Congresso Nacional da Cultura Avieira representa a marca e notoriedade que o projecto de candidatura "Cultura Avieira a Património Nacional", distinguida pelo PROVERE em 2008, tem vindo a capitalizar num contexto integrador de interesses locais, regionais e nacionais. A construção de um novo destino turístico de qualidade e diferenciador pretende ser um estímulo para o investimento público e privado alinhado com o Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT) e pela Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (ENDS 2015).
A estruturação e desenvolvimento deste projecto assentam no potencial que a Cultura Avieira poderá ter no contexto nacional pela sua vocação natural de reunir conteúdos distintivos com base nos recursos endógenos dos quais se destaca o rio Tejo.

TEMAS

Tema I. Oportunidades no turismo regional
Sendo o turismo um sector estratégico para a competitividade de Portugal e linhas de desenvolvimento estratégico para as regiões, pretendemos:
Analisar os pontos fortes e os constrangimentos do turismo regional no contexto do Plano Estratégico Nacional do Turismo;
Avaliar as oportunidades existentes para a definição de um plano estratégico regional de desenvolvimento com base no aproveitamento dos recursos endógenos cujo eixo é o rio Tejo;
Definir as acções prioritárias para o crescimento sustentado do Turismo na região do Tejo, nomeadamente dos territórios da Cultura Avieira para constituir uma ferramenta de apoio à decisão e à acção no contexto de desenvolvimento regional.

Tema II. Ambiente, Ordenamento do Território e Inovação
Sendo a questão central o ambiente e ordenamento do território, ambicionamos:
Debater, de forma integrada, as políticas de ambiente e ordenamento do território, os recursos endógenos existentes e o envolvimento dos agentes locais enquanto força motora para a génese de um processo de desenvolvimento regional assente numa economia sustentável, inteligente e inclusiva.



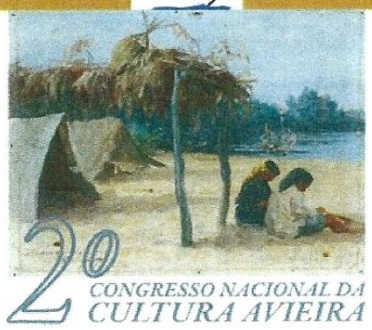
17 JUNHO - SANTARÉM
IPS - Instituto Politécnico de Santarém
PAINÉIS TEMÁTICOS

- 08h45 – 10h00 | Recepção e creditação
- 10h00 – 11h00 | Sessão solene de abertura e apresentação detalhado do projecto
- 11h00 – 11h30 | Coffee Break com apresentação de posters e exposições
- 11h30 – 13h00 | Painel I: "Políticas Locais de Desenvolvimento – Projectos em Acção"
- Painel IV: "Dimensões da Cultura Avieira: Contributos para a Candidatura a Património Nacional"
- 13h00 – 14h00 | Almoço
- 14h00 – 14h30 | Sessão de posters e exposições
- 14h30 – 17h30 | Painéis temáticos simultâneos:
  Painel II: "Oportunidades no Turismo Regional"
  Painel III: "Ambiente, Ordenamento do Território e Inovação"
  Painel V: "Políticas Locais de Desenvolvimento - Recursos e Desafios"
  Painel VI: "Os PROVERES do INALENTEJO"
- 17h30 – 18h00 | Coffee Break
- 18h00 – 19h00 | Sessão solene de encerramento. Apresentação das conclusões dos painéis temáticos e orientações para as candidaturas
- 20h30 | Jantar temático na Taverna do Ramiro, nas Caneiras

18 JUNHO - RIO TEJO
IPS - Instituto Politécnico de Santarém
PASSEIO DE BARCO

- 10h00 | Partida do Instituto Politécnico de Santarém
- 10h30 | Partida de barco do Escaroupim
- 11h00 | Desembarque na aldeia avieira da Palhota e visita
- 12h00 | Desembarque na aldeia avieira do Escaroupim e visita
- 13h00 | Viagem de autocarro até Benfica do Ribatejo
- 13h30 | Almoço no Pólo Sociocultural de Benfica do Ribatejo
  Visita ao Museu do Pólo Sociocultural com actuação do Rancho Folclórico de Benfica do Ribatejo
- 16h30 | Regresso a Santarém

Organização: Co-Financiamento: Alto Patrocínio:
Parceiros do Evento: Media Partner:
Comunicação Programação Cultural
Apoios:
Caixa Geral de Depositos 50 ANOS A DESPERTAR PORTUGAL unicer sumol+compal



PROGRAMA

17 de Junho de 2011 – IPS – Escola Superior de Educação de Santarém

08h45 – 10h00 | Recepção e creditação

10h00 – 10h45 | Sessão solene de abertura
Jorge Alberto Guerra Justino - Presidente do Instituto Politécnico de Santarém
João Teixeira Leite - Vereador da Câmara Municipal de Santarém
Sónia Sanfona - Governadora Civil de Santarém
Teresa Godinho - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo
Clara Bertrand Cabral - Representante da Comissão Nacional da UNESCO

10h45 – 11h00 | Evocação a Alves Redol
Vítor Viçoso

11h00 – 11h30 | Coffee Break com apresentação de posters e exposições

11h30 – 13h00 | Painel temático:

PAINEL I: "POLÍTICAS LOCAIS DE DESENVOLVIMENTO – PROJECTOS EM ACÇÃO"

11h30-11h40 | Moderador: Rui Baleiras
11h40-11h50 | João Serrano - Coordenador do Projecto "A Cultura Avieira a Património Nacional
"A Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional – Gestão, Coordenação e Execução da Estratégia de Eficiência Colectiva"
11h50-12h00 | Laudemira Ramos - Assessora da Presidência da Administração da Região Hidrográfica do Tejo
"Políticas de Desenvolvimento Regional no Contexto da Cultura Avieira"
12h00-12h10 | Câmara Municipal de Santarém
12h10-12h20 | Câmara Municipal de Cartaxo
12h20-12h30 | Câmara Municipal de Almeirim
12h30-12h40 | Câmara Municipal de Azambuja
12h40-12h50 | Câmara Municipal de Salvaterra de Magos
12h50-13h00 | Câmara Municipal de Alpiarça

13h00 – 14h00 | Almoço

14h00 – 14h30 | Sessão de posters e exposições

14h30 – 17h30 | 4 painéis temáticos simultâneos:

PAINEL II: "OPORTUNIDADES NO TURISMO REGIONAL"

14h30h-14h45 | Moderador: Joaquim Rosa do Céu, Presidente da Entidade Regional de Turismo de Lisboa e Vale do Tejo

14h45-15h00 | Licínio Cunha
"A Importância do Turismo na Socioeconomia";
15h00-15h15 | Maria de Lurdes Véstia [por Carlos Lopes Bento]
"As oportunidades no Turismo Rural"
15h15-15h30 | Elias Cachado Rodrigues
"A Cultura Avieira na Identidade do Ribatejo"
15h30-15h45 | Luís Mota Figueira e Carla Pirralha – Instituto Politécnico de Tomar
"A Construção de Rotas Turísticas como Acção de Valorização da Cultura Avieira Inerentes ao Processo de Candidatura a Património Nacional"
15h45-16h00 | Américo Mateus – Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing de Lisboa
"A Marca Avieira"
16h00-16h15 | Inês Roque - Arquitectos Sem Fronteiras
"Proposta de caracterização física da Rota de Aldeias Avieiras do Tejo"
16h15-17h30 | Questões e debate sobre o tema.

PAINEL III: "AMBIENTE, ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E INOVAÇÃO"

14h30h-14h45 | Moderador: Aníbal de Freitas Lopes

14h45-15h00 | Pedro Teiga
"Projecto Rios"
15h00-15h15 | Manuel Duarte Pinheiro, Instituto Superior Técnico
"A Construção Sustentável LiderA e a Criação de Valor no Sector do Turismo"
15h15-15h30 | Ana Lídia Virtudes, Filipa Almeida, Ana Tavares Martins, João Lanzinha
"Aldeias Avieiras: Identidade de um Património Urbanístico a Preservar"
15h30-15h45 | Vânia Teles Loureiro e Ana Lídia Virtudes
"Da Arquitectura Vernacular à Informalidade Contemporânea dos Assentamentos - Reabilitação Urbana do Bairro Avieiros da Póvoa de Santa Iria"
15h45-16h00 | Maria Rosália da Palma Guerreiro e Israel Vindeirinho Guarda
"Avieiros do Tejo: Espaço, Ambiente, Expressão e Adaptação"
16h00-16h15 | Teresa Álvares - Chefe do Gabinete de Sistemas de Informação da Administração da Região Hidrográfica do Tejo
"Requalificação e Limpeza das Linhas de Água"
16h15-16h30 | Universidade de Aveiro
"A avifauna do Tejo"
16h30-16h45 | Maria João Cardoso - Divisão de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara Municipal de Santarém
"Estratégias de Ambiente e Desenvolvimento Sustentável Diferenciadoras na Actuação dos Municípios"
16h45-17h00 | Questões e debate sobre o tema.

PAINEL IV: "DIMENSÕES DA CULTURA AVIEIRA: CONTRIBUTOS PARA A CANDIDATURA A PATRIMÓNIO NACIONAL"

14h30h-14h45 | Moderador: Pedro Sequeira – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém

14h45-15h00 | Ricardo Severino Salomão Lopes
"Cultura dos Pescadores, Cultura Avieira, Património Nacional"
15h00-15h15 | Maria Micaela Ramos Trindade Soares
"A Fala Avieira"
15h15-15h30 | Theresa Lobo
"O Traje Avieiro"

15h30-15h45 | António Matias Coelho
"Os Avieiros de Montante: Memórias e Vivências da Chamusca e de Constância"
15h45-16h00 | Carlos Alberto Barbosa
"Barco Avieiro - A sua Recuperação como Factor Estratégico de Desenvolvimento Sustentável"
16h00-16h15 | Luís Romão
"O Barco"
16h15-16h30 | Carlos Batata
"Arqueologia e Pesos de Rede"
16h30-16h45 | Mónica silva, Paulo Mendonça e Jorge Branco
"Os Palheiros da Região de Ovar: Contributo para uma Análise Construtiva e Funcional das Construções Tradicionais em Madeira"
16h45-17h00 | Carlos Dias
"As Casas do Patacão"
17h00-17h15 | Alfredo Pinheiro Marques - Centro de Estudos do Mar - CEMAR, Figueira da Foz - Praia de Mira
"Sob a Estrela do Norte: nas Rias de Aveiro/Ílhavo, de Montemor/Buarcos, de Santarém/Lisboa, e de Palmela/Setúbal"
17h15-17h30 | Luís Cosme
"Os Avieiros das Caneiras"
17h30-17h45 | Maria de Lurdes Véstia
"Programa Tesouros Humanos Vivos e Candidatura da Cultura Avieira à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade"

PAINEL VI: "OS PROVERES DO INALENTEJO"

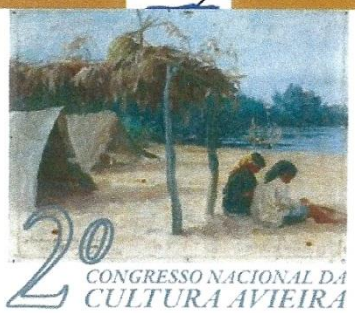
14h30h-14h45 | Moderador: Teresa Serrano – Vice-Presidente do instituto Politécnico de Santarém

14h45-15h00 | João Serrano – Instituto Politécnico de Santarém
"A Cultura Avieira a Património Nacional"
15h00-15h15 | Marco Gomes - Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade
"InMotion: Alentejo, Turismo e Sustentabilidade"
15h15-15h30 | João Serrano Nunes - Comunidade Intermunicipal ao Alentejo Litoral
"Reinventar e Descobrir – Da Natureza à Cultura"
15h30-15h45 | Susana Cruz - Município de Coruche
"O Montado de Sobro e Cortiça"
15h45-16h00 | Marta Cortegano – Associação de Defesa do Património de Mértola - Município de Almodôvar
"Valorização dos Recursos Silvestres do Mediterrâneo – Uma Estratégia para as Áreas de Baixa Densidade do Sul de Portugal"
16h00-16h15 | Sérgio Morais Carrinho - Município da Chamusca
"AMBINOV – Soluções Inovadoras em Ambiente, Resíduos e Energias Renováveis"
16h15-16h30 | Ondina Maria Giga - Município de Borba
"Zona dos Mármores"
16h30-17h30 | Questões e debate sobre o tema.

17h30 – 18h00 | Coffee Break com apresentação de posters e exposições

18h00 – 19h00 | Apresentação das conclusões dos painéis temáticos e orientações para as candidaturas
| Sessão solene de encerramento
Moderador: Teresa Serrano – Vice-Presidente do instituto Politécnico de Santarém

20h30 | Jantar temático na Taverna do Ramiro, nas Caneiras



PROGRAMA CULTURAL

18 de Junho de 2011 – Passeio no Rio Tejo

10h00 | Partida do Instituto Politécnico de Santarém

10h30 | Partida de barco do Escaroupim

11h00 | Desembarque na aldeia avieira da Palhota e visita

12h00 | Desembarque na aldeia avieira do Escaroupim e visita

13h00 | Viagem de autocarro até Benfica do Ribatejo

13h30 | Almoço no Pólo Sociocultural de Benfica do Ribatejo

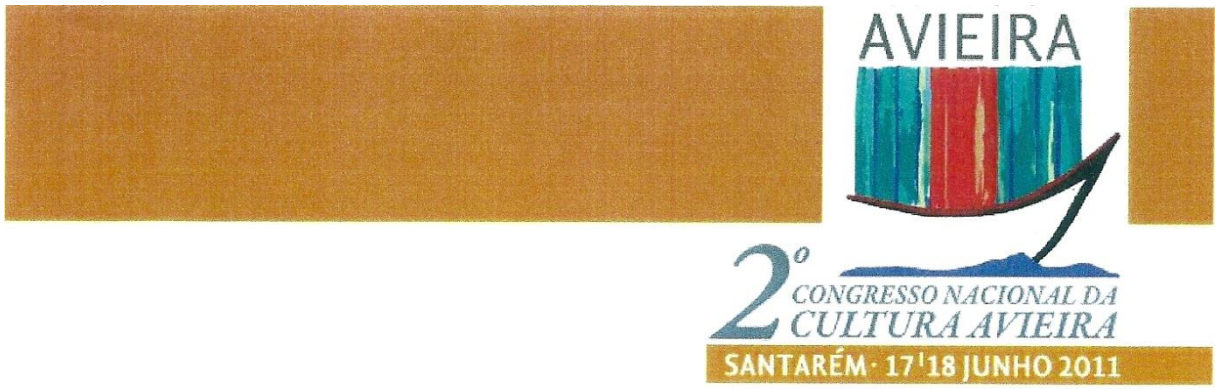
Visita ao Museu do Pólo Sociocultural com actuação do Rancho Folclórico de Benfica do Ribatejo

16h30 | Regresso a Santarém

04 a 24 de Junho de 2011 – Exposição *"Celebração da Cultura Costeira"*

Local: Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Santarém

Horário: Segunda a Domingo, das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30.



COMISSÃO DE HONRA

A Comissão de Honra do 2.º Congresso Nacional da Cultura Avieira, é presidida por Sua Excelência o Senhor Presidente da República, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, integrando ainda:

Exma. Senhora Ministra da Cultura, Maria Gabriela da Silveira Canavilhas
Exma. Senhora Governadora Civil de Santarém, Sónia Sanfona
Exmo. Senhor Presidente do Instituto Politécnico de Santarém, Jorge Alberto Guerra Justino
Exmo. Senhor Presidente da Comunidade Intermunicipal da Lezíria do Tejo, Joaquim Gameiro de Sousa Gomes
Sua Excelência, o Senhor Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino Domingues
Exmo. Senhor Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, João de Deus Cabral Cordovil
Exma. Senhora Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, Maria Teresa Mourão de Almeida
Exmo. Senhor Presidente da Entidade Regional do Turismo de Lisboa e Vale do Tejo, Joaquim Rosa do Céu
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santarém, Francisco Moita Flores
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Cartaxo, Paulo Caldas
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Almeirim, Joaquim Gameiro de Sousa Gomes
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Azambuja, Joaquim António Ramos
Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, Ana Cristina Ribeiro
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Alpiarça, Mário Pereira
Exma. Senhora Dra. Maria Micaela Soares
Exmo. Senhor Contra Almirante José Bastos Saldanha

COMISSÃO ORGANIZADORA

Exma. Senhora Vice-Presidente do Instituto Politécnico de Santarém, Professora Doutora Maria Teresa Serrano
Exmo. Senhor coordenador do projecto *"A Cultura Avieira a Património Nacional"*, Dr. João Serrano
Exmos. (as) Senhores (as) da Direcção Executiva do projecto *"A Cultura Avieira a Património Nacional"*
Integram ainda esta comissão funcionários do Instituto Politécnico de Santarém

AVIEIRA

2º CONGRESSO NACIONAL DA CULTURA AVIEIRA

SANTARÉM · 17 | 18 JUNHO 2011

PARTICIPANTE

Certifica-se que MARIA ALEXANDRA FERRO participou no 2.º Congresso Nacional da Cultura Avieira, que decorreu no Instituto Politécnico de Santarém, na Escola Superior de Educação, a 17 de Junho de 2011.

Santarém, 17 de Junho de 2011

O Presidente

Professor Coordenador Principal
Jorge Alberto Guerra Justino

Organização: Co-Financiamento: Alto Patrocínio:

1º SARDINHADA AVIEIRA

ASSOCIAÇÃO CULTURAL AVIEIROS DA PÓVOA DE SANTA IRIA

Associação Cultural AVIEIROS PÓVOA SANTA IRIA
Fundada em 14-03-2012

Sábado dia 16-06-2012
A partir das 19H00

SARDINHA ASSADA

BIFANAS

CALDO VERDE

ENTREMEADAS

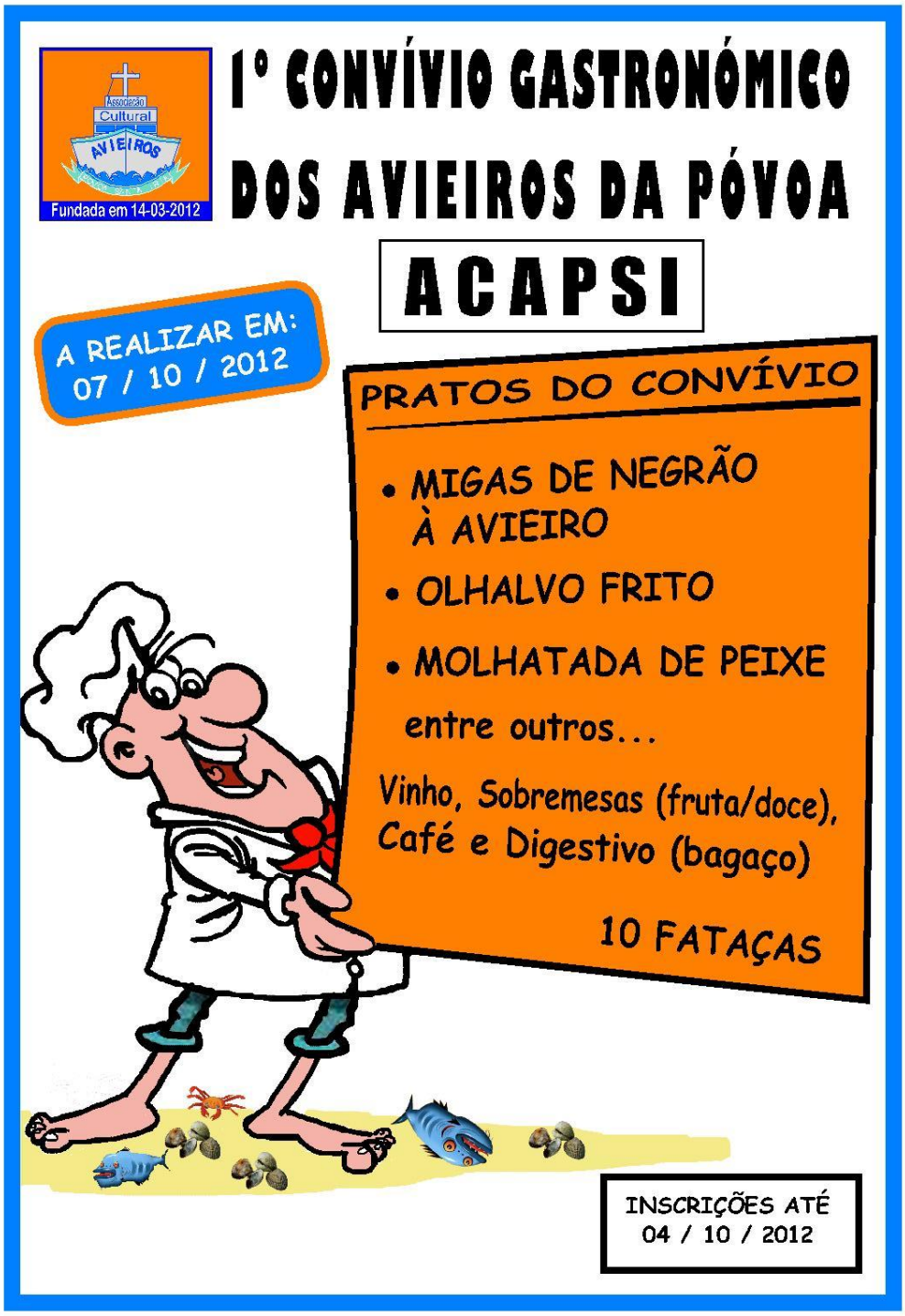
BEBIDAS

MUITA ALEGRIA

ANIMAÇÃO

MUSICA AO VIVO, VEM DIVERTIR-TE COMNOSCO

Associação Cultural
AVIEIROS
Fundada em 14-03-2012
BENÇÃO DOS BARCOS 01 SETEMBRO 2012
Convite
Convida-se toda a Comunidade Avieira, Pescadores Desportivos e Outros
que queiram participar com suas embarcações na referida cerimónia a fazerem a sua inscrição (gratuita),
Cerimónia inserida nas Festas da Cidade da Póvoa Santa Iria


Associação Cultural AVIEIROS
Fundada em 14-03-2012
1º CONVÍVIO GASTRONÓMICO
DOS AVIEIROS DA PÓVOA
ACAPSI
A REALIZAR EM:
07 / 10 / 2012
PRATOS DO CONVÍVIO
• MIGAS DE NEGRÃO À AVIEIRO
• OLHALVO FRITO
• MOLHATADA DE PEIXE
entre outros...
Vinho, Sobremesas (fruta/doce), Café e Digestivo (bagaço)
10 FATAÇAS
INSCRIÇÕES ATÉ
04 / 10 / 2012

Consagração da imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo - PROGRAMA

Caixa de entrada x

Cultura Avieira <culturavieira@gmail.com> 26/04/13

para Bcc:mim

As nossas saudações,

Vai realizar-se em Santarém no sábado dia 4 de Maio de 2013, às 16 horas, a missa de consagração da imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo, presidida pelo Sr. Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino Domingues.
A anteceder a missa, o cantor José Cid cantará "Nossa Senhora do Tejo", de sua autoria.
A missa será acompanhada pelo Coro Polifónico da Golegã.
A missa terá lugar na Igreja de Jesus Cristo, da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, às 16 horas, a que se seguirá uma homenagem a 6 Avieiros - homens e mulheres - de seis aldeias piscatórias do Tejo e do Sado. Com esta iniciativa valorizaremos aqueles que, com a sua vida e o seu exemplo, contribuíram para afirmar a cultura Avieira. Chamamos-lhes "porta-vozes da cultura Avieira".
O Programa continuará com uma procissão, exibição de ranchos Avieiros, mostra de artesanato e outras iniciativas que constam do Programa que anexamos.
Por estas razões, serve esta mensagem como um convite para assistir e participar nestas cerimónias e actos relevantes para a afirmação identitária desta cultura singular.

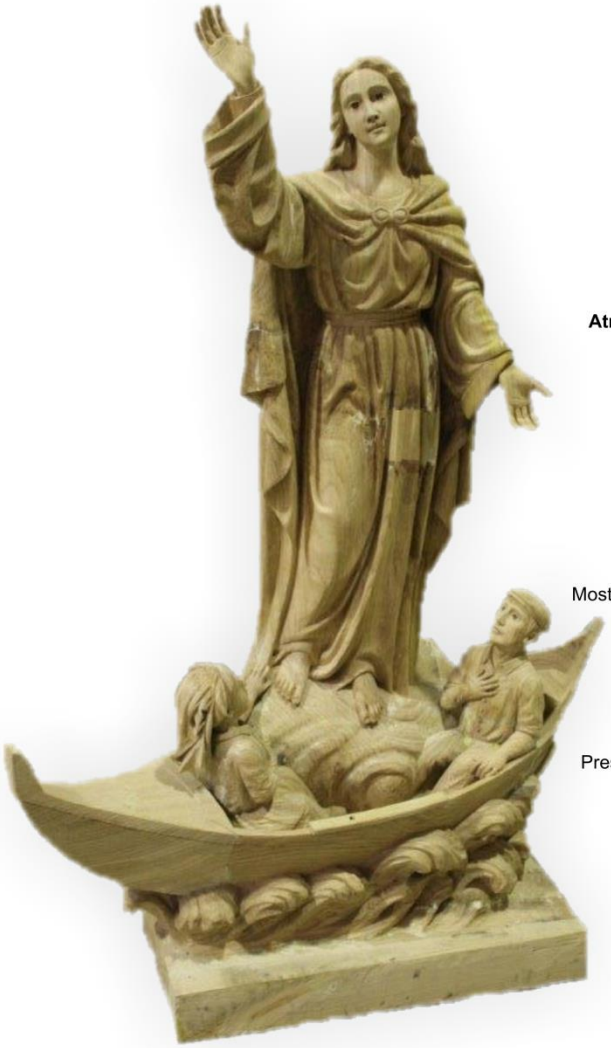
O Gabinete de Coordenação do projecto Avieiro.

4 | Maio | 2013

Bênção e Consagração da Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo

Celebração na Igreja de Jesus Cristo
(antigo Hospital)

SANTARÉM



Programa

16h00
Igreja de Jesus Cristo
Presença do **cantor José Cid** para cantar |Nossa Senhora do Tejo|
Missa presidida pelo Sr. Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino Domingues
Participação do Coro Polifónico da Golegã
Atribuição do título |Porta-voz da Memória Avieira| a 6 pescadores Avieiros(as)

Procissão com a Imagem de Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo para a Igreja de S. Nicolau, acompanhada de Ranchos Avieiros

17h30
Largo Ramiro Nobre (S. Nicolau)
Actuação de Ranchos Folclóricos Avieiros
Livraria - Aqui Há Gato
|Histórias com Sabor a Mar|

Mostra de artesanato e artigos alusivos à cultura Avieira
Venda de doces e artesanato, pelas equipas |Um Dia Pela Vida|, de Santarém (LPCC)

21h30
Igreja de S. Nicolau
Oração das Mães, com testemunhos de mães sobreviventes ao cancro
Presença da LPCC - Liga Portuguesa Contra o Cancro

Nossa Senhora, Homem e Mulher Avieira

Organização

IPS - Instituto Politécnico de Santarém | APCA - Associação para a Promoção da Cultura Avieira | ACAPSI - Associação Cultural dos Avieiros de Póvoa de Santa Iria
Associação do Rancho Folclórico dos Avieiros de Escaroupim | Associação Palhota Viva | GIDHA - Grupo de Integração e de Desenvolvimento Humano da Azinhaga
AIDIA - Associação Independente para o Desenvolvimento Integrado de Alpiarça | Paróquia de S. Nicolau

Coordenação: Gabinete da Cultura Avieira / IPS
Apoios: Diocese de Santarém, Câmara Municipal de Santarém, Junta de Freguesia de S. Nicolau
Colaboração: Livraria - Aqui Há Gato; Liga Portuguesa Contra o Cancro

1º CRUZEIRO RELIGIOSO DOS AVIEIROS E DO TEJO

25 de Maio a 1 de Junho de 2013 - Etapas e horários

> Dia 24 de Maio (6ª-feira): INÍCIO DA RECEPÇÃO A PEREGRINOS E EMBARCAÇÕES

> Dia 25 de Maio (sábado): Constância – Azinhaga

10h00 – Constância
Saída da imagem da Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo da igreja matriz de Constância em procissão até ao Tejo. Bênção das embarcações participantes.
11h00 – Despedida da Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo e início do Cruzeiro
11h30 – Chegada a Praia do Ribatejo. Pequena cerimónia de acolhimento e de despedida à imagem de Nossa Senhora.
11h45 – Saída, em direcção a Tancos.
12h15 – Chegada a Tancos, com uma cerimónia de acolhimento.
12h30 – Partida, em direcção a Vila Nova da Barquinha.
13h00 – Chegada a Vila Nova da Barquinha.
13h30 – Almoço
15h00 – Saída, em direcção à Chamusca.
16h00 – Chegada à Chamusca com a celebração de uma Missa Campal.
18h30 – Saída, em direcção à Azinhaga.
19h30 – Chegada à Azinhaga.
Transporte da imagem da Santa para a sede da Junta de Freguesia ou para uma Capela.
20h30 – Jantar. Fim do 1.º dia.
Pernoita.

> Dia 26 de Maio (domingo): Azinhaga – Caneiras

09h00 – Saída de Azinhaga
12h00 – Chegada ao Patacão, com recepção pelo Grupo Etnográfico "Albandeio".
12h30 – Almoço ao ar livre, com a colaboração do "Albandeio".
15h00 – Saída, em direcção a Barreiras da Bica (aldeia Avieira, em Vale de Figueira – Santarém).
15h30 – Chegada a Barreiras da Bica.
16h00 – Saída, em direcção a Ribeira de Santarém.
16h30 – Chegada a Ribeira de Santarém.
17h00 – Saída de Ribeira de Santarém, em direcção a Caneiras.
18h00 – Chegada a Caneiras.
Transporte da imagem da Santa para a Capela de Caneiras.
Celebração de uma missa na Capela.
20h00 – Jantar. Fim do 2.º dia.
Pernoita.

> Dia 27 de Maio (2ª-feira): Caneiras – Valada

09h00 – Saída de Caneiras.
12h00 – Chegada a Valada do Ribatejo, com recepção pelo Grupo do Centro de Dia.
12h30 – Almoço, organizado pela OLLEM, empresa de turismo fluvial.
15h00 – Saída em direcção a Escaroupim.
15h30 – Chegada a Escaroupim. Actividades, com a colaboração da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos.
20h00 – Jantar, em colaboração com a Câmara Municipal de Salvaterra de Magos e a Escola Profissional de Salvaterra de Magos.
Saída, sem estimativa de hora de partida, em direcção a Valada
Valada – Chegada – 30 minutos após partida do Escaroupim. Fim do 3.º dia
Pernoita.

> Dia 28 de Maio (3ª-feira): Valada – Vila Franca de Xira

10h00 – Saída de Valada em direcção a Vila Franca de Xira.
10h30 – Chegada à Palhota.
11h00 – Saída da Palhota.
11h30 – Chegada ao Porto da Palha (no concelho de Azambuja).
12h00 – Almoço.
14h00 – Saída do Porto da Palha.
17h00 – Chegada a Vila Franca de Xira.
20h00 – Jantar, com a colaboração da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Fim do 4.º dia.
Pernoita.

> Dia Dia 29 de Maio (4ª-feira): Vila Franca de Xira – Póvoa de Santa Iria

10h00 – Saída de Vila Franca de Xira em direcção à Póvoa de Santa Iria.
11h00 – Alhandra – Saudação à comunidade de Alhandra.
12h00 – Chegada à Póvoa de Santa Iria.
13h00 – Almoço em Póvoa de Santa Iria.
Actividades, com a ACAPSI durante o dia.
20h00 – Jantar. Fim do 5.º dia.
Pernoita.

> Dia 30 de Maio (5ª-feira): Póvoa de Santa Iria – Sarilhos Pequenos

12h30 – Almoço em Póvoa de Santa Iria.
16h00 – Saída de Póvoa de Santa Iria em direcção ao Montijo.
18h30 – Pequena paragem de 10 minutos em frente à BA6 para saudação à F.A. Portuguesa.
19h00 – Chegada ao Montijo, onde se realizará um pequeno desfile de 15 minutos (sem paragem) em frente ao Cais dos Vapores.
19h15 – Saída do Montijo em direcção a Sarilhos Pequenos.
19h30 – Chegada a Sarilhos Pequenos, onde se realizará uma breve cerimónia.
20h00 – Jantar em Sarilhos Pequenos. Fim do 6.º dia.
Pernoita.

> Dia 31 de Maio (6ª-feira): Sarilhos Pequenos – Seixal

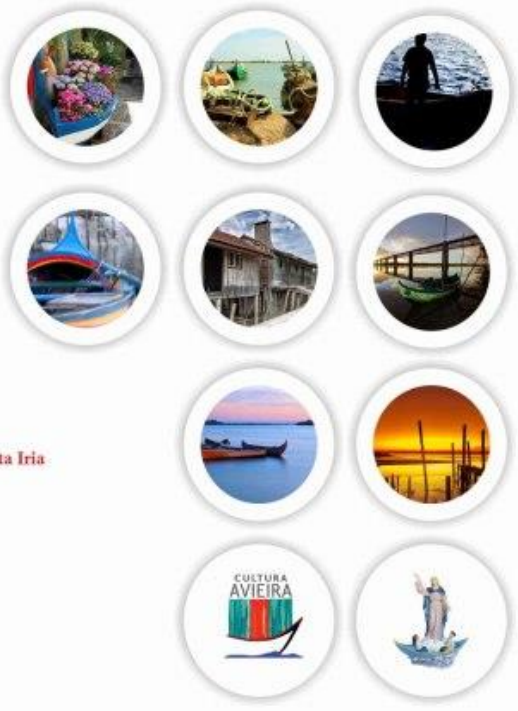
08h30 – Saída de Sarilhos Pequenos, em direcção ao Seixal.
11h00 – Chegada ao Seixal, onde se realizará uma breve cerimónia.
12h30 – Almoço no Seixal.
19h00 – Desfile na Baia do Seixal.
20h30 – Jantar no Seixal. Fim do 7.º dia.
Pernoita.

> Dia 1 de Junho (sábado): Seixal – Trafaria

09h00 – Saída do Seixal em direcção à Trafaria.
09h30 – Entrada na B.N.L. Alfeite. 10 minutos para uma pequena saudação à Marinha.
11h00 – Chegada à Trafaria.
12h00 – Almoço na Trafaria.
15h00 – Cerimónia Solene do 1.º Cruzeiro Religioso Avieiro e do Tejo.
17h00 – Desfile na Trafaria.
19h30 – Jantar na Trafaria. Fim do 8.º dia e do 1º Cruzeiro.
Pernoita.

> Dia 2 de Junho: Regresso (Trafaria – Locais de Origem)

08h00 – Saída ritual das embarcações para os seus locais de origem.



Like Us On facebook
https://www.facebook.com/avieirostejo?fref=tsa

II CRUZEIRO RELIGIOSO DO TEJO
17 DE MAIO A 15 DE JUNHO DE 2014
PROGRAMA POR ETAPAS
«Nas margens do rio está a árvore da Vida» (Ap22.2)
13h00. ALVEGA
14h00. MOURISCAS
14h30. BARCA DO PEGO
15h00. PEGO
17h00. ROSSIO AO SUL DO TEJO
17 Maio | sábado 1
09h00. ROSSIO AO SUL DO TEJO
10h00. TRAMAGAL
10h30. RIO DE MOINHOS
12h00. CONSTÂNCIA
14h15. PRAIA DO RIBATEJO
15h00. TANCOS
15h05. ARRIPIADO
15h45. VILA NOVA DA BARQUINHA
17h30. CHAMUSCA
20h00. AZINHAGA
06 Junho | sexta 2
10h00. AZINHAGA
12h00. PATACÃO
14h30. BARREIRA DA BICA
16h20. ALMEIRIM
16h30. RIBEIRA DE SANTA IRIA
18h45. ALFANGE
19h30. CANEIRAS
07 Junho | sábado 3
10h30. CANEIRAS
12h00. PORTO DE MUGE
13h00. VALADA
22h00. [Entre Valada e Escaroupim procissão fluvial noturna]
22h30. ESCAROUPIM
08 Junho | domingo 4
13h00. ESCAROUPIM
13h30. PALHOTA
15h00. PORTO DA PALHA
16h00. VALA DO CARREGADO
16h30. VILA FRANCA DE XIRA
09 Junho | segunda 5
11h00. VILA FRANCA DE XIRA
12h00. ALHANDRA
15h00. PÓVOA DE SANTA IRIA
10 Junho | terça 6
16h00. PÓVOA DE SANTA IRIA
17h30. MARINA DO PARQUE DAS NAÇÕES
14 Junho | sábado 7
10h00. LISBOA - MARINA DO PARQUE DAS NAÇÕES
15 Junho | domingo 8
TRAFARIA 12h30
17h00. PAÇO DE ARCOS
NOSSA SENHORA DOS AVIEIROS E DO TEJO
galp energia
VIVER O TEJO
MUTUA
AIDIA
envolve
GIDHA
tagus
offem
NERJANT
910997773 | cruzeiro.religioso.do.tejo@gmail.com /cruzeiro.religioso.do.tejo

Seminário “Sável - Afirmação de uma Marca do Tejo“ – 21 de março

21 mar 2015

Local:

Pavilhão Multiusos em Vila Franca de Xira

Horário:

9h00

O produto turístico “sável” estará também em foco num seminário a levar a cabo pela Autarquia no próximo dia 21 de março, a partir das 9h00, no Pavilhão Multiusos em Vila Franca de Xira. Dirigido a setores e a organismos oficiais do Turismo, ao comércio, mas também ao público em geral, o evento, sob o lema “Sável - A Afirmação de uma Marca do Tejo”, tratará desta tradição enquanto identidade. Além de relevantes intervenções e diversa animação está previsto no programa um showcooking com o Chef Hélio Loureiro.

Seminário "Sável - Afirmação de uma Marca do Tejo" – 21 de março

PROGRAMA

9h00 –Acreditação

9h45 – Abertura do Seminário | Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira - Alberto Mesquita

10h00 – PAINEL I | NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A CULTURA TAGANA

Academia de Cultura de Vila Franca de Xira - David Silva Instituto Politécnico de Santarém | Coordenador do Projeto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Imaterial, Nacional e da Unesco - João Monteiro Serrano Associação dos Avieiros de Vila Franca de Xira - Luís Moreira Associação dos Varinos de Vila Franca de Xira - Ana Serra Moderador – Vice-Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira - Fernando Paulo Ferreira

10h45 – Pausa para Café

11h00 – PAINEL II | VALOR ECONÓMICO DA MARCA

Entidade Regional de Turismo da Região Lisboa | Diretor do Núcleo de Estruturação do Produto e Qualificação da Oferta - Jorge Humberto Pinheiro da Silva Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

- Alberto Mesquita

Federação Portuguesa das Confrarias Gastronómicas

- Olga Cavaleiro

Moderador – Luís Ferreira Lopes - Editor de Programas Especiais de Informação SIC / "Sucesso.pt"

11h45 – Debate

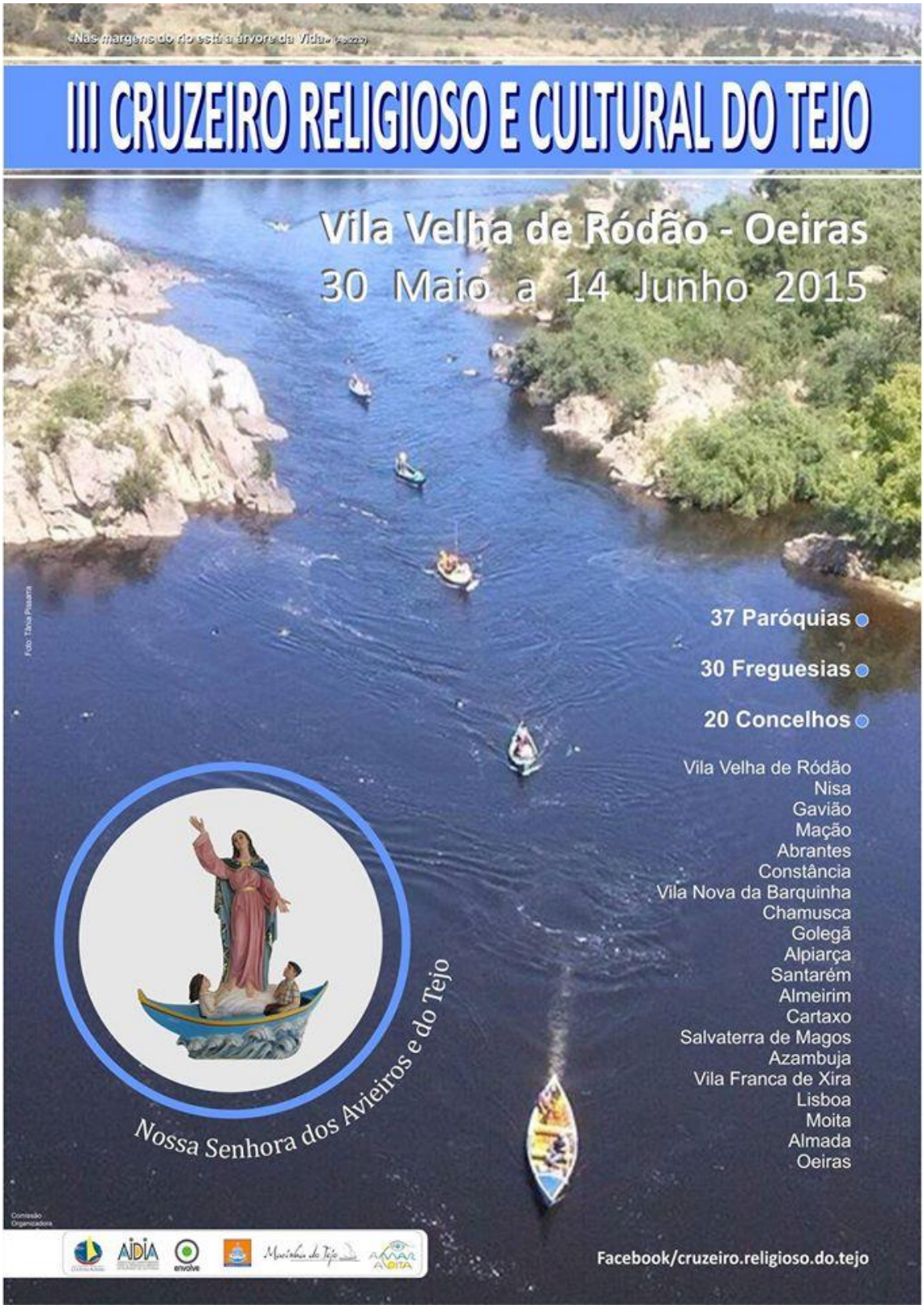
12h00 – ANIMAÇÃO

ShowCooking - Chef Hélio Loureiro Apresentação de Vinhos da Região Rancho dos Avieiros Artesanato temático

13h30 – ENCERRAMENTO DO SEMINÁRIO

Sugerimos almoço nos Restaurantes Participantes

na Campanha "Março, Mês do Sável"


«Nas margens do rio está a árvore da Vida» (Ap 22,2)
III CRUZEIRO RELIGIOSO E CULTURAL DO TEJO
Vila Velha de Ródão - Oeiras
30 Maio a 14 Junho 2015
37 Paróquias
30 Freguesias
20 Concelhos
Vila Velha de Ródão
Nisa
Gavião
Mação
Abrantes
Constância
Vila Nova da Barquinha
Chamusca
Golegã
Alpiarça
Santarém
Almeirim
Cartaxo
Salvaterra de Magos
Azambuja
Vila Franca de Xira
Lisboa
Moita
Almada
Oeiras
Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo
Facebook/cruzeiro.religioso.do.tejo

Coroação
da Nossa Senhora
dos Avieiros e do Tejo
VILA VELHA RÓDÃO
02 | Maio | 2015
Integrado no
Encontro Diocesano do Apostolado da Oração em Vila Velha de Ródão
Programa
13h00
Almoço partilhado
(traga o seu farnel)
14h30
Momento Musical
17h00
Eucaristia
Coroação da Nossa Senhora
dos Avieiros e do Tejo
Organização:
Apostolado da Oração da Diocese de Portalegre e Castelo Branco
A Equipa Diocesana
Apoio:
Comissão Organizadora do III Cruzeiro Religioso e Cultural do Tejo
N.S.A.T.

CRUZEIRO RELIGIOSO E CULTURAL DO TEJO
Nossa Senhora dos Avieiros e do Tejo
VILA VELHA DE RODÃO
MAÇÃO
Belver
Gardete
Fratel
Ortiga
Barca
Mouriscas
ABRANTES
Alvega
Pego
Rossio Ao Sul Do Tejo
Tramagal
Rio De Moinhos
GAVIÃO
Amieira do Tejo
Chão da Velha
Santana
NISA
CONSTÂNCIA
Praia Do Ribatejo
Tancos
Arripiado
VILA NOVA DA BARQUINHA
CHAMUSCA
Porto das Mulheres
GOLEGÃ
Azinhaga
ALPIARÇA
Vale de Figueira
Patacão
Ribeira de Santa Iria
ALMEIRIM
SANTARÉM
Alfange
Caneiras
Porto Mugem
Porto de Sabugueiro
CARTAXO
Valada
Escaroupim
SALVATERRA DE MAGOS
Palhota
Reguengo
AZAMBUJA
Porto da Palha
BENAVENTE
Reguengo
Vala do Carregado
VILA FRANCA DE XIRA
Esteiro doNogueira
Alhandra
Póvoa de Santa Iria
ALCOCHETE
MONTIJO
Sarilhos Pequenos
LISBOA
Parque Das Nações
MOITA
BARREIRO
SEIXAL
ALMADA
Trafaria
PAÇO DE ARCOS
3º Cruzeiro Religioso - 2015
Vila Velha de Rodão - Paços de Arcos
Parque de Campismo
Turismo Rural/Habitação
Nota:
Possíveis locais de pernoita dos turistas que estejam mais de um dia em visita aos respectivos concelhos e queiram integrar no cruzeiro como peregrinos.
A pernoita dos peregrinos no cruzeiro é assegurada pela organização nas comunidades ribeirinhas.
Linha do Comboio
CP - Estação
Nota:
Linha da CP, uma alternativa de ida até a Vila Velha de Rodão com a volta assegurada no cruzeiro depois de inscrição como peregrino.
MAPA DO TEJO
200 Km
«Nas margens do rio está a árvore da Vida» (Ap.22.2)

III Cruzeiro Religioso e Cultural do Tejo

30 de maio a 14 de junhoentre Vila Velha de Ródão e Oeiras

1ª Etapa, Sábado, 30 de Maio

09h30 - Bênção dos barcos do cruzeiro

10h00 - Partida de Vila Velha de Ródão

10h30 - Chegada a Santana

10h45 - Chegada a Fratel

11h00 - Cegada a Chão da Velha

13h00 - Chegada à Barragem do Fratel (Passagem de barcos na barragem do Fratel - 3h)

15h15 - Chegada a Gardete

16h00 - Chegada a Barca

16h45 - Chegada a Amieira

17h15 - Chegada a Belver

18h00 - Chegada a Ortiga (Pernoita) (Passagem de barcos na Barragem de Belver)

Programa cultural a combinar com a equipa local de Ortiga

2ª Etapa, Domingo, 31 de Maio

10h00 - Partida de Ortiga (bairro dos pescadores)

12h00 - Chegada a Alvega

13h30 - Chegada a Mouriscas (ALMOÇO)

17h00 - Chegada ao Pego

17h30 - Chegada a Barca do Pego

18h30 - Chegada a Rossio ao Sul do Tejo (JANTAR + FESTA)

Programa cultural a combinar com a equipa local do Rossio ao Sul do Tejo

1 a 5 de Junho - PARAGEM do Cruzeiro durante uma semana com atividades no rio para escolas do concelho de Abrantes

3ª Etapa, Sábado, 6 de Junho

09h00 - Partida do Rossio ao Sul do Tejo

10h00 - Chegada ao Tramagal

10h30 - Chegada a Rio de Moinhos

12h00 - Chegada a Constância

13h00 - Chegada a Praia do Ribatejo

14h00 - Chegada ao Arripiado (ALMOÇO)

15h30 - Chegada a Tancos

16h30 - Chegada a Vila Nova da Barquinha

17h45 - Chegada à Chamusca

18h45 - Chegada à Azinhaga (Cerimónia religiosa na praia do Tejo com o batismo de uma bateira Avieira) (a combinar com a Paróquia de Azinhaga e Junta de freguesia)

19h30 - Chegada ao Patacão - Alpiarça (JANTAR + FESTA) MISSA

Programa cultural na antiga aldeia Avieira do Patacão - Alpiarça: A DEFINIR

PRÉ-PROGRAMA

4ª Etapa, Domingo, 7 de Junho

10h00 - Partida do Patacão - Alpiarça

10h30 - Chegada a Vale de Figueira (Barreira da Bica)

12h00 - Chegada à Ribeira de Santarém (ALMOÇO + FESTA) (Equipa local: Rancho Folclórico da Ribeira de Santarém)

14h30 - Chegada a Alfange

15h30 - Chegada a Caneiras (Missa, em honra dos Avieiros falecidos)

17h30 - Chegada a Porto de Muge

19h00 - Chegada a Escaroupim (JANTAR) (equipa local: Rancho "Os Avieiros" de Escaroupim)

21h30 - Procissão fluvial nocturna: ESCAROUPIM - VALADA

22h30 - Chegada a Valada (MISSA na igreja matriz de Valada)

5ª Etapa, quarta-feira, 10 de Junho

09h30 - Partida de Valada

10h00 - Chegada à Palhota

11h00 - Chegada ao Porto da Palha

12h30 - Paragem na Vala do Carregado

13h00 - Chegada a Vila Franca de Xira (ALMOÇO)

(Equipa local: Rancho Folclórico "Os Avieiros de Vila Franca de Xira")

18h00 - Chegada a Alhandra (JANTAR + FESTA)

Programa cultural da equipa local de Alhandra:

(ainda a combinar com a equipa local: Rios e Marés - Associação de Pescadores de Alhandra)

6ª Etapa, Sábado, 13 de Junho

09h00 - Presença de uma bateira (barco tradicional) nas comemorações do Dia da Marinha no Cais das Colunas em Lisboa, integrado nas festas de Lisboa

14h00 - Partida de Alhandra

15h30 - Chegada à Póvoa de Santa Iria

18h00 - Chegada ao Parque das Nações

19h30 - Chegada à Moita (JANTAR + FESTA) MISSA

Programa cultural da equipa local da Moita:

(ainda a combinar com a equipa local)

7ª Etapa, Domingo, 14 de Junho

10h30 - Partida da Moita

12h30 - Chegada á Trafaria (ALMOÇO)

16h30 - Chegada a Paço de Arcos

18h00 - Chegada a Oeiras

19h00 - Missa Campal na Marina de Oeiras

(JANTAR + FESTA)